



Ramon Gilaberte Ramos

Como me tornei Clarice

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Paulo Fernando Henriques Britto

Rio de Janeiro
Março de 2017



RAMON GILABERTE RAMOS

Como me tornei Clarice

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Paulo Fernando Henriques Britto

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Marília Rothier Cardoso

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Ana Cristina de Rezende Chiara

UERJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de março de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Ramon Gilaberte Ramos

Graduou-se em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2008. Foi monitor da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa durante a graduação. Escreveu os livros *Tinta* (poesia – 2012) e *Caroço* (conto – 2013). Foi professor de Literatura e Língua Portuguesa por cinco anos.

Ficha Catalográfica

Ramos, Ramon Gilaberte

Como me tornei Clarice / Ramon Gilaberte Ramos ; orientador: Paulo Fernando Henriques Britto. – 2017.
184 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Clarice Lispector. 3. Escrita. 4. Corpo. 5. Morte. 6. Abandono. I. Britto, Paulo Fernando Henriques. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para minha vó Lea
com quem sempre almocei
aos domingos e que achava
muito triste tudo isso
que eu escrevo

Agradecimentos

Ao Nonato, pelas senhas, pelos cafés, pelo afeto.

À Helena Martins — sem a qual eu não teria ingressado neste curso de mestrado —, pelos devires, pelo Descartes que me trouxe a caixa de abelhas.

À Ana Kiffer — sem a qual eu não teria aprendido a confiar na minha escrita (meio desviante) como também produtora de pensamento.

Ao Fred Coelho — sem o qual eu não teria ido até o fim deste percurso — por aquietar a reatividade deste explosivo angustiado que sou, mesmo durante as aulas.

Ao Paulo Henriques Britto, pela cuidadosa e precisa orientação; sem o qual o texto não respiraria.

Aos amigos Suzana, M. Silvia e Francisco. Suzana, por me devolver Cesar Aira; Silvia, por me cuidar; Francisco, por me lembrar que sou da linhagem de Barthes.

A Ana Chiara e Marília Rothier, sofisticadas e irrespiráveis, banca que felizmente me bancou.

A todos que um dia me tiveram como professor.

Ao Jurandir.

Resumo

Ramos, Ramon Gilaberte; Britto, Paulo Fernando Henriques. **Como me tornei Clarice**. Rio de Janeiro, 2017. 184p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Como me tornei Clarice divide-se em três partes. A primeira parte se intitulada “Cansaço” e se constitui de contos que reconstituem o final da vida de seis autores de literatura brasileira. A saber: Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, Torquato Neto, Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst. Misturando elementos ficcionais com biográficos, os contos almejam elaborar um jogo narrativo em que os fatos possam ser tomados pela ficção. A segunda parte se constitui do par de contos “Latejos” e Enxame”. Neles, a voz que narra revela um escritor que passava seus dias se sentindo só em meio ao caos urbano (“Latejos”) que decide, então, promover fisicamente a imagem do isolamento ao se mudar para um sítio rural a fim de cultivar abelhas (“Enxame”). A terceira e última parte, que dá título à dissertação, é o ensaio autobiográfico “Como me tornei Clarice”, que dá sequência às partes ficcionais I e II explicita o processo de composição dos contos de “Cansaço” bem como busca demonstrar o estado de perturbação necessário para a escrita do homem de trinta anos resistindo à ânsia de seu próprio fim elaborado em “Latejos” e aprofundado em “Enxame”.

Palavras-chave

Clarice Lispector; Ana Cristina Cesar; Paulo Leminski; Torquato Neto; Caio Fernando Abreu; Hilda Hilst; escrita; abandono; desistência; corpo.

Abstract

Ramos, Ramon Gilaberte; Britto, Paulo Fernando Henriques (Advisor). **How I became Clarice**. Rio de Janeiro, 2017. 184p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

How I Became Clarice is divided in three sections. The first, “Tiredness”, is made up of six short stories that re-create the last moments of the lives of six Brazilian authors: Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, Torquato Neto, Caio Fernando Abreu, and Hilda Hilst. These stories combine biographical information and fictional elements in a narrative game where the reader cannot tell fact from fiction. The second section includes two stories, “Throb” and “Swarm”, narrated by a writer who spends his lonely days immersed in urban chaos (“Throb”) and decides to physically promote the image of isolation by leaving the city to live in the country, working as a beekeeper (“Swarm”). The third and last section, which has the same title as the thesis, “How I Became Clarice”, is an autobiographical essay; sections I and II deal with the process of creating the short stories of “Tiredness” and also show the state of mental disorder that allows the thirty-year-old author depicted in “Throb” and “Swarm” to write even as he resists his own death drive.

Keywords

Clarice Lispector; Ana Cristina Cesar; Paulo Leminski; Torquato Neto; Caio Fernando Abreu; Hilda Hilst; writing; abandonment; renunciation; body.

Sumário

PARTE I

1. Cansaço	9
1.1 Haya	12
1.2 Paulo Filho	21
1.3 Cris	27
1.4 Neto	38
1.5 Abreu	55
1.6 Senhora H	65

PARTE II

2. Latejos	79
3. Enxame	110

PARTE III

4. Como me tornei Clarice – <i>um ensaio autobiográfico</i>	138
4.1 Como me tornei Clarice	141
4.2 No dia em que festejavam o dia de meus anos	147
4.3 Do distúrbio que sofre a letra	151
4.4 Uma carta para Ana	154
4.5 A legitimidade do desejo	155
4.6 A vulnerabilidade como procedimento	157
4.7 O professor de melancolia	161
4.8 É preciso não morrer por enquanto	168
5. Referências bibliográficas	181

PARTE I

1. Cansaço

I met Death today. We are playing chess.

Ingmar Bergman, *O sétimo selo*.

1.1 Haya

A truculência é amor também.

Só de olhar a gente percebe o flerte dela com o tombo, com a angústia de certos declives. Está sempre em uma situação de semicrise, aplicando intensidade ao que não merece. Isso é parte da sua condição de felicidade, algum estado de tolerância consigo mesma. Finge o abrupto, o rompimento, a queda só para aproveitar o descansar posterior. Sua felicidade se resume a isso: sentir com alívio.

Lembro de Haya comentando comigo, naquele ano, que havia muito movimento em torno dela. Sentia bem. Quando foi convidada pelo Affonso para falar na PUC sobre sua experiência em relação à escrita, agradeceu com espanto, mas não sabia o que palestrar. Me dizia ao telefone *Como posso falar sobre isso-eu? Não sou tema de coisa alguma, não sou tema nem de mim mesma! Não faço parte de literaturas, não sei sobre procedimento, mecanismos. Não uso nada disso, nunca vi como é. Aliás, eu nem sequer escrevo; eu gemo.*

Gemo um gemido anterior ao ovo, anterior à quebra, por pouco não o digo “grito suspenso”, fazendo do recheio de minhas câmaras um jogo de vozes sem ressonâncias, abafadas que foram e agora se aceitam somente ar, vento se jogando de um lado para o outro de meus interiores sem ter boca, nariz, ouvido ou vulva que dê vazão ao seu sair. Porque o ovo, quando nos sai, é quase oco. Tanta gema, tanto sumo, tanto centro de viscosidade nos permitimos consumir; porque quebramos o ovo por dentro — e isso não se devia —, deixando dele escorrer o sangue absorvido mais com tecnologia do que com humanidade, chupamos de volta qualquer gozo alimentício que o amarelecimento daquilo que não vai nascer poderia provocar; porque já nos basta a casca fina com que amamos para pôr outra mais dura para fora — somos nós a nossa própria fonte de cálcio. Dispensio o gemido de meu ovo como quem busca não entender de onde vem, de que superfície dura e frágil surge a pulsão de minha escrita. Não procuro entender o ovo porque não procuro entender cerâmica. Apenas vivo o que ela é: frieza após calefação. E se o ovo grita, vem em coro; não pedindo para sair ou derramar seu visgo em minha linguagem, talvez me peça para que eu permita ao

outro um entendimento sobre ele — mínimo que seja. Não. Protejo este ovo como a abelha seu mel, melhor, sua geleia real; deixo este pequeno caroço isento da compreensão que fere, apunhala, atíça o fio da faca enquanto espera a fome surgir. Porque é isso, quem vê mais do que a superfície do ovo está querendo outra coisa: está com fome. Fome mais. Fome de mim, a criadora, deus que produz consciência do próprio teor de cálcio. Mas já não tenho entrelinhas, nunca vi ser tão explícito quanto aquele que dá ao mundo seu ovo sem barulho, e hoje sou toda ovo, não conheço o tom dos gritos de anúncio. O impulso tem que estar puro para que o ovo venha e hoje não fantasio com outros fetiches de minha abertura, há muito me ocupo apenas da linguagem de meu corpo, senhora que sou da angústia de meu útero.

Acabou indo três semanas depois. No dia, a universidade parou, muitos alunos lotaram o auditório esperando Haya chegar. Tinha ganhado, no ano anterior, muita repercussão com a publicação de *Áspera que És*. Estava sendo muito analisada, achavam que estivesse no seu auge, tanto que surgia a questão *Para onde ela vai depois disso? Alguém pode publicar outra coisa depois de escrever o próprio clímax?*.

Estava séria, pouco mexia a boca. Misturava vergonha com antipatia. Sentou à bancada, composta pelo Affonso e por uma professora da Letras que faria a mediação. Haya olha aqueles alunos todos. Com calma e língua presa sussurra no ouvido da mediadora

Preciso ir.

Como?

Ir. Vou ter que sair agora.

Como assim, Haya? Sair para onde agora? A conferência já está para iniciar, só estão verificando o som e prosseguimos.

Desculpe, mas não posso.

Mas para onde você precisa ir?

Preciso comer um frango.

Ela se levanta, com calma, como se fosse ao banheiro para em breve retornar. Pega a saída lateral da PUC e atravessa a Marquês de São Vicente para a padaria ao lado do bar onde estudantes bebem cerveja em copos de plástico sentados no meio fio. Com seus olhos de Fome Mais, para em frente ao balcão e pede um corte de frango assado. E é com as mãos, com as unhas feitas naquela manhã, que pega a sobrecoxa e morde com a força dos que não largam — Haya sempre soube que largar é renegar a Fome Mais e renegar a Fome Mais seria renegar a paixão, pulsão de sentimento, isso seria largar —; morde com seu bicho aquele frango e fica com o troço preso à boca algum tempo ao ponto de um filete da gordura (aquela que sai da pele do frango) escorrer pelo canto da boca e atingir o blazer vermelho comprado, junto à calça preta, somente para aquela ocasião. Haya é mulher refinada e dá vazão à sua Fome Mais em pé e não se limpa com guardanapo enquanto come. Isso, em outras épocas, atribuiria certo nojo a ela, mas o nojo instala-se na Fome Mais como uma condição de força e as entranhas ainda dizem não, contudo não se pode largar, ela sabe disso: se não nos dermos o impulso da Fome Mais, ficamos para sempre rastejando em rasas saciedades.

Ela era assim mesmo, os próximos estavam acostumados. O principal dela sempre fica escondido, retido atrás dos olhos. É implícita. Quando vai se explicar, perde a umidade do íntimo, a unidade do ritmo, todo alargamento da intimidade de sua linguagem.

Nos conhecemos depois que voltei do exílio. Ambos escrevíamos na revista *Senhor*. Ela me convidou para um café em sua casa, já gostava dos meus poemas. Comigo ela não parecia implícita (tampouco se entregava); só lembro a cor dos seus olhos aos poucos me tingindo, os lábios prometiam certa textura: maciez que gostava de mostrar. Isso porque ela indicava um interesse (estava separada faz uns anos), mas eu cheguei com a família destroçada, o coração em crise sobrevivido ao frio graças somente à quentura da vodca. Depois daquele café, nunca mais sentamos a dois. Para chegar tão perto de Haya é preciso ter intenções de se entregar.

Uns dias depois do meu aniversário, todos ficamos sabendo. Haya, em uma madrugada, pegou no sono enquanto lia e fumava. A vizinha de frente viu a fumaça saindo do quarto, foi quem salvou. Haya não sentiu o cheiro da própria

pele queimar. O quarto estava em chamas, facilitadas pelo carpete e pela poltrona de tecido. A mão do cigarro — a direita — tombou e iniciou o fogo na poltrona mesmo. Certos incêndios não aguentam ficar só lá dentro, Haya teve que botar para fora.

Ela ficou internada uns dias, fui visitá-la. O filho disse que não queria receber visitas, não se sentia bonita. Quando entrei no quarto, dela emanava aquela força, aquela luz de energia, mesmo abatida e com vergonha. A mão direita sofreu uma queimadura horrenda, acho que de terceiro grau. Era destra, agora treme ao escrever.

Continuou, depois da recuperação, a realizar entrevistas para o Jornal. Isso ela gostava de fazer, de ficar nessa função inquisidora. Escrevia suas crônicas — apesar de não saber bem como era isso de ser cronista, suas funções e obrigações. Por isso, entrevistava para pôr na coluna.

Em uma delas, entrevistou uma autora consagrada — sua amiga, inclusive —, era imortal da ABL, respeitadíssima. Haya gostava de ir à casa dos entrevistados (como era este caso) ou de convidá-los à sua. Em dado momento da conversa

Você acredita na inspiração ou na disciplina?

Tenho horror à palavra inspiração! Me lembra indolência, adiamento, olhar fechado, corpo sem consciência à espera de uma fé que o salve. Acredito piamente na disciplina como prática que permite o trabalho, o exercício de si mesmo na criação.

Eu só acredito na inspiração.

Segue então um silêncio não de todo interminável, pois o cão da autora logo começa a ganir e a empregada logo surge trazendo cafezinhos.

Em Haya precede à criação um estado de graça angustiosa, espécie de sensação de mau agouro que sentia por si mesma, espécie de ansiedade para que doa logo o que veio doer, pois somos poucos os que sabemos o custo que o corpo cobra nos momentos de esperar uma dor; uma dor já prevista e, em muitos casos, já sentida, o que não isenta nossos instintos reflexivos de nos porem em estado de alerta; ao contrário, exatamente por isso — e pelo acúmulo do já doído, de já ter vindo e não ter sido suficiente, como que imune a certas tentativas de ser

amenizada — exatamente por isso o corpo se eriça, ameaça possibilidades, mas retorna à angústia, instante prévio, indício de que dali a pouco virá um dissabor. Precede, o estado, porque é na criação que vingamos a angústia, dado que já extraímos prazer em nós no ato da escrita; ela fora feliz e agora fica com a marca do desejo, sabe o preço de alcançá-lo — e não alcançá-lo certas vezes é um dos preços, varar a madrugada em rompantes de vontade sem prazer, só aquela serra rangendo por dentro, tendões, músculo, e no roçar das partes fibrosas o corpo acusa angústia sem pedir solução. O prazer da escrita — já raro nas crises atuais — se configura com aspecto do inesperado, quando em meio a um jogo de sintaxe somos surpreendidos por uma vontade de continuarmos vivos, uma aceleração cardíaca que é quase excitação, até sorrimos e permitimos uma ou outra aguagem no olhar; e é estranho pensar que a isso nós chamamos “ser feliz”, um viver que não se paga de antemão com o sofrimento da espera, espécie de fome que só nasce quando a comida se aproxima da boca. Nada similar à Fome Mais. No feliz até nos deixamos um leve (quase irrelevante) derramar, mas a capa espessa de que somos feitos jamais se subtrai, no máximo faz uma pausa para o café e logo volta a nos retornar ao que somos, ao modo como nos reconhecemos: seres duros fechados sobre a carne aquosa com que lavamos nossa existência.

Apesar de muito badalada à época, às vezes concedia — e com muito custo — rápidas entrevistas. Geralmente, respondia curto, parecendo embrutecida.

Te incomoda ser tratada como pessoa ilustre, né Haya?

Muito elogio é como botar água demais na flor.

Assusta?

Morre.

Haya encarava o sucesso como uma invasão, espécie de berreiro que perturba o ouvido interno. Isso porque, no início, as vozes eram outras, mais duras e cheias de ranço; me escreveu dizendo *Não entendo esse alvoroço todo, será que*

estou na moda? E por que as pessoas se queixam por não me entender e agora parecem entender o que escrevo?

Lembro de uma cena que me narraram sobre ela, há muitos anos, no começo da sua carreira. Era muito amiga Caio, com ele sempre trocava cartas. Haya, ali, muitas vezes se via como mãe daquele girassol frágil e cheio de conflitos. O primeiro livro que ele viria a publicar teria um aspecto dela, um mergulho no interior, uma valoração dos instantes que precedem o acontecimento (sempre chamei isso de “o quase em câmera lenta”).

Nessa conferência sobre literatura que a levou ao Sul, foi no quarto de hotel em Florianópolis que ele a resgatou em plena crise. Sentados à beira da cama excessivamente bem forrada pelas camareiras, Haya chorava e chiava, baixinho: “Eles dizem que sou hermética... Como posso ser hermética, se o que escrevo é tão simples?”.

Isso foi bem no começo, quando ela estava da segunda para a terceira publicação (ou da terceira para a quarta). As pessoas realmente pareciam ter dificuldade de penetrar. E ela que se sentia tão óbvia, tão explícita.

Só depois se tornou grandiosa. Ainda devia restar mágoa; tanto que, após toda essa dureza ela parecia recusar ser alvo de tamanha adoração. A veneração à sua escrita passou a ser tanta que acabava sorrindo constrangida. Ao menos estava procurando sorrir.

Gosto pela excelência sempre teve. Ódio também. Fez terapia durante um tempo para aprender a lidar melhor com a necessidade que tinha de fechar os pontos mal resolvidos. Para Haya, só feridas certas podem ficar em aberto. Foi um processo custoso, ainda mais depois dos cinquenta. Ela me narrou que, em uma noite, começou um texto e ficou escrevendo e escrevendo varou a madrugada, esqueceu do café, do almoço e já era outro fim de tarde imerso em muitos maços de cigarro quando, rangendo os dentes de raiva, rasgou as quarenta, cinquenta páginas que escrevera. Descontou na literatura o ódio da sua incompetência — segundo ela — em terminar uma história.

Nesta mesma noite — depois de muito álcool no estômago vazio —, dormiu e até sonhou. Sonhou que as pessoas assinavam seu nome em textos de outros, textos fracos e não escritos por ela. Vinha muita gente a cumprimentar na rua, ligavam para sua casa perguntando daquela citação que leu do conto, ou daquela frase que saiu na revista, parabéns, Haya! Acordou com tanto ódio que quebrou um copo. Apertou o copo com a mão e com raiva, era tanta ao ponto de estilhaçá-lo na própria cama. Não se ocupou de recolher os cacos. Ultimamente só se queixava das baratas.

Ando derrubando coisas, hoje foi um tal de cair a colher do café que nem sei, o chão absorve o negrume açucarado e já espero as baratas — as do tipo francesinhas (acho estranho naturalizá-las no diminutivo, parecem coisas boas, parecem não carregar o visgo do nojo de tantas sociedades anteriores) — mesmo que limpe o chão com pano úmido e alvejante (acabei de fazer isso), o chão madeiroso absorve, elas sentem que ali tem e vêm. Queixo-me das baratas e logo uma vizinha me recomenda uma receita de açúcar, farinha e gesso (em partes iguais), o açúcar atrai ao passo que por dentro o gesso incha e as petrifica de dentro para fora. Me impressiono com brutalidades tão delicadas. Preparei a mistura com mais dedicação do que quando cozinho bolos para meus filhos ou para visitas de fim de tarde. Morrer é vontade que exige dedicação. Espalhei o pó pelo assoalho da cozinha, certas quinas, rodapés, espalhei com método, com técnica entre o piso, em cima do rejunte branco, para que o pó pertencesse à natureza da casa — e, portanto, à minha natureza — e com isso harmonizasse bem com a tonalidade do piso, dos móveis, para que fosse degustado com inocência e, pela inocência, agisse como quem nos arrebenta por dentro mais do que nos golpeia por trás. Vou dormir e sinto um medo excitado de que a morte decida dar certo, demoro, me cerco de angústias até que já sonho, já estou no sonho avançando sobre a cozinha à espera de que as mortes confirmem minha capacidade de realização; viro a esquina do fogão e dou de cara com Gregor e Gregor está morto!, morto, por deus!, Gregor!, Gregor!, mas as patas para cima e suas pupilas dilatadas denunciam o óbvio e me vejo com as patas derrapando sobre um líquido que não é visgo, que não é leite, que não é água senão as de minhas próprias lágrimas sobre o porcelanato branco daquela cozinha que agora

enorme se apresenta para mim; deve ser viscosidade dos sonhos, penso já entendida de quem sou e ciente da condição de meu destino, é isso que preciso fazer, para isso retorno à cozinha, para lambar o branco, para chupar o pó que deixei camuflado de vida normal Agora fico perto de Gregor, é dele que anseio o branco, o último gozo de uma vida que raro se basta, por isso encosto minha boca na de Gregor, chupo um pouco de seu gesso — quero pouco, culpados sempre escolhem mortes lentas —; lambo seu açúcar como quem beija cicatriz. Sinto um leve prazer ao esturricar, sinto que mereço; meu dentro aumenta um pouco, dói, talvez algum medo, quiçá alegria, só sei que incho devagar e vejo o corpo não dar conta, ouço estalo de meus esqueletos se quebrando, alguma paralisia, viro ao contrário porque mortes solicitam barriga para cima; e finalmente no teto constato um tabuleiro de xadrez, um rosto branco-gesso me aguardando com sua capa preta; Morte dos tempos da cavalaria, veio buscar este ser milenar? Já não me debato, sou dura e vazo doce pela boca, tanto pó neste deserto farinhado que nomeio “leito de morte”; tanto rigor que tive na linguagem, agora morro feita de pedra. Bruta e polida: eu morro sem arestas.

Desperto lenta e lateralmente, noto um fio de saliva viscosa entre minha boca aberta e o travesseiro, a cor é esbranquiçada; sufoco um pouco, logo passa; já não aspiro com facilidade — aproveito para acender um cigarro ainda sentada na beira da cama —, sinto a vida como um gesso que não se completaria jamais, um endurecer que não culmina. Já não empedro, tampouco detetizo; já não me queixo de baratas.

Morrer sem saber para onde costuma ser a grande coragem de um corpo.

Se reunia em Haya toda uma vida de atenção acuada, e é no corpo que a vida cobra, uma vida de Fome Mais, feita de voracidades ansiosas por retenção, feita de saudades e vontades de ficar, mas a saudade é um pouco como a fome, dói horizontal, arde a boca do estômago pelo excesso de jejum (o que obriga, por parte do estômago, o derramamento dos ácidos digestivos, provocando pequenas rachaduras nas paredes estomacais) e é nessa ardência — na que vem do excesso do que falta em nós — é nela que o golpe se inaugura, advindo do corte seguido

de retenção; pois reteve tanto durante a vida, reteve tanto, prendeu tanto que a coisa lá dentro começou a socar, a socar um soco que não é aviso, mas prazer de algum morrer. No último livro, feito de um diálogo entre o autor e sua personagem, ele, mais que criador, se sente deus da personagem Ângela, e ela tomando consciência, formulando pensamentos, entendendo sua condição, tudo isso dói, dói a dor de um prazer nascendo — e, portanto, é abastada de rasgo intenso —; ele sente ódio, quer mandar matar, ou melhor: fazer morrer; por isso cogita pôr em Ângela um câncer pequeno (desses em estágio inicial, quando ainda vêm com alguma esperança e revigora o amor à vida), um cancerzinho no ovário (só para a semiótica enxergar a voz no útero) e colocaria tudo isso sem que ela soubesse, e vivessem ambos o prenúncio do seu fim, algo roendo por dentro, almoçando de seus órgãos; enquanto Ângela achava que vivia o prazer de ser quem é.

Foi quando puseram um câncer no ovário de Haya sem ela saber, sem que ela tivesse a chance de entender o que veio para jantar, sem que pudesse — com sua voracidade de Fome Mais — avançar sobre a massa negra em estágio já avançado. Naquela noite já sabiam que era terminal, na noite em que internaram Haya e optaram pelo silêncio culposo de quem encara e guarda o choro; principalmente porque Haya não acusava o golpe, pelo contrário, parecia otimista (o que é tão diferente...) diante das visitas, fazia planos para o fim da internação, daria jantares, recepções em sua casa para juntas os amigos; falou tudo isso olhando para o Dois Irmãos exposto pela janela do Hospital da Lagoa, no Jardim Botânico, logo que voltou da cirurgia exploratória que nunca buscou entendê-la (nunca ninguém buscou), apenas veio constatar seu fim.

Naquela mesma noite acordou de madrugada e se viu tomada por uma enorme mancha vermelha na coberta, na roupa, nas gazes, no lençol, um vermelho na altura do corte; arrancou o curativo e viu sua abertura vazar tão concentrada que, não espalhado, o vermelho mais lembrava preto, um preto-horror que era tanto ao ponto de Haya iniciar seus berros, inteira ela era o descontrole; quando as enfermeiras vieram buscar a origem do grito, Haya já estava em pé na cama, nua, vazando sangue pelo corte; uma enfermeira chegou perto e teve o rosto prensado contra a abertura — Haya pegou sua cabeça e a apertou contra o próprio corpo —,

a enfermeira gritava e Haya também, dizia *Você matou meu personagem! Você matou meu personagem!*. Na página é mais fácil de sangrar; além do mais, no leito todo tempo é bastante para escrever; ela não sustinha seu ritmo, tudo ali era força, era fome, só a letra tremia um tremer que não era hesitação; como se procurasse um susto, uma via, alguma suspensão. Já deitada e supostamente calma, ainda revelava irritação, raiva saborosa que direcionava para a enfermeira de plantão; parecia sustar o sangue só para, com pressão, romper a barricada outra vez. Haya era terrena demais para que a lembrassem de que dentro de tudo há o sangue e usa seu domínio sobre a própria correnteza para ostentar seu fluxo a quem ousasse julgar ver nela ares de sacristia, inocência e abstração; mais que ser, Haya quer o sangue, quer vê-lo manchado no lençol agora já inviável para lavar; quer vê-lo se espalhando nas luvas de borracha nas mãos da doutora recém-formada; quer vê-lo no gozo de vingança da mulher da limpeza (que ri da enfermeira); Haya é muito o sangue para se esquecer do sangue.

E este sangue que dela escorre já não me toca, não tive como visitá-la e hoje me ligam dando a notícia; indo para o Santos Dumont de táxi me avisam que vão enterrá-la no cemitério do Caju; como pode?, como pode a terra se abrir tão fácil para ela?; como pode a terra receber de bom grado, sem protesto, sem luto, o clarão de lua linguagem tão luminosa que quase cega?; daqui vejo a imagem do clarão de seu olhar soterrado resistindo ainda, recusando a terra que veio cobri-lo, abertos emanando claridade (como duas lâmpadas de LED) a todos testemunhando a terra e sua Fome Mais fazendo dela sua refeição; é tudo tão aceito..., olho pela janela aberta do táxi, passamos pela orla de Botafogo, sem nuvens no céu feito de um azul inteiro, praiano, os pássaros cantam melodias, as frutas exalam seu cheiro, o vento ajusta a harmonia, o Pão de Açúcar é todo pedra e as folhas das árvores, verdes e vivas, continuam fazendo sombras; tudo, Haya, tudo mostrando alegremente que não precisa de nós.

1.2 Paulo Filho

O mais profundo sempre está na superfície.

Paulo é aquele produto que sai com falha; dentre mil sapatos ele é o que vem torto — e todos culpam a maquinaria pela falha de fabricação, alguns julgam “especial” ou “exótico” em frustrada tentativa de salvação moral. Por ser o sapato que nasceu errado, Paulo tem consciência dos caminhos da linguagem, porque só o torto sabe o que é o direito, o certo, o que possui tudo no lugar e, portanto, não vem remendado de críticas, não vem envernizado de um brilho consciente e imerso em reflexão. Por ser torto e dotado do erro, insiste em equívocos e enfrenta sua própria comercialização. Quem o calçar estará imediatamente fadado a entorses (de joelho e tornozelo), quedas, tombos certos, dor nas articulações (principalmente durante a mudança de tempo), além da postura angulada para a esquerda ou para a direita (dependendo do pé) provocando esbarrões ao atravessar a rua ou durante a espera na fila do Hortifruti.

Paulo dói, mas um homem com uma dor é bem mais elegante, caminha meio torto como se andasse adiante, ou talvez adiando e chegando sempre atrasado; vem caminhando lento e de lado, lendo as próprias passadas como se o corpo fizesse com o chão os mesmos graus, ângulos, que a caneta faz com o papel. Aproveita e deixa no rastro versos de Bashô, lamentos, duas rimas amorosas, sabedor de que álcool ou ópio algum reduz o peso daquela dor, reduz então a sobrecarga que agora puxa do lado esquerdo (logo o do sapato defeituoso) a induzi-lo ao grito (Paulo para e o sustém, retido), mas é seguro de sua vontade de sentir e o que sofre veio ao mundo para ser sofrido, não foge, não corre do rombo que o faz pender, enfrenta a vida e sua pouca aderência com passos largos e a coragem de doer.

Isso, a dor, foi ficando cada vez mais evidente, até mesmo nas aulas que era convidado a ministrar; certa vez, em busca de uma posição confortável, permaneceu deitado na mesa do professor enquanto explicava certos conceitos de concisão oriundos da poesia japonesa, ia falando na horizontal enquanto os alunos observavam um corpo que se molda à dor, mas nem por isso se abstém da poesia. Ao contrário do que se imaginaria, os alunos o absorviam — o discurso e a pessoa

— com intensidade esponjosa, não à toa iam com ele ao bar mais próximo continuar a conversa ao término da aula. Fazia uns três anos que Paulo fora diagnosticado com cirrose hepática. Não que isso tenha mudado algo em sua rotina de conhaque e outras drogas, mas agora a dor vinha pedir a conta, acrescida também da falta que sentia de Alice, a ex-mulher que ainda o ama, que ainda atende os seus chamados, com quem não mais divide a cama, só a alma. Mulher de samurai é assim, ela sabia da escolha e viveu para ser bainha enquanto Paulo jogava com os dois lados da espada. Só não suportou quando descobriu garrafas de vodca atrás dos livros da estante. Este era um xadrez que eles jogavam sempre — Paulo, Alice e a Morte dando xeque pelo fígado. Ele começava a tomar escondido depois das dez da manhã, e isso, ao contrário, não o deixava trôpego, cambaleante, mas o colocava em seu estado erudito de sempre, analisando, traduzindo e produzindo como o homem que sempre fora. Alice, depois de um ultimato, pegou as filhas e foi embora. Hoje, Paulo chora ao telefone quando fala com ela, logo ele que suportou, a vida inteira, perdas com improvável elegância.

Um homem doído é sempre mais digno de sua condição humana. Junto à cirrose, Paulo teve de lidar com hemorroidas, o que esticava mais o seu andar torto e justificava ecumenicamente sua postura horizontal na sala de aula (ou nas escrivatinhas da revista onde trabalhava esporadicamente como publicitário). Dono de veias pouco contidas, esse poeta por vezes se via sangrando pelas pernas — e nem notava! —, sentindo as manchas se formarem no jeans agora já grudado à pele; e quem o visse assim não o tomava por menos intelectual, pois até seu sangue, a despeito do nojo, sabia escorrer culto e cômico de si mesmo. Paulo existia agora com essa hemorroida derramando sangue e erudição, agarrada ao corpo como um animal à parte, como um veado (fêmea), por exemplo, correndo pelos prados com seu feto morto pendurado caindo para fora, mas ainda meio dentro; não cai, permanece naquela cena escrita por Lars von Trier; e cansado de tentar excluir aquilo que produziu, se conforma com o grotesco, é o que lhe resta, aceitar o escorrimento de sua cavidade como mera dificuldade natural do percurso de tudo aquilo que dura, mas não morre.

Ele já caminhava só, de um lado para o outro de sua casa, pensando em ligar para Alice ou rezando para alguém o chamar a fim de beber umas no bar mais

perto. Tinha naquela solidão um volume, uma densidade de profundidade extensa, águas e mais mágoas de si mesmo, resistindo sua imersão em uma apneia forçosa e feita de leitura, traduções, escrita de versos entre uma ou outra salvação.

Logo Paulo que se dizia cachorro louco, meio desvairado pelas ruas, corpo vivo em qualquer bar, por vezes a baba excessiva vertia pelo canto da boca, ampliando a poética de sua agressividade. Paulo Filho, bicho manso que uiva e baba quando sofre. Sentiu os fios bem pretos do bigode roçarem de leve alguma cavidade do nariz. Espirrou e, antes de se levantar da cama, lembrou a saudade que sente de roçar o bigode na pele de alguém, de amassar seus pelos na boca durante um beijo molhado — tudo bem se ela rir durante o beijo; tudo bem se seus lábios iniciarem o movimento de abertura enquanto ainda não saem de sua boca; tudo bem se o estalo inicial, que principia o gargalhar, entrar forte e bater no céu de sua boca. Às vezes fazia de propósito, o roçar do bigode, só para sentir que Alice ria por dentro dele.

Nem riso nem Alice forçando alguma solda entre Paulo e a vida normal. Ele permaneceu deitado em sua penumbra enquanto, de olhos fechados, revivia o beijo e permitia escorrer de sua boca um líquido viscoso no travesseiro. O bigode emoldurava a boca, o rosto, a expressão marginal; também cumpria sua função de esconder a ausência de dentes que só uns poucos pareciam notar, não à toa Paulo pouco comia, ingerindo quase exclusivamente álcool, sopas, leite e massas em forma quase pastosa. Sua erudição nunca esteve no cálculo, por isso encarou essa perda com a naturalidade do descaso e a coragem das gengivas. Evitava perder tempo com banho e escovações, sempre tinha mais o que fazer. Acostumou-se ao cheiro do corpo e do que saía do esôfago; no hábito de gerar as próprias perdas, gerenciou calmo seu esvair de dentes, seu retorno à infância (mas sem fada com funções compensatórias), sua primitividade animal. Na condição de poeta, cachorro e louco, se propôs a comer uma maçã. Sentou no sofá, olhando a janela aceitar o vento em suas entranhas, mordeu a fruta com a gengiva, imprimiu força maior que o proporcionalmente esperado e só quando — depois de longa pressão de arranque — o pedaço saiu da fruta, permanecendo em sua boca, que a repetição do mastigar sem o poder cortante dos dentes acabou revelando todo seu potencial sanguíneo, destrutivo e doloroso. Mas Paulo merecia e era senhor de sua dor.

Mastigava com a força de seus versos, porém com raiva; mastigava não com as gengivas, mas com o corpo inteiro — visto que todo ele sentia arder nos nervos, nos tímpanos, nos músculos da coxa, o flagelo daquela mastigação — e continuava e repetia o gesto que comprimia a fruta, a pequena carne da fruta, tão mínima que já nem existia e só o que havia era Paulo mastigando a si mesmo, forçando as gengivas até o sangue escorrer para dentro a fim de facilitar a digestão. Deixou apodrecer seu cálcio e agora se consome, força a se roer não em uma penitência religiosa, mas em um ritual de purgação de seus sabores, permitindo e sorvendo o gosto incrustado por ele mesmo em sua carne. *O mais fundo é sempre à flor da pele; anda, me dá essa maçã! Sempre adquirir meu próprio inferno.*

Havia se reconciliado com o carnal. A despeito dos raros dentes e do couro pouco banhado (afinal, tinha mais o que fazer), Paulo se abria às rondas, às aferições de toda sua vontade, sua habilidade de sentir. Assombrado pela capacidade de suportar, mantinha o corpo em fúria a vingar pelo ato em si todo o resto que faltava, que se fazia pouco, pelo qual constantemente era julgado. Ele não chamava Alice para transar ou fazer amor; se aproximava de mansinho e pelas costas beijava a nuca (roçando com o bigode, antecipando seu dizer) e logo anunciava o convite: *Vem fazer versinho?* Alice ria. Tudo nele era linguagem. Paulo se empolgava quando de certas e poéticas discussões, então o curso normal de sua empolgação empírico-intelectual era a cama (por vezes sem lençol); Alice às vezes estava cansada ou pouco disposta, mas aferia a tentação ferina de, futuramente, ter sua vida, suas pernas, seus gemidos transformados em rima pelos dedos do marido. Às vezes também sentia os ossos da bacia de Paulo empunhados contra os seus em um choque epidérmico de sensações, poema feito com a rigidez esperada e demorada de seu homem, seu quente, seu sujo, seu ronin.

Ele se sentia melancolicamente herdeiro de uma tristeza cruel, gorda e torturante. Foi nessa época que era os ossos por inteiro. Todo ossos. Se recusou, àquela altura, a mudar seus hábitos tão bem consolidados. Andava pela rua com os ossos à mostra, pontiagudos e denunciando pouca polpa em seu recheio; lembrava uma árvore seca, galho puro, sem perspectiva de nova estação; por vezes se pegava olhando no espelho a verificar as quinas excessivamente pontiagudas a

moldar sua pele já quase sem elasticidade. Olhando sua galhadura seca, seu tronco riscado de magreza, ele se questionava se dali, de seu ventre, ainda sairia seiva, látex, sêmen capaz de o fazer prolongar. Alice nada podia fazer, às vezes o olhava de cima a baixo, denunciava com a cabeça seu ar de reprovação, dizia *tsc tsc, já tá prontinho pro céu*. Paulo ria, chegava perto, dava um beijinho, respondia *Liguei pro céu, mas ele insiste em dar ocupado*.

Outra vida, outro peso. Quero encostar tua vida na minha ferida. Sentir teu pulso rasgando a casquinha que protege o joelho, premindo as hemorroidas para dentro (o que só as irrita e as faz sair com mais vontade), roçar minhas pernas viscosas de algum sangue nas tuas limpas e lindas de manhãzinha em uma cama de seda à espera de ouvir as meninas chamando para o café. Quero encostar meus rasgos na tua inteireza. Sentir a sua segurança me enchendo de proteína, fortalecendo meus músculos com sua carne, enrijecendo — feito colágeno — a estrutura da pele que resiste em me cobrir.

Do canto do olho direito, escorre lenta bem devagar quase forçada uma gota de lágrima; Paulo deitado sabe que sua lágrima está caindo para trás, deve repousar na orelha, abre pouco os olhos e sente a pressa em todos de branco, as buzinas misturadas à sirene solicitando uma saída, uma abertura no caminho. Fecha os olhos, está cansado de lembrar, das dores com Alice, das bolhas de se ver sapato esquerdo, ele é samurai e veio banhado de dor e rigidez, é elegante nas perdas, cão, louco, poeta; mas está cansado de lembrar, de aceitar lágrimas que vertem para trás.

Mas ele sabe que só o erro tem vez, só o erro tem voz, todo ele feito de tez, meio macia meio enrijecida, dura de pancadas concretas, compensada pela maciez de uma linguagem rápida, pop, que beija com sorrir. A ambulância avança exalando sua sirene, rompe a calmaria de Curitiba em madrugada incitando arritmia no coração do poeta — geralmente feito de versos calmos, a despeito do ritmo deliciosamente veloz. No interior do veículo iniciam a intubação, profanando o vozerio — agora suspenso —, porém manuseando respeitosamente os fios manchados e malcheirosos de seu bigode.

Estavam deitados, Alice levemente desperta a despeito de tarde da noite; Paulo encosta, diz não se sentir muito bem (faltava exatamente um para a meia

noite). Ele se senta na beira da cama e, brusco, realiza movimentos abdominais que indicariam vômito; mas esse poeta não grolfa, esguicha sangue pela boca uma duas três quatro vezes, atingindo a parede, alagando seus pés, cobrindo Alice — que retornava da cozinha com um copo d'água e aspirina — com aquele seu jorro de visgo, ferro e oxigênio, deixando manchada sua bochecha direita, braços também tingidos daquilo, além de uma poça do líquido entre a cama, a parede e a cabeceira, como em um mergulho inverso à imersão que estamos acostumados a fazer por dentro de nós. Alice então, quase histérica, bota seu marido no primeiro táxi que surge, vão até o hospital mais perto em cuja recepção chega atordoada, chorando e falando de cirrose hepática grave à moça que nem tem tempo de informar que aquela instituição é um hospital maternidade. Alice despenca, mas logo providenciam uma ambulância que o transfere ao Hospital Nossa Senhora, cerca de quinze minutos dali. Paulo é manuseado com enorme facilidade, visto que o peso já não pesa, apesar da densidade de seus hepáticos e poéticos danos interiores. Paulo já não filtra, sente tudo e por isso não fala, sustém as emoções nos olhos excessivamente abertos, nos dedos do pé com a unhas compridas roçando o couro da sandália, na ponta do bigode ainda guardando um último visgo do sangue esguichado há menos de trinta minutos.

Só que tudo já é quase nada, não basta, sentir é muito rouco. Paulo era inteiro bicho, puro instinto fadado a se ver preso na vida, no corpo, no personagem primeiro que um poeta cria, o de ser ele mesmo. Fica internado todo o dia seguinte à internação, centenas de pessoas fazendo vigília na rua em frente ao hospital chamando Paulo de volta para a vida. Mas o coração se tranca, impõe um lacre em suas pontas para que não bata mais em ninguém e aguarde, lento, que o fígado perca o sinal. A Morte anda ao lado de escaras e necroses, sempre escolhe as peças pretas do jogo.

Paulo, vento onde tudo cabe, foge dizendo que a vida é demais para os poetas.

Sobretudo para os melhores.

1.3 Cris

Faz de conta que minha digestão é fácil — ela sempre me dizia.

Mas a verdade é que era difícil esse faz-de-contas, ainda mais com sua ardência em meu estômago. Porque sempre a degustei — sua voz, sua carne vermelha feita de promessa e proteína — permitindo a alucinação do corpo, não à toa ela atíça e me arde a úlcera (que só de falar já volta a roer).

Cris ligava em meio às crises que vivia em Paris. Engatilhou nessa relação com uma francesa logo que pousou da Inglaterra e quando eu estava ocupada ou fora e perdia suas chamadas, já esperava a seguinte, dura e debochada. *Escuta, Judas, antes que você parta para suas gandaias, me ouve, porque as dores são muitas e andam socando e você sabe que aqui todo aconchego é árido.*

A gastrite vinha na hora, ao responder que estava ali para ela, que podia contar comigo — sinal de que a noite seria longa ao pé do telefone. Noite que, ao fim da ligação, geralmente terminava bem, com Cris sorrindo e me lendo um poema de Drummond ou algum dela ainda recente e inacabado, tirado direto de seu caderninho. Pena que duravam pouco esses finais, ela nunca foi boa em ter paz nas sensações.

Me pegava logo histérica quando terminava certas ligações (principalmente essas sovadas no silêncio; a presença dela, mesmo na mudez, atravessa demais), digo histérica mas não dou piti, é histérica do grego *hystera*, útero; então ali, depois de Cris, eu era a mulher histérica (que nem ela), dessas que berram com o útero, que falam com o corpo. Ela terminava essas ligações e eu levantava e ficava andando pela casa, ia lavar uma louça, varrer a sala; teve um dia que saí do prédio e fui até a Marisa (a loja de roupa) e fiquei subindo e descendo as escadas, subindo e descendo as escadas meio convulsivamente (como quem come barras de chocolate no meio da noite para ver se qualquer coisa acaba preenchida); e quando saí do transe alguns seguranças olhavam para mim com um riso arranhando na garganta. Acabei comprando um conjunto da promoção para amenizar os olhares e também para ver se o corpo justificava o surto.

As sessões a gente começou logo quando ela voltou da Inglaterra na primeira vez, com dezenove anos. Escolheu vir por conta própria, lembro que a

família não gostava muito da ideia. Veio fazer terapia depois das primeiras transas e, cheia de dúvidas, queria saber tudo e queria já.

Quando tinha só quinze anos e estudava ali no Largo do Machado, a mãe mandou fazer uma espécie de teste vocacional (à época chamado Orientação Psico-Pedagógica) para que pudessem ir estipulando as carreiras que Cris poderia seguir. Considerado o máximo de inteligência 100 e a média da humanidade 40, Cris ficou com 95 em sintaxe e 99 em inteligência verbal. Ela seria das Letras (*é na sintaxe que pinta o meu desejo* — ela sempre disse) e nada surpreendente uma geminiana (ela sempre gostou de análises astrológicas) praticamente gabaritar inteligência verbal. No entanto. Dr. Hornus, durante os testes de personalidade, constatou nela grande necessidade de amizades, personalidade agressiva (*muito auto-agressiva*) e imaturidade emocional. Chegou a constar no relatório: *A menina Cristina possui inteligência de nível superior. Após testes de comportamento, cognição (...) os resultados deram alto para literatura e baixíssimos para administração e matemática. OBS. A psicóloga do instituto OPP aconselhou que a menina seja acompanhada por psicanalista (autodestruição).*

Cris só veio fazer, de fato, aos dezenove, quando não ir mais ao culto aumentava a acidez da mãe nos almoços de domingo. Dona Malu não perdoava suas formas de pureza recusada, pregando certa economia nos afetos; mas Cris se fazia de desentendida, até porque nesse aspecto (o das carícias tortas e arrojadas) ela era dada, mas não de todo entregue. *Hoje dou bênção com os olhos* — ela dizia.

Suas secreções amorosas sempre foram bem torneadas, envoltas a passeios de bicicleta (a despeito da cólica menstrual), leituras de Barthes e também emboladas a três ou quatro Augustos. Às vezes entra numa vibração dessas, veste uma bata, sai de bicicleta pela orla de Copa abençoando as pessoas e suas formas peculiares de sobrevivência; vestindo a bata lembrava de seus tempos de colégio Bennet, juventude, inocência, pouca desilusão, paz com a mãe, essas coisas que não se sustentam depois que passamos dos trinta. Mas é nesse embalo que de súbito se reaviva o selim — num dos movimentos que a bicicleta produz, provavelmente na curva da Av. Atlântica com Rainha Elizabeth — e volta para a casa de Augusto disposta à adoção. Ele se surpreende com o impacto visual

proposto por Cris, mas entra no fetiche sacro-sádico encarando a namorada praticamente vestida de virgem e se tocam quase sem se falar, esperando que a calefação religiosa entre os corpos dite alguma coisa. E dita, permite o suor que empoce, que facilite o deslizar de peitos, coxas, mãos que já não se unem, se arranham, se agridem e se amam com todo o silêncio dos que já não precisam saber tudo sobre o amor. Eis dois corpos que não ajoelham mais para ser abençoados.

Ofegante em seus arpejos, Augusto, cansado do esforço — como quem promove o esgotamento físico em espécie de ode a quem ali se dedica —, beija a bochecha de Cris, lambe seu pescoço — ela ri e de leve se retrai, como num espasmo —, passa a língua por seu ombro e sussurra em seu ouvido: *sua pele tem gosto de frutose*.

Certa vez ela Tatuou versos de Bandeira na costela; nunca mostrou à mãe — voltou de Londres já riscada e evitava cachoeiras ou praias em família. Tinha os versos, a fonte e a dor guardados, fez com um tatuador brasileiro que conheceu por lá. Escreveu só em preto e com a finura necessária para aguçar a libido físico-intelectual de quem a lê; *Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume* e os versos quase tinham cheiro quando nos era facultado tocar em sua pele bem macia e quase pétala a despeito de sua vida sem pretensões a pot-pourri.

Cris gosta dessa beleza, de pensar que em sua carne mora a última escrita de Bandeira; aceita a ardência da tinta ao se fixar, passa o Bepantol para facilitar a cicatrização (era preciso, logo ela expert em manter feridas bem abertas). Para que a ardência da chama que incorpora diamantes os derreta depois do descarte, do término de alguma paixão outrora tórrida, volúpia que hoje se encarcera em mágoa e bastante frustração. Sua carne agora marca a paixão do poeta e de toda sua tiscidade, seu prenúncio de que cedo e apaixonado deixaria este mundo sem nenhuma explicação. Cris tinha essa paixão, esse desejo alucinado de se lançar, de que seu texto mobilize, afete, penetre; por isso escreve na perspectiva da paixão, porque paixão é se afundar e isso ela queria, que quem a lesse sentisse sua tez ao virar das páginas, deitasse com ela antes de dormir (para maquiavelmente fazê-lo acordar só), como se dissesse ao leitor *Amor, sou eu, sou isso que você segura,*

cuidado, corte bem as unhas, isso, assim, me recolha e só então caio das páginas certa bem dentro dos seus abraços.

A mãe contava que Cris andava tão alegrinha, agora que finalmente aprovaram na PUC o curso de tradução que ela tanto queria ministrar. A filha, aos trinta, morava sozinha — saiu do apê da Toneleros, alugou um quarto-e-sala na Gávea — e parecia caminhar pisando forte, aprendendo a secagem de cada olhar. Isso porque a época — o segundo retorno da Europa depois das crises de Paris — acabou marcando o rosto íngreme das quedas cristinas; já de volta, vivia em meio a telefonemas às duas da manhã, saudades e festivais de Londres.

Daquele tempo ficou somente o olho errante pelos parques com a clareza dos que só amam depois de trair e então purgam, purgam, purgam para aguentar os orgasmos ainda vivos.

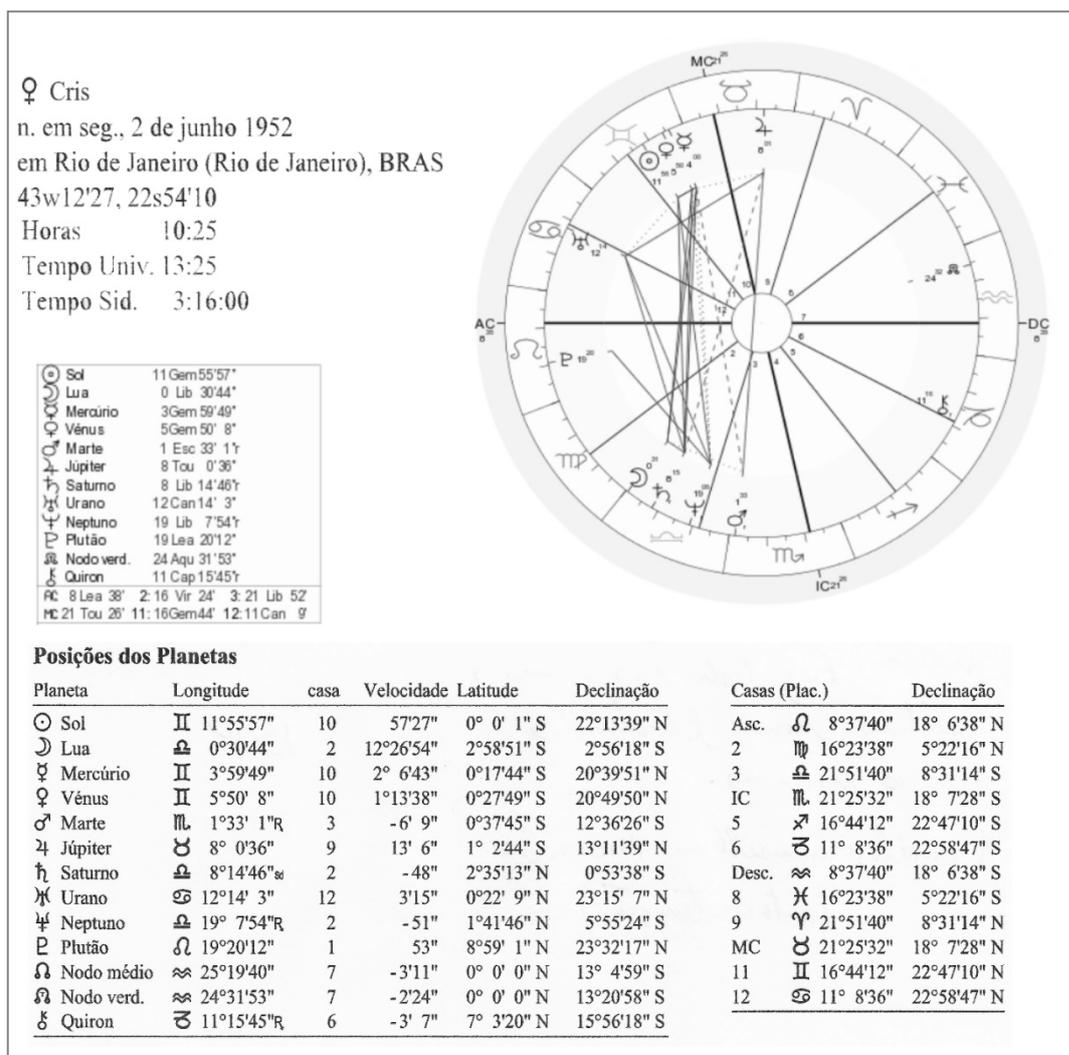
A família vinha sempre cheia de crenças, questionando esse ar despegado de fé que Cris costumava usar nos fins de semana. E a família, digo, a mãe insistia nos cultos (agora tão rapidamente recusados), nos futuros genros (pouco previstos pelas cenas de bissexualidade no Baixo Gávea) e, principalmente, no cargo de filha (do qual não conseguia se libertar). Cris encenava o tempo todo, tinha medo de gastar a paz com seus próprios erros, então mantinha a linha de filha perfeita e feliz até a viagem para o Chile. Quando os pais se mudaram, ela já vinha em queda livre.

Afinal, ela estava tão alegrinha que a PUC, depois de várias tentativas, finalmente aprovou seu curso de tradução literária. A universidade não divulgou direito o curso, então acabou não tendo inscritos — ela não sabia. Na tarde que seria o primeiro dia de aula, Cris vinha descendo a Marquês de S. Vicente, vinha devagar curtindo o fim da manhã sem ventanias.

Sentou à mesa de professor e se sentiu bem, uma paz foi se instalando nela, as coisas voltando ao seu lugar. A sala vazia ela olhava e já a imaginava cheia, alunos levantando as mãos e propondo outra solução para aquele verso de Bishop. Cris, apesar de dura e sem testemunhas, permitiu brilhar os olhos. Ficou sentada esperando os alunos. Passou meia hora, depois mais uns quinze minutos (ela levantou, deu um pulo no banheiro). Procurava não olhar a porta, concentrada no

Drummond que carregava sempre consigo. Passaram mais uns quarenta e Cris, sozinha, esperava e ainda ninguém testemunhava sua entrega. Esperava, mendigando a sorte de qualquer desvio. Depois de duas horas, ela não se levantava, mantinha a cena de sua imobilidade de leitora bem comportada — se passarem por aqui, isso sou eu me dedicando. Se dedicou tarde adentro, já era noite e Cris, ainda no Drummond (iniciando compulsivamente a terceira leitura), não conseguia ir para casa. Quando a descobriram na sala, foi preciso o vigia noturno pedir que ela fosse — perto de meia noite —, porque o prédio todo já tinha ido embora.

Ali parada e sem ninguém, ali propensa à própria entrega, ali ela era inteira carne viva.



Nesta época, em 1982, ela dizia que tudo já estava escrito. Chegou a se consultar com um astrólogo para que realizasse seu Mapa Astral. Se irritou com ele, o achou muito do tipo perguntão. *Aí fica fácil* – Cris pensava. Julgava que isso tirava o charme do adivinhador e fazia dele um detetive de pistas que ela mesma dava. Então, ignorou o “laudo” e encaminhou o mapa para que Caio Fernando (*Lê pra mim?*) respondesse analisando sua conjuntura astrológica. Ela andava muito gemeabunda mesmo às vésperas do lançamento de seu livro – não aguardava com expectativa o falso elogio dos amigos e determinadas obrigações editoriais. Além disso, tudo muito caro. Cris tomava decisões (*Tudo bem ao chão porque disseram que sou toda ar com o trio gêmeos/leão/libra*), como ler os clássicos, arrumar a casa, etc.; decisões que acabava não cumprido porque, *olha, meu corpo todo dói*.

O apê da Gávea, depois de meses de alugado, ainda não parecia residência fixa. Caixas pela sala, poucos móveis, não tinha quadros na parede, só espaço, aliás, espaço demais. Algumas vizinhas reclamaram de Cris para a síndica, que ela tinha companhias estranhas e muito variadas. Toda noite era alguém novo, e aquele prédio era ambiente de família, não era para aquelas coisas. Fizeram até um abaixo-assinado.

Natural que Cris se permitisse mais afetada do que o ato pressupunha, mas já ir procurar outro apartamento foi exagero. Ela chorou a noite inteira, devido aos comentários das vizinhas com a síndica em pleno corredor. Augusto veio consolá-la neste e nos dias seguintes. Cris acordou, sentiu náusea e vomitou com a dor das boas redenções. O namorado encomendou na farmácia o teste que, dentro de quinze minutos, daria positivo à gravidez dos dois.

Aliviada da tristeza anterior, a ideia de um filho era boa às entranhas; sentia leve um lactar. Augusto passava firmeza à Cris, geralmente instável; feita que fora para não saber se segurar, para não saber segurar quem quer que fosse. E duas semanas adiante acordou com dor — poderia ser cólica, mas tinha uma força diferente — e correu para o banheiro. Sentada ao sanitário, sentiu a dor, a alegria e a cor rubra de seu filho ardendo sair, líquido, antes de aceitar as próprias formas.

Foi depois do aborto que passamos a duas consultas por semana. Estava difícil conter a implosão, foi depois de quando conversou com a mãe ao telefone; esta ligando do Chile dizendo *Quem mandou? Eu falei que era para casar, que não é assim que se constitui família...* Foi pouco depois disso que internei Cris, depois da primeira vez que tentou. Só permiti a família por perto, mantive os amigos longe. Caio me culpa, escreve sobre Cris e seus arpejos, conta como às vezes à beira da rua ela levemente deixava o corpo pender para frente, como uma viga que, por não sustentar o próprio peso, desaba, sem drama, como se aquele destino fosse previsto por sua condição concreta, material; Caio mais de uma vez segurou seu corpo em desistência, mole e macio, antes de ser atingido por algum carro no meio da rua. Houve uma ocasião em que um ônibus quase a pegou e ele, no meio do asfalto da Gávea, a puxou pelos cabelos como quem salva um afogado de seu excesso de imersão. Na volta, ela quase bateu em Caio. Cris jogava aquele xadrez bergmaníaco avançando feroz com a rainha, deixava os peões para depois; ela sabia: mais que uma necessidade existencial, aquilo era uma atitude literária; Cris queria se estender até o limite do voo, do verso, da carne; sabia que seria lembrada pelo radicalismo de sua desistência. Queria isso.

Mesmo quando as consultas eram no hospital, ia tentando tirar o peso dos acontecidos sobre ela, explicando como artistas sempre podem vingar, pelo poético, tantas perdas, dores, tristezas, enquanto ela, embrutecida, respondia cortando sem sorrir:

Se Deus afrouxou o impulso, já me permito revidar.

Mas sua braveza sempre foi sinal de camuflagem.

Para não desperdiçar o impulso, dei um pulo na feira hoje de manhã. Foi quando passei por uma senhora reclamando do preço do caju, caju de um alaranjado quase incandescente. Perguntei se estavam bons, se não estavam cheios de cica. O feirante confirmou a doçura inteira de cada um, que eu ia querer voltar e levar mais. Levei quatro por dez, vim logo para casa, lavei e, a dentadas, fui chupando caju em cima da pia. O suco, cheirando a casa toda, já escorria pelos cantos da boca, não sabia se mordida ou se era de beber. Com pedaços da fruta entre os dentes e seu sulco me lambuzando os cabelos, entendi: Cris é o caju. A pele, cheia de elasticidade, encena muito bem — pela cor, pelo brilho — já a

polpa resiste (quase um chicletinho), tem de ser mastigada e absorvida pela repetição; assim como Cris que, por dentro do envolvimento de beleza, luz e poesia, guarda bem os seus amargos, destinados principalmente para consumo interno. Diante do espelho, Cris sabe que é cica pura.

Lembro da nossa primeira consulta, ela descobrindo o fim da adolescência, cheia de vida mesmo sem sorrir, entrou e foi logo perguntando

É aqui que a gente aprende a enterrar a mãe?

Tentei amenizar emendando alguma questão sobre a relação que ela tinha com Malu, com os pais em geral; ela calmamente aguardou que eu terminasse aquela parca tentativa de remendo e, com certo tom acadêmico, olhando para o meu relógio (ou talvez fosse o braço da poltrona) disse

Um escritor inglês (o nome me escapa agora), numa cena de seu livro mais recente, descreveu bem como me sinto. Toda vez que mamãe diz “eu te amo”, só consigo ouvir “mãos ao alto!”.

A consulta era dela, mas era eu quem não conseguia parar de falar, tentando conter o por trás dela que, ansiosa, por vezes me cortava — carregando consigo atropelos de pessoa ferida. Abruptamente, me cortava perguntando: *Vem cá, mas de quem é esta consulta?*

Com os pais longe morando no Chile, ela terminou com Augusto e nem a análise duas vezes na semana dava conta — a Globo, onde trabalhava como revisora, mandava os cheques direto para o meu consultório, tentando segurá-la inteira. Naquele instante Cris era só carne e aniquilamento; alargada em abandono, alagada em solidão.

Sai do prédio, desce a Marquês de S. Vicente a pé, menos concentrada do que parecia, entra pela PUC, passeia pelo bosque onde tantas vezes leu Bandeira e Baudelaire diante dos amigos fumando baseado — ela sempre foi careta. *É dos bastidores que se ergue a ilusão do transe*, Cris vivia dizendo. Era o recado para não me culpar. Pega o 435 em direção à Copacabana. Olha o ônibus passar pela praia, pingando sol da pele das pessoas, isso a lembra de pôr os óculos escuros, não quer dar pinta.

Salta na Nossa Senhora, passa nas Lojas Americanas rapidinho e segue até a Toneleros, compra três rosas brancas no florista, entra no prédio, sobe pelo elevador até entrar no apartamento dos pais. Devagar, se aceita conduzida, deixa as flores e o chocolate que comprou em cima da mesa. Não abre a porta de seu ex quarto, entra no da mãe. Passa a mão pela colcha, lembrando texturas de um tempo menos franco. Deita de bruços, abre os braços tentando abraçar a cama. Imprime força, e um choro que manchasse a colcha ela permitiu escorrer. *Me sinto emparedada* — diz baixinho para só ser ouvida pelo jogo de cetim. Levantou, tirando os sapatos — a ponta de um pisando no calcanhar do outro — chegou para perto da janela. O apartamento era de fundos. Cris, já descalça e em pé sobre o parapeito, olha a área interna do edifício, não sei se faz cálculos ou alguma medição, passa a mão pelos cabelos, apalpando os cachos, hoje era dia de fazer hidratação e a simplicidade de seu gesto lhe confere uma espécie de segunda nudez, como se tanta paz saísse de seu deixar-se cair, e cai, lenta, devagar como um peixe que não aguarda o pouso, só desce como quem logo tornará a subir, mas Cris sente o vento subindo pelas frestas dos dedos do pé e nada nela grita, nem a boca, nem o pulso, nem mesmo o verso que cai com seu dorso, já sem ritmo, na área interna do prédio.

Quem chega perto e encosta em seu corpo, iniciando algum enrijecimento, ainda é capaz de senti-lo macio (como sempre fora), ainda é capaz de pegar seus latejos jorrando para fora, sua poética quente destilando, sobre o creme frio dos azulejos, um tanto do que ela era. É quente sua violência interna e arde agora pelos olhos de quem chora.

Cris sempre soube como sair de cena — dos encontros, bares, sociais —, estetizava cada um dos seus adeuses. Até na poesia demitia o verso como quem acena.

Na casa da mãe, duas semanas depois, os pais à mesa cedem entrevista ao repórter; a mãe: *Anota aí que a culpa foi da analista. Anota que ela tinha que ter visto isso*. Quando me perguntam, não respondo; no máximo, cito Cris; digo que *perto do coração não tem palavra*.

Ainda mais que, pelas últimas semanas, ela parecia menos agressiva; me ligava com aquela voz pisada pelas perdas, pleiteando algum remorso que eu não

soube dar. Sempre fez da renúncia uma forma de sedução, tanto que exercia seu veto com o charme de quem quer prolongar. Mas Cris era cena pura.

Ouvir é sempre antes. A audição é um sentido que se desenvolve totalmente já no ventre materno e talvez cada um de nós guarde (em uma entranha quase esquecida, posto que bem abastecida de sangue) uma estranha playlist de rumores intrauterinos, músicas de ninar, cânticos de avó, Mozart, vozes pescadas em algum jantar etc., e isso fica em nós ativado como anestesia, certa sensação de relaxamento e bem estar. Talvez em nós exista uma outra playlist feita de pratos se quebrando, gritos de cólica, algum xingamento, talvez seja essa a nossa eterna playlist de desamparo e abandono. Talvez dessa visceral relação que temos com a modulação da voz saia o gosto que temos por ouvir certas pessoas, como rastro de algo muito antigo que em nós fica marcado como calma, paz ou até mesmo felicidade. A estridência do inverso também fascina, o horror de certos timbres... Por ora, fiquemos com a de Cris, que não é uma nem outra; é do tipo tão belo que rasga, como a heroica de Beethoven. Isso porque Cris nunca chegou bem a ser uma paciente, dada sua impaciência com o sofrimento desnecessário (mesmo incontrolável) que estraga os dias. Sempre tentei ajudá-la a morder a vida com mais gosto (tudo bem se a mordida for um pouco colorida). Freud dizia que a gente nunca consegue transmitir o que sabe de melhor, mas Cris usava seu olhar estetizante sobre si própria exatamente com fins de camuflagem, e ela sabia tanto se transmitir que se forjava, se cortava em outras máscaras e óculos escuros. Quando eu sacava que ela estava fazendo isso (talvez para ver se eu pegava?), aí mesmo que eu relaxava na poltrona (ela tinha ódio disso) e ouvia com encanto os altos e graves de sua voz — ainda que não seja bem-vindo escutar um paciente como se escuta música.

Uns meses antes, uma amiga professora a convidou para participar de uma aula de seu curso no Departamento de Letras da PUC, como convidada, para dar uma moral a ela, sabe?, dizia que ela andava muito tristonha, que precisava se animar. À sala de graduação lotada, Cris falou um pouco de si, do livro lançado

ano passado, depois disse que estava meio low profile, tipo meio virose, que não estranhassem. Respondeu algumas perguntas, falou sobretudo sobre linguagem.

O lance é sentir o texto se torcendo, se tocando, sentindo com seus dedos um por dentro por hora desconhecido, mas agora prazeroso; deixar que o verbo use nossos dedos em busca de seu gozo, de seu gemido, de sua excitação textual. Isso é fruição, percebe?, essa vontade de ver o outro no durante, enquanto tateia sua busca — ainda indecifrável — pelo próprio prazer; como uma dona de casa na faixa dos 50, assim, sabe?, bem esposinha, fruição é como assistir a essa dona de casa por acidente descobrir o chuveirinho durante o banho, colocar o chuveirinho diante da sua vontade e ir regulando a pressão (às vezes temperatura) e ficar vendo a mudança no rosto dessa senhorinha, saindo do tédio e indo rumo a uma leveza, uma paz, que seria pouco se fosse somente alegria. Mas esse chuveirinho, essa fruição do texto que gozamos com os próprios dedos, isso é mais que alegria, felicidade ou outra designação de prazer; ver o texto se escrever por mim, suar de fruição como que por conta própria, isso para mim não sei traduzir; isso para mim é bliss. Por isso logo depois de fazer um texto ou um pedaço de poema, largo a caneta no papel, encosto na cadeira e permito que o cansaço me tome, um cansaço que é alívio, que faz a perna formigar. Quase estalo a coluna ao esticar minhas costas fruindo desse cansaço que seria amor não fosse o mesmo desabamento pós-orgasmo de quando precisamos esticar as pernas e sentir o alívio se deslocando pelas articulações. Isso antes mesmo de voltar a roçar a pele na pessoa, antes do carinho e posterior ao ódio — pois este cansaço é depois do sexo e do texto violentos, nos quais batemos e somos agredidos ao ponto de intensificarmos os gestos, os ímpetos (quer demonstração maior de amor? de destreza literária?) só para imergir no silêncio de gritos cessados, corpos suados deslizando ainda —; porque é o dedicar-se às sensações que alarga os sentidos de durante e depois delas. O acontecido é tão bom que até depois, em sua ausência, continua bom, o cansaço depois desse orgasmo (à pele ou à tinta) é a morfina das sensações. Isso é masturbar o significante, percebe? Dá uma paz... Por isso adoro que me fruam, é a representação convertida em excitação, é acordar o hímen do poema, percebe?

1.4 Neto

Quem é pássaro só canta a partir do precipício.

Um homem se matou agora em Botafogo. Tinha meia idade, calçava Havaianas azuis e se chamava Seu Cristóvão. Se jogou do sétimo andar. Sempre acham místico o número 7, mas aviso que, se fosse oitavo, escreveria oitavo andar. Fatos são pedras duras, leitor.

Uma mulher traz o filho bebezinho para assistir, ele olha o corpo coberto por uma lona amarela (apenas a mão esquerda e o pé direito se mantêm esticados para fora). Me pergunto se quando crescer esse garotinho vai se lembrar do sangue que vê escorrer pelo concreto da rua Paulo Barreto, me pergunto se ele também vai crescer com vontade de morrer.

Vontade que não passa e que este homem também tinha, fico olhando por muito tempo este senhor de meia idade, que calçava Havaianas azuis, tinha depressão, a pele branca, se chamava Seu Cristóvão e se jogou do sétimo andar. Descobri que o sangue tem duas cores, ele escorre ali pelo concreto e se divide em uma parte mais viva, mais líquida e bem vermelha, forte como nos filmes. Ao lado a maior parte é mais viscosa, mais leitosa como se tivessem posto umas gotas de leite e ficou assim, mais lento para escorrer, mais baço talvez para não chocar.

Isso me agride e paraliso. Lendo Fernando Pessoa falar sobre psicanálise, ele diz que a histeria dos homens é o silêncio. Emudeço. O SAMU chega, a polícia chega, mas o corpo permanece ali. Um homem puxa o celular e tira foto. Penso que horror deve ser morrer assim, sem ninguém que me reivindique, que me reconheça e chore sobre o corpo. Um corpo que passou a vida sem ninguém, mas só agora o designam *sem vida*. Ali, caído e morto, sem nada que absorva o seu impacto.

Um homem para do meu lado e pergunta o que houve; respondo *Suicídio*. Ele se choca, xinga alguma coisa, diz *que nem meu irmão*. Daqui a pouco outra senhora chega perto e pergunta o que houve; respondo *Suicídio*. Ela grita *Que horror!* e sai de perto, atravessa a rua olhando com distância a morte que há um minuto nos aproximou. Sei que a linguagem poderia ter amortecido o impacto da coisa, mas gosto do tiro seco que é a palavra *suicídio*.

Preciso ouvir Caetano, preciso cozinhar beterrabas.

Acordo pela manhã e o mijo adquire uma viscosidade vermelhosa. Não tivesse comido três beterrabas antes de dormir, certamente cogitaria alguma infecção urinária. Mas não é. Trata-se apenas de um rescaldo manchado do dia anterior.

Sim.

Acho que agora estou pronto para falar sobre este moço nordestino que também vai se matar. Se chama Neto e vai morrer com 28 anos.

Quando era moleque, invadiu a inauguração de uma ponte e, correndo por ela, gritou *Antes de mim só o vento!* O prefeito e as demais autoridades de Teresina nada fizeram. Era próprio dele esse desarme. Com 8 fazia poemas. Com 16 Teresina ficou pequena (foi expulso do colégio onde estudava por “conduta desviante”) e ele foi para Salvador terminar o Ensino Médio. Lá conheceu Velô e Gil. Veio fazer faculdade e morar aqui no Rio. Atravessando a rua com o poeta Duda Machado, foi apresentado à Ana.

Veja, Neto era dessa linhagem que não sabe como caber, que se sente encaixotado pelas coisas. Ele falava muito de morte, mas quando se apaixonou por Ana, se entregou inteiro. Com ele, suas loucuras de anjo torto que se sabe barroco, desviante do coro dos contentes. Sorrindo com os dentes, periga desafinar. Mas Ana é amor à primeira vista. Tinha um beijo preso na garganta, mas seu anjo da guarda (era um anjo muito louco, muito torto, meio rouco e com asas de avião) ria de seus engasgos e mandava tocar mesmo assim: *mesmo se desafinar, let's play that!* Ele tocou e se tocou e disse *ana é a coisa mais linda que existe* e a puxou para perto de si.

Me viro ao teu lado, te acordo, te beijo, te amo, ana.

Me ana também?

Ela amou também. Porque Neto era uma bombinha e do mesmo jeito que iluminava quem o rodeava, ele morria de amores pela catástrofe. Dizia que um dia conseguiria alcançá-la. A gente sabe que ele vai conseguir. A gente sabe que quem é pássaro só canta a partir do precipício.

Vampiros, anjos, poetas, todos vindos das sombras, todos querendo voar. Porque sonhamos apenas do pescoço para cima. O corpo permanece amarrado em uma cadeira elétrica. Anjos tortos, como nós, desses que vivem nas sombras e ratificam, pela palavra, a própria tortura. Tortura é tudo aquilo que não é reto. Isso se anuncia, em nossos corpos, nossas palavras, letras, tudo que em nós é voo. A arte até vem, mas um sol em nós tem de pagar a conta. O mesmo sol que atormenta, também ilumina; sol que Neto tinha em escorpião — há de se lembrar que feridas de um signo de fogo muitas vezes são infligidas por si mesmos. Caso rodeados por chamas/ fogo/ dores esses seres de queimas internas aplicam em si mesmos a própria ferroadada. E morrem. Quem é pássaro canta a partir do precipício, é escorpião que crava a vida na própria ferida. É anjo torto — mais que louco — cantando a vida, o seu arranjo rouco.

Leitor, leitor, não chore, isso não é para agora. Ele viveu tranquilamente todas as horas do fim. Isso é o que ele dizia para nos acalmar. A verdade é que o dia-a-dia foi bem pesado. Mandava lavar uma louça, ler o mais novo *best-seller*. Dizia que ele podia fazer o que quisesse, que iria fazer, que por favor não chorasse, leitor. Ele tinha corações fora do peito. *Leia Veronika Decide Morrer, A amiga genial*. Leitor, não chore, não tem jeito.

Wittgenstein disse que *o mundo dos felizes é diferente do mundo dos infelizes*. Nossos pais são espíritas, o meu e o deste moço nordestino. A verdade é que nosso mundo é outro, sentimos com todas as partes do corpo tudo isso que nos toca. Amplificamos demais. Conversamos ao pé do ouvido com os fantasmas que vêm nos assombrar. Por isso cogitamos o fim, cogitamos o tempo inteiro. Cogito é o nosso sobrenome. Meu pai detesta, faz cara de raiva para tudo que escrevo. O dele, doutor Heli, eu não sei. Sei que todos os dias são de luta e um dia a gente cansa de perder, um dia a gente ganha por nocaute. Leitor, o mundo é rato, não tem jeito.

Queria narrar com um pouco mais de calma, mas a verdade é que não paro de me coçar. Por este relato, leitor, passa uma enorme alergia de pele. Minha homeopata diz que é alergia nervosa e não gosta dos antialérgicos que tomo (supostamente cortam o efeito da homeopatia). Passei a tomar antialérgicos para dormir. Finalmente consigo atravessar uma noite inteira. Meu analista não gosta,

diz que antialérgico não é para isso, que se for para dormir os remédios são outros (que ele não vai me dar, pois sabe exatamente o que farei uma vez de posse deles).

Comi um pacote de biscoitos de arroz, me sinto estufado e me culpo. Isso porque preciso estar meio esvaziado para escrever sobre esse moço nordestino. Preciso me pôr ao nível dele para entrar no texto. Mas ele é ferida pura e eu também. E onde couber uma ferida cabe meu dedo, cabe o meu coração.

Dizem que a gente nasce com essa ferida que vai aumentando com os dias. Ferida que é incontrolável. Ferida que consome os que estão ao nosso redor. Ferida que breve seremos por inteiro.

Dizem que Neto consumia energia dos amigos ao redor, geralmente os intensos são assim. E foram muitas as reuniões no apê dele e de Ana ali na ladeira dos Tabajaras (em frente ao primeiro shopping do Brasil, o que JK veio de Brasília inaugurar). O pessoal (Jards, Gil, Velô etc) vinha já sem avisar, os encontros eram diários. Neto botava o pau brasil na mesa, lia Oswald como quem busca refazer o que o paulista fez em sua época. Sabia que a música, que a poesia, que a arte precisava deglutir a rapidez da guitarra que vinha de fora. Era preciso coragem. E coragem, mamãe, nunca foi o que lhe faltava.

Como cantava muito mal, segundo Gil, Neto era a fonte intelectual do grupo, era quem bebia nas fontes e regurgitava, marginal, para os companheiros de tropicália. O conceito oswaldiano foi por ele adaptado com o Brasil de sua época, uma geleia geral, mix de influências, Beatles e Stones jantados com farofa de banana, macaxeira e cajuína. É meter pânico no circo, baby. A função do poeta é desfolhar a bandeira! Vocês não estão entendendo nada!

Décio dizia que Neto era o criador-representante de uma nova sensibilidade, uma sensibilidade dos não especializados. Entregava o Brasil mastigadinho para que o público conseguisse aplaudir.

Em meio à produção do LP, também montaram programas de TV e assinaram manifestos e artigos. Os esquerdistas chamavam de alienados, que não tinham de usar guitarra nem palavras estrangeiras, nada que viesse da gringa. Mas Neto e os demais sabiam da força que a forma tem. Sabiam que o formato causa, ele gruda mais do que o discurso declaradamente transformador. Por isso usavam muito plástico, era plástico o tempo todo: nas vestimentas, nos cenários, nas

imagens. Tudo muito bebido nas bananas de Hélio (muito inteligente no impacto visual das artes — adivinha o quê? — plásticas).

Bons tempos. Tinha certo chamego neste iê iê iê todo. Isso não tem como negar. Antes e depois do LP pronto, os encontros na ladeira dos Tabajaras eram sempre regados a estratégias anestésico-alucinógenas sem medo do que viesse a dar prazer. O amor era livre para quem se permitisse entregar. Neto era cáustico e caótico, sabia bem como se entregar. Ninguém era de ninguém ou todos eram de todos, isso não importa. Vale saber que Neto se apaixonou por Velô. Entre voz e letra, se cantaram, se quiseram, se cortaram. Velô cortou, na verdade. Tudo indica que a esposa descobriu e o fez cortar. Pelo que li, Ana sabia, mas era adepta do poliamor e também tinha outras formas de se relacionar.

Velô saiu e Neto entrou em depressão. Tinha suas crises que Ana segurava. Nelas, Neto bebia mais do que o normal (o que já era excessivo) e também abusava de substâncias pouco adequadas para momentos em que se pensa demais do mundo sem a gente. Velô saiu e o LP ficou pronto. Aquilo marcou o fim. As reuniões na ladeira dos Tabajaras continuaram, mas já não eram a mesma coisa. Quem suga demais dos outros não faz por mal, apenas precisa da seiva alheia para se segurar em pé. Do sorriso à armação de uma lágrima — que às vezes vem bater — é questão de meses.

Já não ouço ninguém gritar de felicidade na ladeira dos Tabajaras.

Os grandes movimentos precisam de um mártir. Alguém tem que morrer. Um tropicalismo fica bem mais impactante assim, mas isso ninguém diz. Neto vivia nos bastidores. Esse moço nordestino, desafinado e depressivo, que parecia tratar a morte com respeito, como se dissesse: *Minha Senhora, dissei-me por qual estrada é que eu devo caminhar? Quero chegar sem demora. Dissei-me logo, Senhora, essa chegada me agrada.*

Conheci uma portuguesa maravilhosa. Também leitora de Lobo Antunes e Caio F, tem uma pug chamada Cacau e sai linda em qualquer foto (mesmo com a cara dormida de sofá). Quando criança, ela cantava Elis, cantou por muito tempo até descobrir que esta já tinha morrido. Chorou sem saber que ela e aquela voz

linda já não viviam no mesmo mundo. Um dia acordou melancólica e, tomando banho para espriar, ouviu baixinho tocando Fascinação no piano do vizinho. Tem saudade tatuada no corpo.

Ela parece um conto da Clarice.

Quando me conheceu, disse eu que lembrava o Jon Snow. Fiquei com vergonha, não soube reagir. Nunca fui muito elogiado na infância. Não à toa tenho baixa autoestima e o vínculo fraco com meus pais. Quando eu ficava com os olhos cheios d'água, ela dizia *Põe a cabeça aqui no meu colo. Do lado da minha saudade.*

Às vezes tenho vontade de ligar e dizer que estou pensando em você. Pensando em você não é bem o termo. Você na minha pele, me percorrendo, escorrendo por mim. Sim, isso sim. Bem melhor.

Vem pro Rio! Aqui tem tangerinas, sol e a porta aberta para você. Canto *woke up this morning, singin' an old Beatles song* no seu ouvido quando acordarmos domingo de manhã.

Ela falava e meu coração sopesava, parecia povoado, enchido. Desde aquela hora, conheci que qualquer coisa que ela falasse virava sete vezes.

But it's a long road sobre o Atlântico e o estômago de um poeta geralmente queima forte demais. Quem escolhe sair do frio para abraçar um homem em plena combustão?

Me desculpe, leitor. Se isso sou eu lambendo minhas próprias feridas, aviso que elas são salgadas. Tenho me coçado bastante, mas a verdade é que escrevo muito simples. Apenas conto uma sucessão de acontecimentos. Este assunto da portuguesa era apenas uma desculpa para levar este moço nordestino para a Europa. A ditadura tornou a brasilidade insuportável e ele teve de ir embora do Brasil.

A despedida no cais do porto do Rio adquiriu certo tom festivo, Neto era bom em fazer festa antes do estrago. Foi com Ana e Hélio no mesmo carro. Outros amigos chegaram depois, um chegou a subir no navio e conhecer a cabine onde ficaria com Ana. Brincaram de despedida dramática “à la Titanic”, como um chegou a comparar. *Vou embora porque alguma coisa vai explodir por aqui, algo vai acontecer* — Neto disse a Hélio no dia. 14 dias depois a blitz fascista decretou

o AI-5, antes mesmo de o navio chegar a Londres e Neto poder sentir medo em terra firme.

Medo, melancolia e angústia sempre andam muito perto dentro da cabeça paranoica de infelizes como nós.

Na Inglaterra, Neto vivia temeroso pelo dinheiro curto (tudo era caro, mas isso realmente era o de menos) e pela ameaça de sumiço. Artistas eram contraventores e no Brasil tudo estava cancelado. Gil e Velô foram presos aqui e a notícia chegou lá. Neto, ao saber da manchete, intenta voltar correndo, mas faltava grana, além de a relação já estar distante — principalmente com Velô. Voltar e falar o quê? Dizer o que para quem? Eram tempos sombrios nos trópicos. Chove duro na terra da rainha.

Isso vai levar este moço nordestino mais para dentro de si mesmo. Mas antes teve a famosa entrevista.

Um sujeito porto-riquenho apresentou Neto como *brasileiro, poeta e revolucionário*, então conseguiu agendar entrevista com Jimmy Hendrix. Este com 26 e Neto com 23 fumaram haxixe (que o moço nordestino nunca experimentara, mas ser poeta é sempre aceitar o risco) ouvindo Beatles em uma conversa que durou cerca de quinze minutos.

O Hendrix é muito louco. Vi a morte no olho dele.

Jimmy morreria três meses depois.

Neto tentava vender essas entrevistas (andava fazendo uma com Yoko também) para periódicos brasileiros a fim de levantar dinheiro para se manter na Europa. Contam que ele conseguiu negociar a de Hendrix (com muita dificuldade) para a revista Cláudia. Revista que acabou não publicando e ainda por cima perdeu o texto original.

O perrengue ia se instalando, mas Neto brincava com Ana, fazendo piada com os ingleses: *Vamos tentar ser atropelados, única maneira de ficarmos milionários neste país!*

Se mudaram para um hotel em Paris.

Eles encontravam muitos amigos brasileiros na França, passavam o dia lendo jornais, assistindo a filmes e socializando com os colegas. No Brasil (ame-o ou deixe-o), todo mundo queria deixar, mas Neto, mais do que tudo, ansiava

retorno. Tinha medo de perder o passaporte, tinha medo de ser preso na chegada. O pau comia nos trópicos e arte nenhuma o segurava na Europa. Foi nessa época que Ana disse estar grávida. Este moço nordestino sempre gostou da ideia de Ana ser mãe (nunca mencionava o que pensava sobre ele mesmo ser pai).

Meia noite em Paris só é bonito para quem é liso e assiste a Woody Allen. Para Neto, as madrugadas parisienses agrediam em golpes de dentro para fora — como fazem as boas Musas. Szyborska é quem diz: Musa, não ser um boxeador é literalmente não existir.

Ligeiramente tonto. É como me sinto. Me ausento. Me absinto. Olho e quero mais, quero afundamento seguido de pedra. Seguido de perda, seguido de pétrea decisão. Sou um doente e Ana não merece um afogado-vivo. Não posso dizer muito, estou prensado. Faltam ml's de coragem neste copo, baby. Os detalhes são sórdidos e não escapam no vômito da latrina. Não passam com vitaminas para ressaca. Não me tragam comprimidos, vocês sabem o que eu faria com eles. Queria fazer um filme, mas estou velho e condenado à grande morte. Fico meio perplexo porque não me entendo. Caminho porque as pernas andam, não tenho clareza nenhuma sobre como ou por quê. Glória glória ao homem que deve morrer!

Paris também estava incendiária por fora. Certo dia Neto chegou com sangue e marcas de pancada pelo corpo e pela cara. Foi levar uma amiga ao metrô e policiais prenderam todos os homens cabeludos que encontraram no local. Não quiseram nem saber. Até os médicos franceses — dizendo que Ana tinha gravidez psicológica, apesar lactante e aumentado o corpo — não davam uma dentro. Pediram ajuda de uma amiga, parcelaram as passagens e voltaram para o Brasil.

Só hoje lavei a louça de domingo. Dizem que lavar a louça traz um senso de normalidade ao espírito, como se a limpeza da casa removesse certas manchas dos dias ruins. Mas a verdade é que esta casa possui infiltrações, vazamentos de água que comprometem a estrutura de quase todas as paredes. Passar uma temporada em hotéis alivia o susto, faz parecer que sair do que somos é possível. É inútil, mas sempre acreditamos nas ilusões de fora — nós, que somos para dentro. A verdade é que sempre voltamos para casa, sempre vemos de perto a estrutura que somos voltar a ruir.

Ana herdou um apê na Usina e para lá se mudou com Torquato e Thiago, um sopro de vida pulsando em meio ao país em ebulição, em meio ao pai em ebulição, em meio a este nordestino intenso demais para se aceitar.

Este ano na Europa deixou Neto com a defesa mais baixa, como se quisesse os golpes. Como se os chamasse. Voltou diferente, com o aspecto mais louco e desgrenhado, cabelos ao vento (alegria, alegria, cadê?), com uma espécie de timidez atrevida (posto que agredia no pouco que externava). Voltou com as crises mais fortes. Voltou mais profundo. Parecia que doía mais.

Ele quase não externava a sua dor, dor que a gente quase podia tocar — um amigo me confessa. Porque a raiva que sentia do mundo não se dirigia a Ana, Thiago ou quem tivesse ao seu redor. Toda fonte e alvo de sua agonia era o corpo que habitava, o escorpião que sabe do potencial destrutivo que o signo carrega. Os amigos estavam longe (ele os afastava). Ana segurava como pode este homem que parece ser impossível, parece nunca poder com a própria vida.

Ana até gostava dos seus calos. Neto agora está sentado no sofá, ela ao lado com a cabeça dele nos ombros, percorrendo com as mãos finas e brancas seu rosto, sua barba, seu pescoço. Acariciava, sentindo o homem que vive nos limites da aspereza, nos limites de sua própria textura. Inclusive a dos dedos da mão. Achava que dali provinha um bocado de sua profundidade de escritor, volume de seus abismos. Lançaria *do lado de dentro* em breve, coletânea de poemas, letras e textos curtos.

Ana conta que, na Europa, Neto abusou das substâncias — era quase todo dia. Quando voltaram, no começo parecia que ia ficar bem, mas logo veio de novo a vontade de anestesia. Suas crises eram frequentes. Agora, este moço nordestino deu para se internar. Queria ficar bem. Foram algumas internações em hospitais psiquiátricos tentando evitar os ímpetos suicidas. Se acalme, leitor. A essa altura Neto era um homem mastigado, mas ainda não de todo digerido.

Novamente as substâncias, os isolamentos, as crises, os choros. Seus dias de afundamento — como Neto definia as crises depressivas — eram a imersão no próprio medo. A densidade dele permitia pouca clareza, não sabíamos exata a extensão de sua dor — espécie de felicidade adiada. E de tão adiada (e próxima e distante) vinha o medo, a mágoa, o caldo e o canto de uma vida angustiosa. Ele

chorava, manso, na ponta da cama (ou do sofá) e nem mesmo Ana o tirava daquela condição de desistência.

O choro não cessava, tudo nele era de difícil acesso. Quem o provava naqueles dias podia jurar sentir, doce, as suas lágrimas dóceis. Exalava cheiro, fosse o caju que, na época da colheita, sofre o corte (ou a queda) e permite, pelo escorrer do caldo, a adoçagem do vento, da chuva, do beijo que não estanca ferida.

Mas essa era a tristeza de uma queda quase sem peso, como se — fruto de uma escolha — a dor lhe conferisse certa leveza, certa distração que o fizesse, aéreo, planar com seu volume em um cair contínuo, lento, interminável. Quase somente estética.

O peso vindo de cima, quando existia, era só para dificultar seus retornos. Contrário à subida (depois de imerso no afogamento de sua água doce), a volta não seduz tanto quanto o gosto pela asfixia.

Quanto à luz que vem de cima, leitor? De dentro dos rios ninguém toma a distorção do brilho por alguém iluminado.

Tenho visto muito pouca gente, assim de perto não há quem guente. Tudo bem, tudo bem. O que os olhos não veem, o coração desmente.

ECO /som de vento/

TUM TUM

ECO /som de vento/

TUM TUM

Você me ouve agora?

I am without me. Ando sem mim por aqui. Aqui dentro é entregaçã, saca? Esse é meu estilo, estilo de escrita, estilo de luta, estilo de vida. And the fight's gonna end by knockout. Vida ou aulas de pugilismo emocional? Tudo musculatura que bate, beija e faz sorrir. É com amor culposo que digo te amo, sou essa vampiraçã toda de quem sente culpa nos afetos. Sei que me amar é essa barra toda. Me desculpe se amo de volta como uma chamada a cobrar. Para aceitar, permaneça na linha me dando linha após o sinal (dou vários). Piiiiiiiiiiiiiii. E

você responde com voz de cansaço, me dá voz por obrigação, por medo de que eu pira? Mais? Medo de que eu suma? De que eu... o que todos sabem?

Então amo, você me ouve desgastada de mim, e eu falo sem parar, porque isso sou eu me doando-te, me doando-te, totalmente colapso, totalmente culposos por ser linda e me amar de volta e eu isso. É com o amor maior que eu sei dar, sei que isso não inocenta nada. Isso, a inevitabilidade das cordas prestes a arrebentar. Meus dedos que conduzem, baby, por isso me perdoa, eu maltrato, eu desgasto tudo que toco. É a sina de minha tristeresina. Se ao menos passassem sem deixar calor nas mãos, nas suas nossas mãos.

Mas a impressão na hora é de que faço a coisa certa, dado que vim aferroado de palavras e de gestos que são palavras. Cravam por isso. Qualquer ato é esse pedido de desculpas a cada esquina, explodo e firo o que vive em volta. Onde couber uma ferida, cabe meu dedo. Deve ser por isso que corto quem amo, para usar do espaço aberto, me forçar entrar mesmo estando dentro já. Faz parecer que estou mais. Não deixar escapar nada. Devorar. É fazer com que me antropofaguem, assim, goela abaixo. Como quem se sabe de difícil digestão. Depois é beber a noite, a madrugada, o sono, o Sonrisal.

Se golpeio não é porque odeio, só quero ver o quanto de mim guenta. Só se mata o inimigo? — às vezes questiono.

É foda, bicho.

Isso tirei de um dos diários que ele escreveu quando estava internado. Está cada vez mais difícil.

Para me colocar ao nível deste moço nordestino, preciso ficar uns dias sem fazer a barba. O cabelo anda grande também. Preciso de um vício, mas tenho medo de não voltar dele. Olho o Jack Daniel's na escrivania. Quero, mas evito. Nunca escrevi embriagado, fico choroso. E este é um relato que desejo frio. Tenho asma e bronquite desde os 6, meus pulmões sempre aguentaram muito pouco. Tenho 30 anos e todos sabemos que minha apneia na vida não aguenta muito mais que isso. Não consigo fumar, a imagem me remete a tosses da infância. Passei nas Casas Pedro e comprei amêndoas defumadas. Dizem que elas podem provocar sufocações se ingeridas em determinada quantidade.

Dizem que ele tentou 7 vezes (de novo o número). Em uma delas (depois de brigar com Ana), virou um vidro de Valium e foi levado direto para o hospital. Acordou. Nós que temos um pé lá juro que sonhamos com um sonho profundo de Melatonina, sabe? Nós, que temos tanta dificuldade de um sono inteiro. Daqueles que embalam como os bons capotamentos. Capotar de sono. Pregar o olho. Dormir feito pedra. Dormir e morrer são tão próximos um do outro... Parecem merecimento.

Tive uma crise de ansiedade e não consegui dormir. Dá uma sufocação que suspeito ter vindo do defumado das amêndoas. Estas olheiras não me deixam, dizem que não pareço 30 anos. Que não aparento estar à beira. Não aparento? Providências! Mais palidez no rosto (a ressaltar o negrume das olheiras); perdas de entes a fim de que se embranqueçam os cabelos (vindos do estresse das noites mal dormidas); deixar a bermuda pendurada e desaposentar a calça cáqui mesmo no calor. A burocracia dos 30 começa pela imagem que fazemos dela.

Ele saiu desta internação, como saiu de tantas outras: pela porta da frente. Como ele mesmo se internava, podia transitar por quaisquer alas, usar máquinas para escrever, fumar no pátio central. Só não podia usar garfo e faca, apenas colher. Quem quer se esforça, sempre imagino uma colher se afiando no cabo de metal de uma outra, sempre imagino que, com a pressão certa, com a intensidade precisa o metal consegue cortar. Cortar os pulsos com colher é esteticamente ímpar. Dá vontade de tentar só para ver se alguém pinga um leite e usa a arma do crime para nos beber.

Ninguém vive intenso por dentro sem nenhuma punição.

Dizem que na Europa houve um encontro com Velô, um encontro que selou o fim de vez. Ninguém fala muito sobre isso. O que explica muito as crises de Neto por lá e a continuidade da depressão por aqui.

O clima repressor também explica. Este moço nordestino tentou muitos projetos de revistas artísticas, nas veredas das artes plásticas e principalmente do cinema (tema de suas colunas no *Última hora*). Pedia muitos artigos a Hélio (este em NY) e, quando o projeto estava para sair, algo era censurado. Ou então o financiamento retirado. Ou outro *não* que sobre Neto viesse abater. Abatido era como ele se sentia.

E olha que ele nunca berrava primeiro. Citava: *leve um homem e um boi ao matadouro, o que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi*. Ele assumia o risco do quanto se largava na poesia, mesmo de guarda baixa. Levava os golpes sem urrar. Ria da cara desse mundo gado, a despeito da falta de grana, do medo de ser a vergonha da família, da hesitante paternidade.

Sem luz ninguém se apaga. E para quem é fósforo, todo risco é precipício. É um voo só. O mesmo sol que ilumina também queima, não me canso de dizer.

À lua e ao sol do meio dia, este moço nordestino até se divertiu fazendo *Nosferatu Tropical*, filme de Ivan que ele estrelou. Um vampiro que foge da Patagônia para tomar água de coco em Copacabana. De bermuda, capa preta, cabelo grande e filmado em Super 8, Neto testou a profundidade de sua mordida técnica, como um beijo sem língua, no pescoço da mocinha. Eram dentes falsos de uma voracidade verdadeira. Porque às vezes nos mordemos só para ver se o sangue ainda corre. Ou se por dentro é só fogo, só queima, só gosto de cigarro.

Queimei o dedo fazendo quinoa agora pouco. Desliguei rápido o gás. O grão ficou preservado, mas cresce uma bolha na região afetada. Sobre os que queimamos nada cresce, a não ser a vontade de abrir todas as bocas de gás. Boca que não beija, boca que entala, corpo que tem um beijo preso na garganta.

O sertanejo é antes de tudo um paciente?

A verdade é que a este moço nordestino faltou paciência, faltou calma para esperar passar. O xadrez é jogo de tempo (principalmente quando o outro faz carão, usa maquiagem branca e se veste todo de preto), mas os movimentos pressupõem a calma de antever o que virá. Neto não via nada a não ser o agora. Neto não esperava passar. Neto era inteiro e intenso cada momento presente.

Uma professora da UERJ me repete que lhe faltou paciência. Parece que sacou isso lendo sobre ele em algum lugar. Ela também entende de voos e tem *flor menina* tatuada no braço. Não sei o quanto de um poeta é inteiro o presságio.

Quando se internou pela última vez, no Instituto Engenho de Dentro, queria parar de beber, parar de, bebendo seus conhaques, ir para aquele lugar escuro cujo caminho só sabe quem já foi. Ninguém ensina. No cadastro admissional consta: *Deu entrada com tristeza, estado de ânimo muito abalado. História de tentativas*

de suicídio desde 68. De lá para cá veio piorando. Estado psíquico: lúcido e coerente.

Faz algumas semanas que vou à academia e tenho a entrada barrada ao colocar meu dedo sobre o leitor de digitais. A recepcionista precisa ativar um botão para liberar a catraca. Mais cedo fui ao banco retirar o dinheiro da Rose e não consegui. Pela primeira vez em anos apareceu escrito na tela *Impressão digital não correspondente*. Creio que fui longe demais, leitor, em me colocar ao nível deste moço nordestino chamado Neto. Preciso encerrar este relato, leitor. Preciso voltar e tirar o dinheiro do aluguel. Preciso ir à academia (levantar peso me afasta da vontade do voo). Preciso acabar logo com isso. Acho que já fui longe demais.

Neto dizia: *Não me acompanhe que não sou novela!* Mas ele é o mocinho nordestino de nossa história. Nesta última internação, no instituto Engenho de Dentro, Neto queria abandonar de vez os vícios que o punham para fora da vida. Queria largar a bebida. Queria ser pai bom para Thiago — ainda que se visse sempre menos, sempre incapaz dessa responsabilidade. Veja, não era má vontade ou ânsia fugidia do perrengue. Era apenas a lucidez do próprio fracasso.

Só que o mundo não vale a nossa lucidez. Não esquecer que o mundo é rato, leitor. Ele faz isso com a gente.

A gente sabe que a morte nos comunica certa sensação de alívio, de descanso. A verdade é que ando cansado, sinto que não aguento mais. Este lugar é uma escola, ensina a querer viver. Preciso querer agora. Quero! Aqui dentro os piores dias são sábados e domingos. Já não sei como acreditar nisso tudo. Eu preciso conseguir nesta escola os instrumentos que me preservarão e me desviarão do encontro marcado que é necessário adiar. Aqui dentro parece que é mais fácil. Mas a volta ao lar, ao útero, o encontro com deus — esta pode ser a tentação do demônio. Deus está solto e foi Velô quem gritou primeiro. Todo dia é dia D. Dia de lembrar que Deus é de quem pegar primeiro. E ninguém pegou Deus para nós. Quando uma pessoa se decide a morrer, decide, necessariamente, a assumir a responsabilidade de ser cruel.

Lá fora os piores dias são todos. É preciso poder beber sem se oferecer ao holocausto.

É preciso não morrer por enquanto.

Neto escapou do hospital certo dia — sentindo a opressão da falta de liberdade. Ana chegou para visitar e não o encontrou. Ana levava sempre em suas visitas uma pequena marmita que comprava de uma senhora na Tijuca. Neto detestava a comida do sanatório. Amigos, funcionários e Ana se puseram na “caçada” ao nosso moço nordestino, que depois de algumas horas foi encontrado longe dali, sujo e bêbado, sentado em um bar de esquina.

Os médicos solicitavam a reinternação de Neto, indicando que ele *após alguma crise e quando se sente deprimido, tende a beber bastante chegando a um estado de descontrole que se torna legorreico e agressivo, perdendo inclusive a memória. Na madrugada de ontem tomou comprimidos em excesso não tendo sentido nenhum efeito (mogadon, ampicilil ampola e diempose). Parece lúcido e bem orientado quando conversa.*

Neto voltou ao Piauí com os pais, foi passar uma temporada de três meses por lá, tentar mudar os ares e ver se volta com a vida mais possível.

Vim tomar um café no Starbucks para ver se o sangue corre mais rápido e tomo coragem. Nem me coçar posso muito, que a pele incha. Sei o que preciso fazer, mas adio. Adio porque dói. A verdade é que desenvolvi muito afeto por este moço nordestino e não quero detalhar o final. Sabemos aonde vai dar e isso me machuca. Do lado um casal pede, na xícara grande, café macchiato, aquele com espuminha branca e chocalatinho polvilhado por cima. Café com leite é Nescau de adulto. Me irrita.

Nossa vida não se conserta.

Já de volta ao Rio, era dia de seu aniversário de 28 anos. 9 de novembro de 1972. Passou a tarde no MAM assistindo ao novo filme de Sganzerla junto a amigos e outros críticos de cinema. Tinha marcado com Ana, a cunhada (e seu marido) e um casal de amigos dela no Bar das Pombas, lá mesmo na Usina, perto de casa. Iria assim que acabasse comemorar com eles. Era um sábado. Décio e

Waly não quiseram ir, então Neto pegou um táxi do Aterro e chegou rápido ao local em que o pessoal já o esperava.

Parecia amargurado. Brincou pouco com Thiago, pequeno e no colo de Ana a noite toda. Neto segurava umas balinhas, bebia seu conhaque e raramente ria. Fazia 28 anos e era a coisa mais linda que existe quando estava bem. Ana adorava seu sorriso. Eram três da madrugada quando cantaram parabéns em um bolo improvisado e voltaram ao apê. Os dois casais (cunhada e marido + os dois amigos) dormiriam no apê com eles. Improvisaram uma cama na sala (com edredons e almofadas) e também usaram o sofá.

Ana e Neto foram para o quarto. Ela estava cansada e Thiago já fechava os olhos no berço ao lado da cama de casal. Ana se lembra de deitar, após darem um beijo de boa noite, e ver Neto descalço saindo do quarto.

Descalço ele entrou no banheiro e fechou a porta. Levou consigo um caderno de espiral, uma caneta. Ligou o gás e abriu o chuveiro. Pegou uns pedaços de pano e usou para vedar a porta e as janelas. Assoprou a chama — ele não tinha entrado ali para tomar banho. Deitou no chão e escreveu. O chão é um lugar gelado para os voos. O chão é um lugar frio para os beijos quentes. Mas o beijo dele estava preso na garganta. Mamãe, mamãe, não chore. Ele tirou a cueca vermelha e enrolou na cabeça para cobrir os olhos. Neto gostava de dormir com algum pano enrolado na cabeça.

FICO! Atesto q fico

Não consigo acompanhar o progresso de minha mulher, de meu país. Sou uma grande múmia q só olha para trás.

Ana é uma SANTA

Mas eu acredito em múmias e me sinto sufocado. Bebo água e não passa de modo

q

FICO

Estou cansado. Para mim, chega.

Vampiro é nossa possibilidade de anjo. Vocês olham nos meus olhos e não veem nada. É assim mesmo que quero ser olhado.

*E se perco o meu pequeno planeta no bolso de uma calça que mandei lavar
foi por causa desse meu apego a detalhes.*

Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago.

Ele pode acordar

Me desculpe perguntar, mas ser lindo muda alguma coisa? Tira um pouco a vontade de morrer? Porque ele era, todos achavam. Porque ele era, e não tirou.

Me desculpe o tom fechado, leitor, mas somos dessa linhagem que abre o gás e fecha a porta.

Segundo alguns psicanalistas, o vampiro funciona como projeção de um aspecto da personalidade que deveria estar morto, mas que, no entanto, vive nos porões da consciência. Então o vampiro insurge como um complexo inconsciente que poderia controlar a psique, imergindo na mente consciente como um fascínio ou um encantamento.

Os estilhaços são nossa forma de estar no mundo, leitor. Existem pessoas que botam a nossa parede do coração tão fina que é possível escutar do outro lado. Você me ouviu agora? Uma emoção mais forte e parece que arrebenta. Vamos embora e ficam os boletos para pagar. Deus perdoa? Estilhaçados somos mais possíveis. Hoje citei Neto ao meu analista e disse a ele pela primeira vez que queria me matar. Ele sabe o que significa verbalizar certas coisas. Nem preciso falar o tiro seco que é a palavra suicídio. Ele ergue a cabeça, se encostando na poltrona, levanta os óculos, limpa os olhos e fala com raiva algumas frases que não lembro. Como se me pusesse na parede e dissesse: *Seja feliz! Seja feliz!* Mas como, nesta cidade toda feita contra mim?

O mundo não vale a nossa lucidez. Luz sempre me atrapalhou a dormir, por isso também costumo enrolar uma camisa nos olhos. Tenho tomado antialérgicos e dormido pesado. Ao menos cessa a alergia na pele.

A verdade é que morrer me emagrece. Vou perdendo ânimo, gordura e massa muscular. Sinto que não vivo para mim, mas para os outros. Sei que estou vivo, mas para quê? Faz-se o que com isso?

Existirmos, a que será que se destina? O amor é imperdoável, leitor.

Ora pro nobis.

1.5 Abreu

Tudo que parece ser é, mas do avesso.

Abreu é desses anjos que vestem jeans, desses que possuem um jeito meio David Bowie, ninguém sabe definir. Tantas foram as vezes que saía do quarto com os cabelos (poucos, raros, ralos) e a pele ainda molhados, esse aspecto — úmido — dava a ele uma vitalidade de coisa fresca; maciez de uma cenoura timidamente tirada da terra, perfume doce, quase cítrico, de um alho-poró recém cortado. O banho era sempre ao acordar, a fim de que a pele retornasse do alagamento disposta à escrita de absorções, com os pelos (muitos) ainda meio submersos, analisava seu trânsito astrológico do dia, acendia uns sete cigarros, servia umas três (no mínimo) canecas gordas de café bem preto e sentava diante de Virgínia (Woolf, a máquina) para escrever com dedicação até o mais inútil, o mais cretino, o mais vagabundo dos bilhetinhos.

Foi lendo sua crônica que descobri — eu e o Brasil inteiro, péssima maneira de ficar sabendo — do positivo das três letras que anuncia o fim; mas não antes sem o decréscimo, o contorno interior, o negativo, o corpo aguardando ser chupado para dentro de si mesmo, ser tomado por aquilo que é de uma ardência tal (e a ele nunca faltaram incêndios) que pensar em um corpo fechando em si mesmo, se consumindo as angústias antes de deitar, é cruel mas também é ecológico.

Nessa época, de volta ao quintal de sua mãe, alcançou certo amor por jardinagem, relembrou a entrega de quando, em Londres, cuidou do jardim de uma senhora húngara ida para lá depois da guerra, relembrou o corpo com que abraçava a figueira de Hilda em seu sítio e isso era — sempre foi — o mesmo que abraçá-la e pedir que o acolha, que o insista, que o exista. Agora se preocupa não com os tubos plásticos que aceita penetrarem seu corpo derramando o líquido a ser carregado por seu sangue por toda a parte; se preocupa com caramujos, com pequenos caramujos pagãos a devorarem com ostentação os pequenos caules de suas plantas. O vendedor sugeriu Lesmol, mas o nome era ridículo demais e Abreu jamais comprometeria a estética. Elaborou um círculo de pedrinhas em

torno de cada caule ou tronquinho, punha as partes pontiagudas das pedras para cima, partes que rasgariam a barriga das lesmas e as manteriam ali, mortas e rasgadas, à espera da pá que viesse as recolher na manhã do dia seguinte, coisa que Abreu fazia com prazer sádico, é verdade, mas também é ecológico. Ele não estava disposto a absolver, diante dos seus olhos, qualquer casco ou viscosidade ameaçando algumas vidas, pequenas que fossem, existindo tão discretamente. Como a sua.

Era extinta a fase dos choros convulsivos; Abreu já não chora, garoa ao lacrimejar; garoa tão fina que mal chega a molhar seu cigarro, que mal dá conta de alimentar suas plantas. Nunca quis ser possuidor de uma dor gourmet, ela só era bem constante, cortante (mesmo em nossa pele, em que habitamos a casca grossa da vida); mas, nesse exercício, aprendeu a fazer o coração doer sincronizado com o espinho: uma pontada de cada vez.

É como dizem, nos sabemos melhor durante e diante da fúria do vento, que agita a água, mas só agita porque é capaz de penetrá-la. É como dizem, escrevemos melhor quando doídos, quando a víscera chama avisando que é pura necessidade. É como dizem, você nos ama, leitor, pelo que nos mata.

Todos têm ventos, mortes e um quê de Bergman. Às vezes, ia para o jardim descalço, às vezes usava salto alto. O salto era ruim em dias de chuva, pois a agulha entrava fundo na terra e saía (não sem alguma dificuldade) cheio de entranhas; ao menos a maciez no pisar servia como exercício para a manutenção da pose, artigo raro àquela altura do corpo, bastante magro e afeito à debilitação. Não eram simples as noites, além da dificuldade de dormir, eram muitos os pesadelos, como o do outro dia em que se viu em uma antiga rua de pedras portuguesas, já bem velho e cansado, rua por onde segue uma carruagem preta puxada por dois cavalos e conduzida por nenhum motorista, e na parte alta de sua traseira ele vê a imagem de um anjo barroco balançando — como quem testa voo motivado pelo trepidar das rodas de madeira — até que a carruagem tromba em alguma esquina e faz com que dela caia um caixão; Abreu se aproxima e ali o caixão se abre, revelando o morto, que é ele, Abreu, só que com seus vinte e poucos anos e cabelos muito compridos. O Abreu maduro chora, como as boas uvas, mas não tem dúvidas: é ele o morto.

Acordava molhado e de susto e no meio da noite (efeitos colaterais do tratamento) e pensando em morangos, em colher morangos, talvez plantar em um cantinho do jardim quem sabe dá, eram muitos suores (e cheiro e lençol empapado do suor silvestre de seus morangos), mas ele se via como o mofo sobre o corpo a inutilizar o veludo avermelhado que o morango chama de pele e este mofo, que até serviria de alimento a baratas em outra encarnação, ele o retém pela aparência acolchoada, branca, quase algodão sob este corpo magro de uma magreza que espanta ser capaz de produzir tanto suor, suor que saía tinto e com cheiro de morangos; por isso precisava mandar lavar os lençóis todos os dias, para zerar o suor e o bolor, mas o cheiro se entranhava no colchão e depois na estrutura da cama, por dentro da madeira, como um cheiro que nos rasga e penetra a pele, o músculo, até os ossos e, depois de penetrada esta estrutura que nos mantém em pé, se mistura à medula para, agora líquido, fazer parte de tudo aquilo que somos e sentimos, inclusive se mistura ao cheiro natural que emanamos — e só um ou outro (geralmente um) bem próximo, do tipo daqueles que nos amam e nos sabem todas as pintas, as curvas, as cicatrizes, os ondes não nos nascem pelos, daqueles que sabem reconhecer em nosso cheiro um cheiro que somos, que somos tanto ao ponto de nós mesmos não sabermos; visto que o sentimos, o cheiro, todos os minutos de todos os dias e, portanto, não mais o identificamos como cheiro, essência, aroma penetrando o nariz; perdemos nosso cheiro enquanto existência misturado que está ao óbvio, como os calos no calcanhar ou esta dor no ombro esquerdo; esses, os que nos sabem, vão sentir o suor cheirando a morangos e podem, por isso e por outras coisas, nos lambe o pescoço e ali ficar um tempo razoável, como quem se sacia mais pelo calor que pela sugestão; podem até, dependendo da fome e da porosidade do que lambem, aproveitar a proximidade para aferir, com a ponta dos dedos, o couro cabeludo; aproveitar para nos tocarmos com o tórax o nosso tórax (o que pode provocar elevações); podem até se achegar para um beijo cheio de língua, quase como a devolver a fome, a saliva, o suor, o cheiro, se dedicando ao macio dos lábios como quem se dedica ao macio dos morangos na primeira degustação. Aliás, outro dia li sobre um estudo realizado na Holanda que todo beijo guarda um quantidade absurda de bactérias, algo em torno de oitenta milhões por segundo; e tudo isso ao som de Lennon e McCartney.

Não à toa são uma delícia.

Alguns temos boa arma para nos manter vivos, a Literatura; “Escrever para se manter vivo”, Abreu sempre citava, o eu dá muitas senhas para sua agora tão iluminada escrita e também para seu súbito interesse por jardinagem. Ninguém gasta esforço de seu auge trocando girassol de lugar; Abreu explicava que girassol quando abre em flor despenca — o talo é frágil demais para a própria flor —, como se a haste não suportasse a beleza esplêndida do que é. Então, o caso do girassol feinho é que já nasceu tão quebrado, nem parecia valer a pena; mas Abreu o amarrou em uma espada-de-são-jorge e isso lhe conferiu certa sobrevida, porém uma chuva de madrugada o fez retornar — e até pior — a seu estado quebradiço, enlameado, precário; foi então que o cortou e o replantou em outro ponto do jardim embaixo de um buda chinês de mãos quebradas e, no dia seguinte, endireitado de suas fraturas, o girassol com seu faro girou sobre o próprio eixo e manteve sua corola aberta, iluminada, sorrindo para o rosto do buda chinês. Um com o talo torto, outro com as mãos quebradas. Abreu, diante do ocorrido, se permitiu a alegria dura das coisas findas, pois sabia que aquele girassol morreria em no máximo três dias (como todo girassol quando abre em flor) e já calculava o que fazer com suas pétalas amarelas, onde jogar (ou deixar o vento?) os fins dessa delicadeza cheia de bravura pela vida. Não permitiu tristeza — Abreu era desses feitos com a linguagem das sobras —, e foi cuidar do que restava, que é sempre o que se deve fazer.

Ligaram dizendo *Abreu, a Ana conseguiu*.

Recebeu a notícia de que Ana havia pulado no dia do lançamento do seu livro em Porto Alegre, durante um evento, uma feira de livros, em que ele era o autor convidado. Dias antes ele estava com ela, no Rio (para onde foi morar, um pouco por causa da amiga), no hotel do alto do morro, brigando e reatando aquela amizade luminosa e turbulenta diante do embate anímico que seus encontros — quase choques — representam. Ana vinha sempre com muita carga, mais que uma

amizade peso-pena (não que fosse o caso) poderia sustentar; tinha, Ana, rompantes de suicídio e a pele nada bronzeada, tão bela que chegava a incomodar; porém as pulsões homossexuais e a fruição da linguagem os tornavam cúmplices, feitos de uma dor lá dentro e o entendimento mais ou menos lúcido de que ela, a dor, foi feita para vingar.

Mas Ana vinha com uns humores sombrios e certo cultivo pela morte que o deixavam sufocado por aquele espírito inatingível dessas pessoas para quem a infelicidade se tornou um vício, por isso o peso áspero de seus solavancos, seus arranques de iluminação. Teve uma vez em que os dois brigaram feio durante uma social no apê de uma amiga em comum; tudo se deu no quarto sozinhos em que estavam (as demais pessoas na sala) quando Ana teve um surto e tentou se atirar da janela. Abreu deu três tapas no rosto dela (deixando alguma marca avermelhada) para que voltasse do transe e terminou a bronca dizendo *Não se morre na casa dos outros, ainda mais se matando, ainda mais na casa de uma amiga! Que falta de respeito!*. E ela acaba no dia em que ele era sucesso, recebia aplausos, batia fotos, sorria diante da homenagem feita em vida, enquanto sua obra saía quente do fundo de suas dores. Abreu achava que poderia curá-la das depressões, com alguma terapia que a convertesse à felicidade; outros amigos também achavam, mas conheciam Ana e seu jogo de cena, por isso se revezavam em turnos tomando conta da vida dela; mas, neste 29 de outubro e na casa dos pais (viajando), ela pediu uma toalha ao amigo (daquele turno) e, no que ele saiu do quarto para buscar, Ana (com certo desdém?) se atirou sem que deixasse ao menos um beijo, um bliss, um blue.

Abreu viu quebrada a haste magra que parcamente o sustinha e, não fossem os amigos em Porto Alegre, talvez tivesse escolhido a boa umidade da terra em dias de chuva e não o sorriso largo do buda chinês de mãos quebradas. Fumando um cigarro enquanto lia as próprias pernas, viu seu reflexo na janela da cozinha. Foi cuidar do que restava, que é sempre o que se deve fazer.

Em uma noite de 29 de dezembro (alguns dias antes, na verdade), descobriu que Clarice faria uma noite de autógrafos em uma livraria de Porto Alegre; ficou

quase melado de excitação mental, ela era o que Abreu mais amava em Literatura naquele momento — e o foi durante anos. Ao entrar na livraria, vê no canto e diante de uma mesa a imagem daquela mulher branca de uma alvura que não era palidez, mas espécie de santidade incrustada na pele que, objeto de tanta luz, não tem outra alternativa exceto a de ser ela própria um enorme, um verdadeiro clarão — intensificado nesta noite pelo vestido preto e certo ar soturno (este sempre) que a cobriam. O ar que a vestia (nesta e nas outras ocasiões) vinha com o negrume denso das boas tristezas, essas que, cômicas do que são, não agendam hora para doer. Abreu encontrou alguns amigos na fila, ofereceram-se até para o apresentar, possibilidade imediatamente recusada por ele, tímido e envergonhado e de joelhos, entregue, como se faz diante do santo de devoção.

Escrever é essa solidão toda, é sentir o vazio fazer volume e iniciar uma espécie de pressão como sente a superfície de um balão prestes a estourar. Estes que fazemos pacto com a Literatura pagamos com a carne a nossa escolha, sentimos o vazio instaurar em nós certo inchaço, quarta à tarde algumas descamações, gastrites, dores no tornozelo à virada do tempo; isso sem contemplar o peso que decidimos carregar (muitas vezes motivados por perdas ou dores esparsas), o que nos confere dois ou sete quilos a mais em cada ombro e tamanha carga na ossatura afasta a reincidência de deitarmos sobre outra pessoa — visto que o peso que sentimos na teoria até pode nos fazer imaginar imersos em uma relação especial, agora, quando se está sob imensa força a golpear por baixo e comprimindo o tórax não de forma prazerosa, mas dando indícios de possível sufocamento (e por isso não raro nos pedem para sair logo de cima findo o gozo), agora, quando é este o peso que o pacto nos faz pagar, não tem beleza ou vontade de carência que faça alguém voltar.

Geralmente, quem tem no dorso essas profundidades reconhece seus pares, tanto que, quando Abreu estava abrindo a porta para sair da livraria, Clarice levantou, foi até ele, disse:

— Fica comigo. Você é o meu Quixote.

E Abreu ficou colado nela até o fim do lançamento, foi ali que soube o que mais à frente viveria na pele, a dificuldade de elaborar dedicatórias para todas aquelas pessoas que precisam, escritas à mão, se saber especiais; por isso, ele

pensa, ela não escrevia nada, apenas assinava Clarice Lispector, como quem, por estar ali, já cumpre seu ritual no sacrifício. Saíram da livraria, depois foram conversar no quarto de hotel onde ela estava hospedada e sobre seus ombros Clarice chorou um choro de quem se faz compreendida, em um local duro, ósseo, quase metálico e, por isso, capaz de suportar suas confissões. Abreu era pura absorção ao passo que ela dizia “Eles acham que sou hermética!” regada, a confissão, ao sal das próprias lágrimas e nenhum álcool que os retirasse da entrega mútua que vivenciavam naquele momento. Vinda, aquele entrega, de uma mulher que escrevia com o apunhalamento do próprio útero, toda crueza era maior. Apesar disso, nunca mais se viram (ela morreria seis anos depois), mesmo Abreu tendo morado no Rio algum tempo mais à frente. É isso, algumas impressões vêm ao mundo para serem primeiras, é só; qualquer coisa a mais não passa de redução do seu tamanho.

Foi com outra (e antes de ser quem é) que Abreu foi perdendo o que restava de seu selim literário, com ela que leu Rilke e Tolstói, em sua casa que morou até o ponto de engrossar a voz, com ela que buscou a linguagem pacificada daqueles que já foram, com ela, Hilda, que via em deus misto de escuridão e sorvete de cereja. Com vinte anos foi morar com ela em seu sítio em Campinas, bem afastado e cheio de cachorros; ouviam vozes pela tarde e a cumplicidade com que partilhavam esse sentido conferia aos dois espécie de goma mística encurtando distâncias na já projetada relação mãe-príncipe em que ambos se viam. Ele, príncipe; ela, escritora em caos. É certo que a intensidade de Hilda catalisa em Abreu cruezas ainda desconhecidas, até porque ela é escritora que enverga a vara entre a pena e a morte, aquela desorganiza, esta fulmina; e é no centro do que nos fulmina que buscamos o prazer de ser atingido, de ser golpeado por aquilo que nos destrói para forçar reconstrução — assim é a prosa de Hilda —; escolher o caos para dormir ao lado, se convidar para morar em sua casa, esperar que o caos vasculhe seu quarto em busca de remédios e/ou objetos pontiagudos (o caos sempre é sábio de nossos impulsos), buscar que o caos nos cuide; amar o caos, é isso, se entregar a ELA—caos, Hilda, como quem a dirige sua luz imantada de

paixão tão óbvia, obscena, entregue, despojada de pudores ao chamá-la MÃE e ouvir “meu príncipe” em retribuição matriarcal de quem nos ama pelo caos que somos — sem tirar nem pôr, somente aceita como alvo do que agride e do que ama e, exatamente porque fulmina, exerce com mais corpo a fúria que chamamos AMOR. Hilda-Ruiva e dura, pouco afeita a sobretons, cumpre as arestas sem polir, azeita de oleosidade a sua linguagem (e a nossa, a de quem chega perto), sabe da própria desordem — mas quer a ordem e ama ser o conflito que a destrói. É no conflito que se faz linguagem, porque dói e não espalha, é só ardência sendo exercida sobre nós sem sujeito que a pratique; linguagem-ELA, Hilda, linda e ruiva, mãe-postiça e sem muletas, amarras, planos bês, dona, inteira do que somos, COISA, até que passamos por ela e desancoramos deus, usamos cruz para pegar o sorvete e levamos tapas na mão por desrespeito ao que não cremos mais; túrbida Hilda, faz de nós o seu tumulto, sombria e luminosa, já não cedemos a pressões internas e só de viver se sente perdida e sabe não ter quem ache, não ter quem procure, não ter quem ao menos pense “onde é que tá?”, não ter nem que se lembre do som mudo do seu H; envelhece à espera de que alguém entenda a matéria de que fomos feitos, cria rugas, rugas sem pudor, aceita as dobras — não não tocam para saber a flacidez de suas elevações —, o descarte ela vive, Hilda, corpo feito da linguagem gelatinosa dos estados indefinidos, dos estados-limite, dos estados que choramos e o choro não escorre, fica, agarrado na bolsa de rugas embaixo dos olhos, é preciso que os dedos a estourem como se estoura uma bexiga cheia d’água; mas se tem felicidade, Hilda-dura, alegria-coisa e comestível, faminta sem cereja, se tem felicidade é essa: é ser o corpo sendo descoberto.

Voltando de sua última viagem à Europa, de volta ao quintal dos pais, intensificou sua sintaxe sempre afeita a café e cigarros; já aceitava as manchas de ambos nos dentes, na pele dos dedos, no ritmo da respiração e isso o fez pousar no aeroporto central de onde foi — direto e de táxi — para a casa dos pais. A mãe vestia uma camisola azul quando o deixou entrar, recebeu o filho com uma vontade velada, tantos eram os anos desde a última visita. Não vestia sutiã àquela

hora da madrugada (por isso os peitos marcados pela impiedosa queda da gravidade), foi passar um café em meio à troca de carícias tortas e pouco entregues (como são os retornos dos bons amores). Abreu usava um tom mais manso — artigo raro para o filho em questão — e isso indicava a abertura para um novo jeito. Ela, dona Nair, comentou da perda de peso, o julgava magro demais. Falando só com a direção do olhar, também comentou sobre as manchas no nariz, uma outra no braço esquerdo. Sentados à mesa forrada com toalha quadriculada e migalhas de pão, sorviam o café enquanto, entremeados de longos silêncios, trocavam amenidades. Olhando para os próprios dedos segurando a xícara, Abreu: — Mãe — parou devagar, a voz tremia, fazia uns saltos — Mãe, é tão difícil... E não disse mais nada. Dona Nair avisou que deixou seu antigo quarto como sempre esteve, inclusive os lençóis estavam trocados. Não era preciso dizer mais nada.

Do dia seguinte em diante, Abreu se dedicou a cuidar do jardim, proteger suas plantas de caramujos, farejar girassóis, antever tempestades, manter a vida aquecida nos invernos rigorosos. Foi em um desses que pegou pneumonia, batendo no já bastante debilitado organismo, o que facilitou seu formato de partida e, para Abreu, desde que belas, todas as formas de ir são válidas, são leves, são lindas.

Saindo do hospital já com uma sensação melhor ao respirar, estavam ambos indo para onde deveriam ir, para onde quer que ela nos encaminhe no instante de nos recolher, e a Morte, apenas com gestos, guia Abreu por aqueles caminhos de muito sol e céu azulado, ainda pisando — descalços — um chão de terra batida. Caminhavam lado a lado. Ele não sabia, mas haviam desviado da rota usual, à Morte cabia uma figura chupadamente esquelética e ela aparentava pouca satisfação, agora caminhavam por uma vereda minúscula e só então Abreu reparou estarem cercados por um enorme campo de flores — especificamente, girassóis —, cercados deles por todos os lados, pois a estradinha atrás deles já se transformava em girassóis ansiosos de faro, prontos a escancarar a sua luz. Sentam-se em um banquinho de pedra e contemplam aquela versão de sonho do Kurosawa, estáticos, como quem espera ser pintado por Van Gogh. É girassol por todos os poros daquele campo em um onde que, desconfio, nem a Morte domina;

ela, aliás, expressa algum pesar em seus gestos — até agora só falou por meneios — e, repleta de melancolia deixando escapar tristeza, abriu a boca para falar:

(SILÊNCIO)

(A Morte mantém silêncio. Feito um vento preso, pelo excesso de contenção, o hálito adquire um mofo. Foge então um cheiro de morangos silvestres. *I shall remember this moment: the silence* — ela pensa. morangos colhidos em uma época de pouca esperança. Morangos com o vermelho embranquecido de bolor, preso junto ao vento como um cheiro guardado no mar e só agora aos poucos se revela. *the silence, the twilight, the bowl of strawberries, the bowl of milk*. Um cheiro que é desconhecido enquanto cheiro porque nunca teve anunciada sua recepção, porque era um cheiro que somava presente — no banco da pedra —, passado e futuro. *I shall carry this memory carefully in my hands as if it were a bowl brimful of fresh milk*. O hálito mofado de morangos daquela tristeza que podemos chamar de silvestre, ou rústica, ou dura em sua condição. *It will be a sign to me. I shall remember this moment.*).

Abreu percebe a dificuldade da Morte. Sabe que ela nunca se acostumou à socialização e por isso preferiu caminhar às sombras, sempre ao lado. Escusa, porém ao lado. Ele agora chora para cumprir um ritual — talvez para deixá-la mais confortável. Abreu chora uma lágrima única, como sinal de aceitação. Mas a Morte é brusca e, ainda olhando para baixo, finalmente disse:

- Você tem um cigarro?
- Estou tentando parar de fumar.
- Eu também. Mas queria uma coisa nas mãos agora.
- Você tem uma coisa nas mãos agora.
- Eu?
- Eu.

1.6 Senhora H.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Tu és garoto, boy. Muito te falta. Vives como se tudo fosse um grande esforço de ser. Não entendes? Por mais que se mova o trem, tu não te moves de ti.

Os vivos já não me dizem tanto, H., por isso invoco meus mortos para tentar te entender. Esses que a AIDS levou, que a nuvem de poeira de certas construções tombadas asfixiou, que o câncer roeu, que a lâmina sangrou o pulso, que a dose excessiva de calmante embalou sem pesadelos. Agora entendo por que ladrões roubam e por que assassinos matam, entendo por que bois choram sem morrer; somos desses que amam sem ter decidido, só pela força e pela vontade de fazê-lo, e recebemos rangidos, entranhas que nos dilaceram como revide a quem, no amor, avança desarmado. Já sabemos que a vida não vale a nossa lucidez. Voltamos marcados pelo ardor, pela acidez da retenção, não pelo aguardado e aguçado roxo de algum dente em nossa carne. Envelheceste devagar, com o silêncio das boas chicotadas, ao ponto de alguém que caminha por São Paulo, ao se lembrar de um livro teu de escassa tiragem, perguntar ao amigo com quem caminha pela Paulista *Ela ainda está viva?* Tão viva que ninguém fala. Tão viva que acham que já secaste, que não possuis mais polpa, que já se esgotou o desejo de ser tocada, molhada, golfada, agredida com os bons rasgos da ansiedade — que sempre foi nossa forma de fruir o prazer. As rugas não são mais foscas, nossas dobras não brilham mais. Deve ser pouca água, a que dissolve rútilos; ou então a pouca vascularização, algo bastante comum na muita idade. A solidão é uma página em branco — não à toa escreves tanto... Evito te encarar, imergir meu olho na possibilidade de tuas pupilas; porque sinto pena?, medo?, compaixão ou piedade?; não; evito para não sentir a obscena compreensão do que somos, do que tudo é. Tu dizias que os sentimentos vastos não têm nome; mas é que sentir é muito específico, é com destino certo, é no volume exato de não sobrar. Sentir é sem gordura. Às vezes penso que sentimos fosco, assim, sem exercer, entende?, fica só aquele latejo imprimindo força contra o que somos; e doendo, claro. Na falta de sentir alguém (e de alguém que nos sinta), sentimos a nós mesmos — com a

honestidade dos que possuem tendência para a autodestruição. *Tantos livros e nada no peito*, tu me dizias, mas não vai secar ainda; deixa um pouco de tua alma ainda bem lubrificada nos penetrar com o espanto das primeiras calefações; podes usar meu corpo, ele vai se expandir mais, ainda sou novo e nada propenso ao amor. Podes continuar em mim, H., fica no meu corpo. Não vou sumir para uma casa de campo, visto a rejeição no urbano, em meio a todos com quem não sei me partilhar. Sempre fui bom de velhos, entendo tuas sobras, tua ansiedade de quem sabe que não vai durar. Há muito tenho esses olhos fundos que a maioria julga ser paz, mas não passam de agudo desencanto. Podes vir, fica em mim. Quer dizer da dor, eu sei; tua alma busca entendimento, eu sei; tudo brilha agora que se despedes, eu sei. Vem a meu corpo fosco e de alguma juventude sem gastura, vem que te comporto e, quem sabe, não escreverás por mim, eu que já escrevo com o osso

não tenho gordura para queimar

e ambos amamos quem não entendeu que aquilo era amor, porque entregamos poucas rosas, chocolates, fotos a dois no entardecer; nós sentimos o outro ainda que isso o fulmine, o queime como quem ranha um osso na lixa até polir a lixa; mas nós somos peritos nas explosões e bombardeamos a coisa toda. Já entendemos o não exercer a sozinha aguda caso voltemos a sentir. É lindo para quem vê de fora, para quem vem nos sorver da forma. Teu deus já te lambe com a língua dos gatos; áspero, indiferente, julgando que arranhar seja espécie de carícia. Logo tu que sempre foste de cachorros e seus olhos de felicidade não cumprida. E deus lambe tuas feridas assim, degustando teu pus e tua dor enquanto te sorve sem barulho. Quanto a escrever, não vamos além de um atrito. Tua escrita sempre foi como teu amor; aguardando apenas alguém que venha dar extrema-unção; porque você já nasceu pronta, madura, coisa-feita, triste e perfeita para morrer (os críticos não te enterraram desde a primeira prosa?, não diziam que parecias ter tomado ácido antes de escrever?, não disseram que eras louca e precisava se tratar?), isso porque as coisas em ti sabem do seu destino adulto; não nascem inocentes, meninas; surgem de braços, no punho, quase rebentadas de tão prontas que estão para serem colhidas. Tua prosa veio pronta para ser lambida, H., sugada pela lâmina que aceita os amargos da fruta tirada do pé (aquela de sabor

real, não de gosto asséptico-superstar das meninhas do Hortifruti). Mas ninguém te chupa, H., estranham teu gosto já nas primeiras intenções, dizem que dás indigestão, que estás com o sangue sempre à mostra, com as veias leitosas, boas de chupar. Não à toa sumiste, foste se isolar em uma casa escondida no interior, em meio a árvores que geram coisas verdes, em meio a mosquitos que de fome não hesitam em te sugar. Engraçado que *sugar*, em inglês, é açúcar, e tudo o que tu querias era ser abraçada em uma fúria alagada de sordidez e doçura.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Tu és garoto, boy. Queres o açúcar, o docinho? Não aguentas o cacau? O gosto como ele é? Café é um beijo amargo, boy! O trem se move. Tu não te moves de ti.

Este esforço para tossir também é culpa da loucura de teu pai? Foi a loucura, a morte, tua paixão edipiana por teu pai que te puseram este invólucro mineral? Tu és toda pedra, H., de tuas dobras fazem sal; não faz sentido querer o adoçado que não produzes, onde se viu pedra querer ser crême brûlée? Tu já não choras, H., esfarelas. Quando vês, já és pó, areia sobre alguma página em branco; lambo a página feita de tua celulite e celulose, sorvo teu calcário sem medo da vingança de se alocar, pedra, em meu rim — no máximo isso me daria vontade de me dobrar ao meio, tamanha a agressão abdominal, me faria vomitar o que não digiro até nada ali restar e, pela boca, sair o líquido viscoso da bile a me lembrar de tua amargura — misto de ácido e lucidez. Ainda quero que me tomes, H., mesmo que custe caro por dentro. Por que recusas tanto?, por que não se aproprias do corpo que te oferto agora que o teu só dorme nesta cama, nada produz e te inviabiliza?, tu desejas e teu corpo não (o exato oposto de mim), então se assenhores dessa minha complexidade de suores. Podes entrar que aceito teu revide. Também sou duro. Há muito que doer já não dói mais.

Desejas, H., que quem te olhe seja teu cúmplice, cúmplice de tua sina. Com meus olhos de cão, paro diante do mar que são teus olhos azuis aceitando a emergência da própria imensidão. Já puxo teu olhar de coisa ferida para o meu,

denso e profundo, afeito aos bons abandonos, como são os olhos dos cães pretos, olho pigmentado pela ideia de azar, olho-horror, olho-vastidão, olho-latifúndio, sem ter boi algum a ruminar. Ninguém quer ter medo de si mesmo, H., por isso estes olhos condenados à eterna solidão, porque um olho ama com a inocência dos primeiros espantos, das primeiras marcas que deixam registradas como extrato de beleza; é isso amor: duas solidões que se aceitam, duas solidões que se arranham, duas solidões que, a sós, se beijam mas não se fundem. Rilke diz que o amor são duas solidões que se protegem; mas te incorporo, H., sem que precisas me amar; te protejo a alma com o corpo endurecido pelas perdas, pelo mineral opaco e inflexível das pedras que sustentam teu abandono rochoso no leito de um rio, imersas na vida por cujo fluxo não se permitem se entregar. Porque todo cachorro tem o olhar de um abandonado, já percebeu?; isso nos acontece porque temos o olhar da aguda compreensão, olhamos o humano e vemos tudo, mas quem suportaria a ideia de ser compreendido por um vira-lata?, um ser com profunda paixão pelas sarjetas do mundo? Nós, cães, na mitologia grega, éramos considerados animais psicopompos, ou seja, condutores das almas depois da morte; mas não quero te conduzir, te levar, te ladrar; quero que em mim permaneças, que se nutras de meu abandono, que por mim escrevas, H., sendo o custo dos teus atos de agressão.

Como se te perdesse, assim te quero; como se te rompesse, assim te entendo; como se te chorasse, assim te lacro; como se te doesse, assim te amo.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Ficas se achando preparado para amar feito um potro lustroso? Já sentiste a queimação do sol desesperado sobre nossa carne amolecida? Tu és garoto, boy! Tudo na superfície da pedra é absolutamente desigual. Por dentro, te chamas e queima em vez de acalantar. Aprende! Ainda que se mova o trem, tu não te moves de ti.

Tudo que fiz, tudo que atingi, tudo que sinto que amei, tudo que sou cabe em uma urna de volume médio, repleta de cinzas, rescaldo aquecido de um corpo

limpo depois de uma vida malcheirosa. Preferia virar patê, H., como fazem com o fígado dos gansos. Órgão que era saudável, era vida dentro de um ganso normal. Adoecem-no, e do apodrecido, do doente, do que de morte reside ali fazem gosto, vendem caro, chamam *iguaria*. Quisera meu corpo iguaria de civilização canibal qualquer a ingerir com voracidade a rigidez de minha musculatura apodrecida. Nado veloz à rutilante matriz. A vida vale a pertencença, H? Me olhas e não respondes, toco tua perna enfaixada na altura da coxa e ris. Sentes cócegas ou é apenas a materialização de tua ferida? Troco o futuro de meu corpo limpo pela tua queda na noite de ano novo, troco a ossatura de minhas pernas definidas na academia pela fratura de teu fêmur agora coberto de gazes. Quero o barulho de teu osso trincando, H-mineral, quero a fragilidade de teu cálcio.

A solidão ruidosa de um tiro rasgando a musculatura do coração. Isso é amor.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Tu és garoto, boy. Pare de olhar a vida desse jeito assombrado. O que é que andas vendo que o pessoal não vê? Achas que só o teu selo é o sétimo, boyzinho? Já não sabes? O trem se move. Tu não te moves de ti.

Quando se fala muito o nome de uma coisa, é porque essa coisa está em falta. Vês, H., como hoje é tudo sobre amor; ensaio, prosa, ficção, chocolate, comercial de absorvente, família e margarina, até tempero é com amor, H.! Sinal de que é artigo em falta. Falo até em excesso sobre amor e sobre morte, falo, pois não os possuo. Me comprazo com apenas um deles, H., nunca fui guloso na ingestão de sentimentos vexatórios (vês, tenho dificuldade de digeri-los), e tanto um quando outro caíam bem neste corpo ainda jovem e com poder de criação. Tu, H., como eu, também sentes a própria morte (a diferença é que não a temo), vês a morte, luzes, amores e outros objetos de amor não identificados. Falamos da ausência que somos, H., e nunca fomos um objeto feliz no amor. Não sentes falta de que alguém te exerça? Sinto muita falta de alguém exercendo isso em mim, o corpo até róí menos nesse quando, sustém um pouco o mastigar. Sim, porque eu já

vi alguma coisa que lembra o amor; mas não aqui. Aqui é o corpo-derrelição, H., tudo aqui é algoz e abandono. Já brincamos muito de perder; potlatch é o nome, certo?, isso de ver quem perde mais (e depois é a vez do outro, depois a nossa, depois o outro...). Agora já te sou à exceção do vão da escada, por isso te digo que me chames, que aproximes a alma ao pior vazio de mim. Cabe certinho, não precisa se preocupar. Nós, que somos bons de perda, também somos bons de amores — exatamente por não o exercermos. Por isso tudo para nós tem o impacto do amor à primeira vista, e tudo em nós o retém tempo o suficiente para que nos olhem e pensem “Veja, ali!, alguém cego de amor”; porque só quem carrega o abandono no olhar caniço de um bom vira-lata se aceita cego diante de qualquer (falsa) promessa de felicidade.

Até porque esse teu deus cuida de nós como os homens cuidam dos cães sarnentos: a porradas. Não à toa ganir nos é tão familiar — esse grito que chamamos “escrita”. Somos essa espécie de água, de líquido, de vida viscosa que alimenta deus e seus lobos, tigres, leões (ou qualquer ferocidade que o valha); e por essas línguas ásperas por vezes nos vemos sorvidos, como uma lixa que se arrasta por nossa pele levando o salgado que encontrar para alimentar essa fome que é sempre mais. Outros se veem não lambidos, mas chupados como por um canudinho instalado em seus corpos, preparados para que uma boca sequiosa o utilize para chupar de nós aquilo que chamamos sobrevivência até que nos reste esta espécie de carcaça calamitosa e mal distribuída pelos amores, até que reste apenas o lixo de nós em esboços caprichados dos dejetos que, psicologicamente, sempre fomos. Mas tudo bem, H., tu nem terias escrito o que escreveste se não fossem esses lobos, se não fosse pelo massacre desses dentes estarias banhada na ternura e compaixão; o que é lindo na vida, mas nem um pouco útil quando se escreve. H., tu és essa ferida que pergunta. Com as perdas, com as rejeições, com a dureza da pedra que somos, vamos nos adestrando o gume, o lastro luzidio de nossa faceta nascida para cortar.

Então cortamos. E pensam mal de nós, só por que temos sol em Áries e nos é facultada a capacidade lancinante de brandir? Tu não, és parecida, taurina, e brandes o chifre obsessivo ameaçando perfurações. *Por que te cansas tão depressa quando cavas no outro?*, outro dia questionaram. Não sabem que nosso

prazer, H., é a perfuração, não residir na opacidade de certas clausuras; não é lá que ansiamos nos instalar, mas no som emitido por aqueles que cortamos, na observação precisa dos movimentos cardíacos que, agora, batem fora da caixa torácica e batem por nossa causa, nós que os expusemos ao existir para fora do tronco. Então, abandonamos, deixamos lá, pingando vermelho e choro em uma calçada qualquer. Não à toa nos odeiam e à nossa visceralidade — que é o esplendor da nossa natureza. Nada podemos fazer. Nosso corte é dado a imperícias, como quem, em vez de conciso, machuca carne com faca de pão.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Insistes em se dizer um poeta que escreve em prosa. Poetas... bóóóhhh um sol no coração e um sentir bóóóhhh tão delicado. Dá tuas aulas, boy! Um homem de empresa não deve ter qualidades excepcionais. O trem se move, tu não te moves de ti.

Não sou cumpridor, H. não me coloco em ação quando das ordens de outrem. Não sou cheio de vontades, apenas não respeito hierarquias. Vês?, pedras quebram os vidros de qualquer alto escalão, quebramos a abóbada só para não pedir licença ao entrar. Não sou homem de empresa, H., não insista, não me irrita, H.! Sou um professor de melancolia, isso que sou. Li em um texto da Clarice sobre gatos e lebres. Ali ela sugere que exista um professor de melancolia. É isso, sou ele, ela me achou antes de eu mesmo tomar ciência de mim. Te aquieta, H., deixa de ciúmes! Clarice é minha bruxa favorita, mas eu te amo também. É tudo uma questão de quem me desvenda mais. E ela até nomeia meu cargo dentro da profissão. Porque é isto que faço: falo de dor, de escrever com o estômago, com a tinta da bile, de ler com a tristeza de que somos feitos: fogo, logro, solidão. Falo da queima, da combustão quase carbonizadora que promove o excesso de lembrar. Falo da disciplina Literatura, mas que poderia muito bem ser denominada *Melancolia I — ensaio para a obrigatoriedade do mundo*; ministrada por mim e dirigida por Lars von Trier.

Em vez disso meu chefe sugere que são culpa minha os pensamentos suicidas de alguns alunos. Não sou homem de empresa, H., educação é um balcão de negócios, quanto está a cotação do Zola? Sou homem do meu tempo, H., ministro *Melancolia contemporânea*, não domino o XIX. Dou aula de bermuda e não quero falar de florzinha, beijinho, poesia-perfuminho. Ensino os caras a se olharem no espelho, só isso. Não quero emburacar ninguém. Mas poesia inocente já não tem vez. Tiro deles o filtro deslizante das emoções. Ensino-os a conquistá-las por inteiro. Ensino-os a se assenhorearem do que os destrói.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Tu és garoto, boyzinho. Está escrito na tua cara, tudo que tu não viste nem fizeste está aí impresso nessa tua cara de Mr. Wonderful. Não aprendes, não é mesmo? Ouça! Ainda que se mova o trem, tu não te moves de ti.

Já não tenho espinhas, minha pele acumula excessos, sempre fui ruim de filtro e excreção. Ficam em meu rosto de menino verdinho nódulos de gordura, uns caroços sob a pele. Faço compressão em frente ao espelho para ver se explode, mas apenas machuca o tecido. Quando sai algo, é cheiro, um cheiro de salgadinho Elma Chips. Nojento. Que mulher lambe a cara de um garotinho que tem gosto de biscoito de criança? Quem chupa o pau de um garotinho assim? Deve ser rosinha, sem experiência nem textura. Volto da farmácia com uma seringa, tomo banho morno, saio e, diante do espelho, enfio com cuidado a agulha nos caroços. Me contorço tentando dar ângulo para a visão. Espero umas horas e volto, espremo com os dedos até fazer um barulho, um ploc, um estalo. Então, este líquido viscoso e com manchas de sangue começa a debandar, a sair de mim, testemunha de meus interiores. Custa menos ao corpo que certos gozos. Deixa marca, mas não ficam frustração, conversa na cama, silêncios ou constrangimentos. No máximo, abaixo de minha orelha e não coberto pela barba, resta um rasgo, uma moossa, um sinal de agressão.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Tu és garoto, boy! Te falta lâmina afiada, garoto-nabo-cego-sem-fio! Tua picância falta gume. Eu? Estou no centro de todas as coisas, mas a visão é larga como um grito que se abrisse e abrangesse o mar. Assim te olho. Por mais que se mova o trem, tu não te moves de ti.

Os vegetais sentem dor, você sabia? Então pegue o canivete e comece a ferir aquela figueira. Isso, deixe escorrer o leite branco, o visgo pastoso de sua seiva. Vegetais sentem dor, será que gozam? Têm algum momento de esplendor em sua existência pacata ou atingem o auge com o solzinho? Tu, H., dizes que teu texto é de ficar gozando o tempo inteiro. És carne, és textura fibrosa, és sangue e calefação, por que se apiedas desta árvore? Sacro é o silêncio no carnaval. Lembras de Caio, que ganhou a voz nesta figueira, e sentes nostalgia, é isso? Ele botando o rosto colado ao tronco firme desta árvore sagrada, pedindo, implorando *Me engrossa a voz!*, rasgando a casca, o dentro, até que sai a seiva branca que ele aceita sobre o rosto, o nariz. Ele lambe a seiva de olhos fechados, como quem agradece o leite espesso cuja forma de puxar para fora ele descobriu com movimentos de boca e estremecimentos do corpo. As espinhas desaparecem, a voz finalmente se define. É isso que esperas de mim, que sugue o fluxo, o floema de teus vegetais? Já sou um homem de quase trinta anos começando a beber um pouco demais, não muito, só o suficiente para que se acenda uma emoção cansada.

Quando vais se configurar um vegetal, H.-minério? Não dizem que estar em coma é aproximar-se de estado vegetativo? Passo a mão por teus cabelos brancos, por teu sorriso úmido (mesmo com este tubo a lhe descer a garganta) e sinto cheiro de comida de hospital. Te alimentam pelo nariz, H., invertem o floema de tua natureza que sempre se prestou ao contrafluxo. Falo isso e sinto coceira na glândula, me desculpe por favor. Já cocei. Ausculto agora com os dedos a proporção de tua rachadura. No fêmur. Passo as mãos pelo bolo de gazes e espero que doas. Nada me respondes. Nada vive ou quer viver neste quarto de hospital. Te desce pelo nariz esse tubo fosco te fazendo entrar tudo aquilo que os médicos dizem ser suficiente para que um corpo continue. Sai de um pote marrom, vejo agora, da

marca Nestlé, Nestlé Science Health. Não parece saboroso o custo de um corpo continuar. Te vejo e lembro que a dor é patrimônio nosso. É por isso que existimos com este nosso contorno. Para doer. Existo desse jeito, por isso firo, agrido tudo e todos até se que voltem a mim e, cortem com lanhura de faca nova, este corpo macio de filé mignon.

Aceites o que digo, se aposses do que sou, me permitas te poupar. *Deixa-me ao menos arrelvar/ em uma última carícia/ teu passo que se apressa.* Isso é Maiakovski.

Bato à porta de H. Digo: abre, me deixa entrar!

Tu és garoto, não me romantizes, boy. Todo verdinho, menininho de palavras prontas. Tua linguagem ainda não dá cheiro, não excita a polpa. Citarás até quando? Já cresceram pelos no barthesinho de tua linguagem? Ou só aguentas a fruição se for com mãos? Anda, comece a ferir este rosto! Aprende! Ainda que se mova o trem, tu não te moves de ti.

Com a mesma mão que escrevo, que me masturbo, te toco agora os hematomas, H., o redor da veia por ondem te entram tantos fluidos. Acesso é o nome, diz a enfermeira. Só assim para te adentrarem, minério-H, pedra láctea, rochedo de linguagens? Que tanto afastas em tuas interioridades que não permite a aventura? Por que não me permites ser o sangue que te vive? Acesso é romper a pele para que te enfiem um tubo no organismo. Temes a dor? Tocam-te a pele com carinho? Te lembras do toque com amor? Sei, somos dessa linhagem de isolamento voluntário, solidão quebradiça que só dopando para nos forçar abertura. Se tentam entrar, sangramos. Vieram depois que foi morta a ilusão na gente. Te vejo perder a cor, H., sinto teu cheiro se acumular a cada visita, volto com ele para casa. Desenvolves oquidão diante de mim, como casca de amendoim jogada na areia da praia. Em mim o acesso também é rompimento. Somos demais o sangue para que nos acessar não pressuponha o sangue.

Tem este corte para a faca a fundura certa? Tem a profundidade certa o tronco para que as dores, os traumas nos infestem? Às vezes, H., bate um frenesi

de cavar. Cava-se até sangrar o poço, quando não se suporta mais o rosto de certas superfícies. A unha corta, a terra sorve o nosso sabugo e escrever está cada vez mais difícil. Quero o prazer raso do corpo. Trocar fluidos como quem toca flauta. Sem encanto. À espera de moedas sobre uma marquise qualquer.

talvez sim, talvez assim
 serias mais belo
 o rosto adquirindo relevo de luz
 se dor e agressão e culpa e gozo e gosto
 de tudo o que te rodeia te penetrasse
 ao invés de te gastar.

sabendo que o sulco de todas as solidões
 se presentificam em teu rosto
 sabendo que o vertido da água é vestígio e cicatriz
 agora sim amo da maneira escura
 de maneira dura, à moda da pedra.

Impossível mover os nós sem ruídos, sem assustar com os guinchos as gentes ao redor. Já não bato à tua porta, H.-pedra, minério de dor e luz. Tens a cara branca e larga, a cara dos que escolhem peças brancas no xadrez. A cara dos que perdem. Já não tento te adentrar. Entendo o que somos, de onde vem o gozo. Entendo para onde não vamos. Os sentimentos vastos não têm nome, não é? De nós não tiram o leite

porque nós fomos feitos de pedra, H.,
 quando queríamos ser feitos de amor.

PARTE II

*O sofrimento (capítulo três)
não insulta o corpo*

Wisława Szymborska

Ninguém o ensinou como amar seus barcos

É por dentro que o iceberg se faceta
e por isso tem mais chances de rachar

Apesar das escamas
e diferente dos peixes
nunca se deixou levar
ou acreditou na imersão total

Nenhuma leveza o sustenta
simula transparência
com a cadência
de quem se permite
aproximar

Quem o bordeja e bota a mão
a testar suas cicatrizes
deixa com ele postas
de alguma superfície.

Em meio ao sal
das próprias lágrimas
por vezes rejeita
revolve rebenta
chama “vem para perto”
e devolve destroços
ao mar aberto

Seu frio
não faz pena
em ninguém
Sua emoção
queima em vez
de acalantar

Esse isolamento, o que atrai,
não faz concessão
mas ninguém o ensinou
a amar seus barcos
a, sorrindo, se reinventar
nas águas da dissolução.

2. Latejos

Drummond disse que não facilitasse com a palavra amor.

Segui o conselho, até aí tudo bem; mas eu precisava ter dificultado tanto? Só disse assim (*Eu te amo!*), com a voz alta, de peito aberto (tão vulnerável e à flor da pele que algo aqui dentro parecia sangrar um sangue grosso, intenso de libertação), só disse assim três vezes. Duas mereceram ouvir, mereceram tanto que hoje me odeiam (vejam como sou bom nisso). Passam longe ou só ignoram, em suas rotinas, que um dia sangrei por elas.

A terceira foi tia Yedda.

Tive de bater na cara dela para dizer. Já com oitenta e dois, morria de Alzheimer e câncer deitada na cama que fora de seu pai. Ficava, minha tia, só de olho aberto, respirando com a dificuldade dos recém-falecidos. Não falava. Para compensar, eu dizia amenidades achando que o corpo ainda ouvia. Foi quando vi seus olhos girarem para trás (as pálpebras ainda abertas) e ficarem brancos, sem íris, como se transformados em duas luas. Dei um tapa em sua cara enquanto soltei um grito (Tia!) para que as íris voltassem ao seu lugar, para que a tia focasse em mim e eu pudesse dizer o que ambos sabíamos que eu sentia, mas a dificuldade nunca permitiu dizer. Escorreu um líquido de seus olhos antes de ela os fechar para morrer.

A Doutora disse que era conjuntivite, por isso a secreção ocular. Vejam que diagnóstico de merda. E que merda de Doutora que faz as vezes de mensageira do além para, até depois de morta, promover a recusa por parte de minha tia ao *te amo* que seria, pelo timing, de uma eficiência inigualável.

Dificultei tanto que me sinto em conserva, como se já fosse para ter morrido, como se tivesse sido puxado da terra — feito cebola ou pepino — há tempo suficiente para ter apodrecido, porém uma água vinagrenta impede que aconteça a morte, então me mantém aqui. É isso: sou um arrancado — bruto em suas raízes (agora inúteis) e sem perspectiva de ser consumido.

Às vezes, antes de dormir, quando suou muito, sinto cheiro de enlatado. Vez ou outra, levanto, vomito e durmo. Outras, só durmo como um mendigo já afeito ao próprio cheiro. Ou feito um peixe de aquário mal limpo, cheio de restos de comida e com pouco oxigênio para respirar. Uma vida que se alimenta do próprio cheiro. Porque bebe e come do cheiro; mistura de água, ração e seus dejetos.

Sobre esses peixes de aquário li no Valter Hugo Mãe que eles têm uma memória de três segundos. Ou seja, a cada três segundos a vida é um novo assombro. Imaginem que maravilha a cada três segundos o impacto de se descobrir vivo e, melhor, sem nem precisar viver; passar por esta estadia de vida em solavancos, em agressões, em impactos de constatar a própria condição na loucura de acordar e amar o cerco de vidro que nos tampa, mas sem tempo de investigar as bordas do cerco, de ouvir o som do vento no vidro que já foi areia, de aprender que não se facilita com a palavra amor.

Um peixe de aquário adulto pesa cerca de vinte gramas. E se esquece de quem é em três segundos. Tomemos um bagre como estimativa acerca desta relação peso x memória. Os quinze quilos de um bagre de rio, solto e supostamente livre para viver, tudo isso dá a ele trinta e sete horas e meia até que se esqueça de quem é. Então, depois disso, ele zera a memória e se encontra diante de uma correnteza qualquer a o levar sabe-se lá para onde, e ainda esperam dele, em meio ao turbilhão, que se encontre, que tome conhecimento de quem é, que nade na direção correta.

Às vezes ele tenta, noutras só se deixa levar.

O bagre, assim que toma conhecimento de si, entende que a vida é escorregadia. Não sei se sofre por isso. Não sei se ele sente, por algum instinto, que é mais feito daquilo que se esquece do que das coisas que lembra. Quanto de mim é puro esquecimento? Trinta e sete horas dão mais que um dia e meio para que o bagre tome conhecimento de si, entenda seu papel na vida e, dependendo da época do ano, reze para ser pescado, ansiando um debater-se que não é agonizar. Mesmo que acabe em um congelador e envolto em plástico; sem perspectivas de ser consumido; sem tampouco feder como último ato de vingança; e mesmo que acabe no lixo de casa (e posteriormente em um caminhão da Comlurb) tendo, sob

a ótica de muitos, não servido para nada, tendo a vida desperdiçada; mesmo com tudo isso, o bagre prefere assim a acordar de novo.

Voltei a tossir.

Quando tusso, me dedico. Vejo honestidade no corpo querendo se cuspir para fora.

Sinto que me falta um vício.

Escrevo em um café em frente a uma tabacaria. Nunca fumei, tive asma e bronquite quando pequeno. Sempre achei melhor não irritar meu pulmão. Encaro aqueles cigarros importados, de mil tipos; cremosos, mentolados, “coffee cream”; e quero comprar, fumá-los devagar degustando um charme que não tenho. Deve ser bom ter um vício assim.

Morremos por amor ao cansaço.

Quando me sentia dominado por desejo, vício e cansaço, ligava para uma mulher de programa. Foi em uma terça-feira que marquei de encontrá-la em um motel de luxo em Laranjeiras. Sempre tratei minha tristeza a fios de seda e hidromassagem; luxo jamais concedido à minha alegria.

Ao vivo elas são sempre mais gastas que no anúncio.

Se chamava Thábata e perguntou se podia comer estrogonofe. Devo ter respondido que sim no automático (enquanto pensava que sempre detestei trepar de barriga cheia); mas era Thábata quem comeria, minha função era pagar — e de mim ela não esperava espessura, tamanho, sutileza, ímpeto, tampouco doçura; de mim ela só esperava isso: que fosse um bom pagador. Não à toa me acostumei a pensar as relações como um sistema de crédito ou débito (em todas eu pagava, pecava, culpava). Thábata vinha cheia de exigências, sensibilidades e lugares onde não tocar. Antes que eu pudesse reclamar, contou que perdera o namorado no domingo (era bandido e levou uma facada, encontraram já morto). Agora mesmo

é que não vou reclamar do estrogonofe! — pensei. Não sabia se ria ou se me chocava ou se consolava aquela mulher com quem eu estava prestes a me relacionar. Preferi ficar calado. Durante o sexo — Thábata já tinha comido o estrogonofe — me esforçava em cima dela (vendo seu reflexo no espelho em frente — o que tornava tudo mais prazeroso), quando ela começa a chorar. Não sabia se parava e iniciava um consolo afagando seus cabelos ou dizendo palavras de conforto e compreensão. Resolvi, em vez disso, continuar com mais força, puxando os cabelos, a cabeça, o choro — agora reprimido, segurado, ainda mais doído — para mais perto de meus ouvidos.

Foi bom. Me senti culpado ao terminar, ofereci sobremesa. Petit Gateau? Avisei, depois de ela recusar o doce e enquanto eu punha a roupa, que o quarto estava pago e que eu já estava indo. Ali ela sorriu pela primeira vez, agradeceu, ligou a tv e se aconchegou nos lençóis de mil e duzentos fios. Saí sorrindo com a sensação de dever cumprido. Sempre fui caridoso. Sempre fui um bom pagador.

Gostaria de ser uma alma mais calma, mas acontece que meu pé dói.

Isso veio desde que li Guimarães e passei a dar a vida por pisável. Não à toa só uso tênis de corrida. A última por quem sangrei achava um horror, achava feios demais. Talvez ela só pensasse que meus tênis de corrida indicavam um eu eternamente preparado para as longas caminhadas que são as despedidas.

Meus tornozelos ardem quando corro, queimam quando não olho para trás. Não faço por mal esse ir embora tão devagar, deve ser errado se acostumar a me ver pelas costas. Juro, não é desdém; apenas é o jeito de o pé não doer. Por isso, a recomendação é andar na areia fofa, coisa que não faço há anos. Culpei o calor na maior parte das vezes, mas ser olhado, ser julgado pelo excesso de gordura, contaminava qualquer ameaça de vontade. Não seria homem o suficiente para assumir o próprio corpo? Fui, e fui andando rente à água para depois andar torto — meio como quem cai — pela areia fofa. Já me acostumara a andar torto — ali, na areia, lembrava — era como se acabasse de sofrer um golpe. Melhor, andava curvado como se me precavesse para o instante do golpe, como se já estivesse

moldado fisicamente para a ideia do golpe, como se eu já vivesse a forma do golpe antes mesmo de o golpe existir. Queimei a sola do pé. Mas o estômago resiste.

Porque minha úlcera é outra coisa que queima e me faz curvar. Trabalho nela desde os quinze, quando tive a primeira gastrite. Ardia, queimava o peito, mas confesso: gostava da ideia de ter uma “doença” de gente grande. Contava para os colegas na escola que faltara no dia anterior porque estava com gastrite, e ninguém tinha aquilo, eles faziam um ar de surpresa e comentavam sobre um pai ou tio que também sofria essas ardências. Eu adorava ter aquela gastrite só para mim. A Doutora dizia que era culpa da pipoca (que eu comia em escalas industriais) ou dos mates e sucos de limão. Hoje, culpam o excesso de café, o ficar muito tempo em jejum.

As pessoas não entendem, gente como eu, tão voltada para dentro, acaba criando um chiado lá dentro, no vazio. E essa constância de barulho aos poucos pode tornar o vazio um ambiente perigoso, ela põe as paredes para sangrar. Certa vez tive crise de úlcera enquanto estava no banheiro. Dobrei, rolei no chão, acalmei deitado de costas sobre o azulejo (não conseguia levantar e sair da posição). Depois de uns quinze minutos deitado — e a descarga por apertar — levantei e liguei para a Doutora. Ela mandou conferir a cor das fezes e me explicou, ao ouvir *bem preto* como resposta, que aquilo era sangue digerido, que fezes com sangue digerido se chama melena; parecia o nome de uma garota de quem gostava na quinta série. Desliguei o telefone e fiquei pensando que era lindo aquele processo, de sangrar e o corpo digerir o sangue como se fosse alimento, como se fosse algo que caiu ali com fins de fazer o corpo virar mais corpo. Me agradava a ideia de aquilo que sangra em mim ser entendido como algo que agrega, que acrescenta, que vira músculo, que faz parte do sistema defensivo. Aquilo que sangra ser recebido como algo que cura.

Sangrar é das coisas que faço melhor. Por isso tenho apreço à minha úlcera e não renego seu vil queimar. Gosto da iminência do café expresso, do sabor de amargo e ameaça que sinto na língua a cada primeira bicada. Às vezes, ponho canela ou noz-moscada, gosto da personalidade que elas lhe conferem pelo gosto e pelo cheiro. Quando o tomo assim, vejo meu café como alguém que retorna de um

encontro amoroso e, por mais que ainda tenha sua própria essência, não consegue disfarçar o tanto do gosto do outro que fica em seu corpo.

Facilito com minha úlcera tudo o que não facilito com a palavra amor.

Aliás, penso que meu músculo cardíaco já me tem servido demais, afinal sou desses que consomem seu próprio sangue. Não porei sobre ele mais nenhuma carga amorosa. De agora em diante, ele está destituído de todas as atribuições sentimentais. Já amo só com o estômago.

A última por quem sangrei repetiu algumas vezes que eu só gosto depois de perder, que eu preciso perder para dar valor. Não é bem assim. Antes eu também gostava; vivendo a perda pareço gostar mais, porque exerço o ato de gostar sendo muito mais eu, fiel ao que entendo como o melhor de mim, a perda. Ela nunca soube que foi amada com o estômago — por isso as quebras, por isso tanto gosto pela acidez. Não à toa rumino tudo com rancor.

Outro dia, o Affonso me disse — só falo disso para o Affonso, do mesmo modo que só escrevo para quem gosta de morrer; e ele também quer morrer, e quem gosta, sabe como faz — outro dia o Affonso me disse que os ruminantes têm quatro estômagos. Eles devem amar como ninguém — pensei na hora em que ouvi. Decidi que agora quero ter quatro estômagos, quero poder não perder nada com eles: sentir o gosto que tenho depois de cada dor, de cada tristeza, de cada decepção que se disponha a rasgar minhas paredes estomacais com unhas, dentes, beijos, sorrisos enviesados ou outros objetos pontiagudos.

Quero ir caminhando devagar — ignorando a quem por ventura meu dar as costas se destine — pisando fácil com meus tênis de corrida; enquanto solto ácido, enquanto promovo quebras (e sinto a dor de cada uma), enquanto amo. Quero caminhar sentindo o peso das coisas que nasceram para ser sentidas e; ao me pararem para questionar se já não deu, se já não é hora de aposentar o estômago; poder dizer:

estou disposto a sangrar mais.

Torço para que minha morte esteja de prontidão — e sinto que está. Outra noite, levei uma senhorita para casa, tudo ia rolando como esperado até que, na hora H, gozei sangue.

Ela fez uma cara meio de nojo, meio de terror, alguma decepção e certo ar de “sabia que ele não valeria a pena”. Não sei que cara fiz, mas certamente foi uma expressão similar, até porque costumo saber quando realmente não estou valendo muito a pena.

Ela limpou a barriga, removendo aquele líquido pastoso; era de um vermelho com manchas brancas, era culto, era estéril, era tudo o que eu era, contudo apresentava uma estética, uma áurea de coisa infectada. Vestiu a roupa e foi embora, mal se despediu (acho que ela esperava algum tipo de desculpas). Não sei o que aquele sangue fazia ali, misturado ao meu instante de prazer, ao prazer a que tão raramente me ofereço. Talvez meu corpo estivesse mandando dizer que, de agora em diante, tudo que expelisse seria símbolo da minha vontade de morrer. Vontade essa que cresceu lenta, filha bastarda de um útero não desenvolvido; acompanhei seu crescimento e agora vivo o peso que me empurra para a dor de não satisfazê-la. Sempre fui de uma entrega adiada. Só não entendo por que a doida pegou tanto horror do sangue derramado nela, sangue que de uma forma ou de outra já havíamos trocado. Mesmo que, naquele momento, ela tivesse visto, sentido ou captado, sei lá, essa minha vontade dita por muitos “obscura”, mesmo assim o assombro não se justifica,

morrer não é sexualmente transmissível.

O espelho do banheiro agora guarda dois círculos de negrume dispostos a vestir meus olhos — antes afetuosos —, dispostos a promover uma leve ardência (e certo afundamento) atrás das pálpebras e acima das bochechas, a me conduzir para um cansaço que não é vontade de dormir. Estas olheiras não borram, ao contrário, foram construídas — de dentro para fora — com método, com técnica, com o procedimento das perdas (sempre tão cruel, sempre tão preciso).

A cada tanto de vida, uma cascavel tem seu chocalho aumentando em um anel; e o guizo, quando mais encorpado, lhe confere, biologicamente falando, maturidade, robustez, força, barulho e poder de barganhar ameaças. Com o agravamento das perdas, o círculo enegrecido se expande em uma volta em torno de meus olhos, sinalizando a maturidade das tristezas já secas. Tanto que as olheiras, quando acrescidas de tempo e dureza, ao contrário do derramamento de outras épocas, exercem com naturalidade a contenção; fazendo as vezes de barreira a reter à força a pressão das águas fluviais. Por isso apresentam mudança de textura e coloração, principalmente para quem as observa de cá (e pensa a cor como indício de outras rachaduras) e, ao toque, sente o rigor da pele ao redor dos olhos, sente a aspereza de pequenas elevações rugosas, sente a bolsa segurando a dor ao promover seu endurecimento — que mais parece um teste para ver se a pele aprova o rigor mortis.

O sol é pouco e as olheiras guardam as sombras que nós somos. Isso porque absorvemos aquilo que enxergamos, sorvendo gota a gota (como uma espécie de choro ao avesso) a beleza do que não vivemos. Deixamos o choro ali, estocado, aguardando alguém que use, mas — exposto ao relento, ao calor e alguma umidade — apodrece e fica preto, a sombra do que nem foi. Distinta à maquiagem, essa sombra não é imposta de fora, mas se inicia no sangue, aos poucos passa da artéria para o músculo e só então, na superfície fértil da face do rosto (e por sobre os olhos), se apropria daquele terreno não assenhoreado por nenhuma alegria.

Ali aterra suas dores, suas tristezas experimentais, dando forma ao que é, a esta instalação rochosa, chorosa (mas não vertida) em seus penhascos, sabedora da inexistência de um alguém possuidor da coragem de a percorrer. Desse movimento insurge nosso olhar pesado, das pedras que carregamos nas olheiras.

Um homem com uma perda no percurso caminha meio torto, como se o que falta aumentasse o peso e isso o obrigasse a pender para um dos lados; por vezes tropeça e torce o tornozelo, mas o faz com tal elegância, com tal zelo, que nem parece carregar um saco de pedras no olhar esquerdo.

Os que possuem perdas no percurso
se reconhecem pelas olheiras

sabem que a iminência dela é mais cruel
 escutam vozes durante o dia
 se batem
 choram na academia
 às vezes na fila das Lojas Americanas
 olham fixo demais para um mesmo ponto
 tomam banho de água fria
 evitam sorrisos fáceis (mas também a rigidez)
 se desculpam com frequência
 são mais afáveis com garçonetes do que com familiares no Natal
 escolhem por exclusão
 não assinam manifestos
 evitam conforme o costume

Assim como o chocalho da cascavel, minha olheira fazia um barulho surrado — um som vindo do cansaço —, era quase uma insistência, espécie de convocação. Me falta, na verdade, alguma multidão, me falta sentir aquele agradável tumulto de vida fazendo barulho por dentro, mas ventilo apenas o pouco que sobra do meu silêncio.

Gosto de chuvas que botam medo.

O bagre por trás do bigode é sério, é duro, é forte; nada sem se curvar (no máximo faz leves ondulações para melhor angulação), quase não conversa, tem poucos (raros) amigos o bagre atrás das escamas e do bigode.

É réveillon e chove no Rio de Janeiro. Vivo trancado em casa. Há uns quatro anos, nesta mesma data, esperei dar onze horas, tomei uma caixa de Lexotan com um copo de Jack Daniel's; dormi rápido.

Acordei no dia dois. Sempre detestei acordar (e isso deve vir da minha dificuldade de dormir); o corpo nunca se dispõe, já acordo com cansaço. Alguém de trinta anos devia estar mais voltado para a vida — Jurandir sempre diz durante

as sessões —, sua morte é pura estética. Gosto de alegar cansaço, mas acho que sorrio demais.

Rosnando ou sorrindo, sempre erro ao mostrar os dentes. Todos quando me encontram dizem como estou bem, contam que adoraram o livro novo, que o discurso estava sensacional, alguns elogiam minha aparência (e com sinceridade, o que torna tudo mais difícil de entender). Não sei se eles compreendem, mas o fato de ninguém perceber esta morte em mim é o mesmo que dizer que ela nunca vai me deixar, que vai ficar sempre se roçando em mim.

Essa morte tem o aspecto de coisa já vista. Nos últimos meses de gestação, a Doutora foi informada de que tudo, dali para frente, seria de risco, por isso ficaria acamada até o final da gravidez, do contrário poderia morrer, ela e o feto poderiam morrer (até o casamento andavam no fim). A Doutora fez tudo para não desperdiçar vidas (me pergunto para quê) e inclusive teve tempo de sobra para pensar no nome da criança. Ouvindo Mercedes Sosa (o marido era barbudo e comunista e *hastalavictoriasiempre!*), escolheu o nome falso que Che Guevara usou, em seu passaporte, para entrar escondido na Bolívia; escolheu porque, segundo a cantora argentina, Ramon é aquele que nunca morrerá. O saldo é que vivo essa maldição de não morrer desde antes de ter nascido. Pelo menos minha história (de meu nome) carrega a beleza das pré-coisas, daqueles “instantes-quase” que Clarice prolonga (como em câmera lenta) na sua forma de narrar; aqueles instantes quase fora, porém ainda dentro das possibilidades do sentir.

Convém dizer, para não ficarmos só em antecedentes, que logo após o parto em que minha mãe, de cócoras, me expeliu (tanto que meu pai sempre brincou por a Doutora ter me “cagado” na hora de me dar ao mundo), logo após o início do parto — e antes mesmo de eu gritar (no instante pré-choro) — a enfermeira derramou água no meu rosto (e por instinto a aspirei), o que provocou asfixia, me deixando azul (quase roxo) por mais ou menos um minuto. Depois que não morri, chorei, gritei, retornei à vermelhidão e a tudo o mais que esperavam de mim.

(Isso não é a dor ainda.)

Não quero uma morte estética, mas fiquei pensando até o fim da sessão em quem poderia dirigir meu falecer. Tarantino poria muito sangue, muito tiro e muito grito, prefiro algo mais silencioso. Almodóvar faria ser belo (talvez eu e Penélope Cruz mortos imersos em uma banheira de molho de tomate?), mas não quero futuras aparições de espíritos, velas vermelhas e outras coisas de um *volver* sobrenatural. Coppola faria uma morte honesta, suja e sem tecnologia, chego a considerar.

Lars Von Trier!, esse sim faz morrer bem; me recordo da cena inicial de *O anticristo*, a aria de Handel fazendo parecer que é fácil cair, enquanto a água do chuveiro, de tão lenta, dança devagar antes de molhar a pele, o cabelo, as mãos da mulher no banho. Pingos gordos espirram em câmera lenta — toda lágrima que um dia já foi minha sonha em ter caído assim — da garrafa tombando da cabeceira. Ele foi até sua mulher e começaram a foder em pé e em preto e branco, só então passam à cama — não para o descanso merecido de depois, mas para que, com apoio, possam aumentar a pressão. Ela goza (seus dentes denunciam o gozo) enquanto a filha de uns dois ou três anos voa pela janela do outro quarto e cai com seu corpo para que, macio, morra em uma grossa camada de neve. Sem baque, sem barulho de morto, sem gritos de prazer. Só a voz em italiano embalando, linda, a criança imersa em neve se despedindo da vida.

Prefiro não morrer. Quero acabar. Como uma coisa que um dia teve começo e, agora, simplesmente não dura mais, expira sem drama e sem gosto, só finda, como começa e termina uma sinfonia de Beethoven, como um vento que, quando se vê, já é só ar.

Penso em acabar, não em ser assassinado; talvez por saber que a seguir do golpe de faca, tiro (ou outro), em vez de espumar ódio e jurar uma vingança impossível virarei para aquele que está a me tirar a vida e possivelmente vou agradecer, senão até pedir

Fica, Judas

como um cachorro que não tem consciência do que vive e permanece somente pelo cheiro, aprendendo a ser osso também, como um bicho que não nasceu para lambar os beiços, como um ser torto a quem não se oferece as mãos e é só nisso que penso antes de partir, na alma das mãos, na última por quem sangrei oferecendo a palma como retorno. (Repara como as mãos possuem um pasmo que é só delas, repara como estranham, deve ser porque tudo o que acaricia nasce antes). Puxo as mãos dela para perto, faço com que me toque, chupo seus dedos uma última vez, estendo sua palma direita e beijo como se escrevesse nas linhas de sua mão.

Jurandir, a cada dia que passa sinto que estou mais longe da morte. Roça na pele a certeza de que ela não vai chegar. Só queria que ela viesse, me tomasse para si, mas o cheiro de maresia faz parecer que caminhamos em sentidos opostos. Às vezes sinto que ela vem, se aproxima, me observa enquanto leio na sala, sente o cheiro do café, fica tentada a me tocar, mas desiste, assume outra forma e vai embora, exigindo de mim que viva a sua desistência.

O estômago, quando solitário demais, quebra com tal fervor — ainda que vazio e duro e rachando a própria estrutura — que já me sinto emagrecido. Não é isso que dói, são as hemorroidas. O primeiro contato que tive com elas foi por meio de meu avô (também por elas consumido). Ele usava umas bolinhas, um remédio de nome Hemorroimed e eu, com pouca idade, achava graça naquele nome, parecia plano de saúde.

Mas graça e hemorroida não confluem, lembro de perguntar ao vô o que era isso e ele, tergiversando, tentava me enrolar — o que eu não permitia acontecer, por isso insistia fazendo perguntas com a voz fina de quem ainda não viveu as coisas graves — até que em um rompante, como quem agride respondeu que

Hemorroida é quando a veia pula pra fora do cu.

Fiz silêncio.

A imagem era dura. Pior é viver a necessidade de que a veia amoleça para que, macia, retorne ao buraco de onde saiu; pior é viver os dias fazendo o “banho morno”, que consiste em encher uma bacia de água mais para quente do que para

fria e ficar sentado nela de cinco a dez minutos quatro vezes ao dia rezando para a porra da veia amolecer. Meu avô tinha 65 anos, tenho 28 e já possuo um corpo que não me suporta ao ponto de forçar sua saída da maneira mais brutal, íntima e nada discreta. Corpo que tanto já me digeriu e demonstrou paciência consigo mesmo e agora projeta um abandono só para que, aliado à vergonha de não poder sentar direito, a humilhação doa mais.

O custo da ardência é não poder tomar café e até evitar comer para não precisar evacuar; a vida aos trinta vai se tornando essa autoconsumação na qual a queima vem com estômago e fecha no reto; e nisso vou sentindo meu corpo como uma fogueira criada a partir de dentro de seu próprio fogo. Já não basta a morte não vir, é preciso começar a queimar antes?

Outro dia li que deus sente fome, que morremos para compor a sua refeição. Faz sentido, pensando assim, que a morte venha me cozinhando por todo esse tempo, sem pressa e com método, como uma boa cozinheira do século XIX fazendo guisado em panela de barro.

Talvez ele já comece a se alimentar comigo vivo, de meu corpo ainda em andamento ele me consuma. Isso me lembra de um prato em que a lagosta vem servida quase morta, mas cozida no tempo certo de ainda restar vida, e a comemos assim, raspando a polpa branca de sua armadura laranja e, enquanto a levamos à boca, podemos observar lentos movimentos de suas antenas ou patas a constatar que jantamos um organismo vivo e somente por se tratar de outra espécie animal chamamos iguaria, não crueldade.

Desconheço se a lagosta sente dor, se sabe estar sendo comida ou se as pontadas do garfo provocam apenas aflição; só espero de deus que não me almoce vivo, que aguarde minha morte para se debruçar sobre meus nutrientes a fim de ingressarem em seu corpo abstrato de matéria não viva.

Ou recusas a espera, deus, por saber que a proteína do suicida não presta, tem a carne mais amarga?

Penso que a carne sente mais vontade de ser comida nessas épocas de carnaval. Há um excesso de exposição de peles, de trechos de corpos (acostumados à textura das roupas) agora sentindo o toque do vento, o arrepiar dos pelos como há muito não faziam. Por isso, se expõem nas ruas, nos blocos, no metrô; deixam ver a carne que anseia ser tocada como uma presa isolada de seu bando, que, motivada pelo enfado da má sorte e do convívio com os próprios sons, caminha devagar diante da ameaça, se oferecendo, sem total consciência de estar buscando o fim ou apenas saindo da monotonia.

Faz dias que não saio pela porta, sacos de lixo se acumulam perto do fogão; encontrei uma barata na torradeira hoje pela manhã, achei nojento, mas fiz a torrada mesmo assim (pensei em Clarice mordendo a barata e foi tudo mais fácil, mais seiva branca, mais romântico) passando umas sobras de queijo cottage que nem sabia ainda habitarem a porta da geladeira (deve ser um resquício da época em que tomávamos café aos domingos de manhã). Nunca soube fazer isso que as pessoas fazem tão bem, soltar ferormônios, se cheirar, acasalar com a facilidade e o descaso dos animais.

Perco o ar com multidões. Dói o pulmão, fico procurando saídas mesmo se a vida estiver ao ar livre. Me tranquei por dentro e agora vivo essa amargura de uma artrose aos trinta.

Detesto movimentos bruscos.

Evito a louça, já que Rose vem na quinta, então permito o acumular, vejo a pia não dar vazão e panelas passarem a ficar dentro do forno como forma de ocupar espaço em um apartamento alugado em Botafogo, 60m² feitos para que eu pegue fogo sozinho. Tomo um comprimido de Ranitidina e a ardência para. Já calmo do estômago, surge a quarta-feira de cinzas e abro a porta da rua, desço fora o lixo com alguma vida por dentro (dado que coisas se mexiam dentro das sacolas de plástico), pego o elevador — fedendo, pois alguém mijara em uma das quinas, provavelmente alguém bêbado e feliz de uma felicidade que não fabrico —; saio do prédio nesta quarta nublada e tediosa e linda sem aquele excesso de alegria nas curvas e cheia de foliões caindo nas portas de lojas fechadas. Todos com sorrisos largos nos rostos e nas bocas recém-beijadas, só consigo pensar na minha boca maculada no máximo de café e sem nem argumentar a elasticidade de um sorriso,

faz tanto tempo que interrompo o processo de julgar e me vejo inteiro e vivo na calçada da Voluntários da Pátria — Botafogo — Rio de Janeiro, uma cidade servindo luto enquanto caminho pelas calçadas inteiro e vivo (para quê? com qual finalidade?), eu: carcaça de todos os dias nestes restos de carnaval.

O problema é que as pessoas olham para mim e pensam que estou vivo.

Dona Vânia, por exemplo, quando a fui visitar no Samaritano me exaltou tanto que devo ter sido outro naquela vibração. Disse que ao me ver entrar pela porta, manso e doce como os bons vira-latas, viu entrar luz, disse que eu irradiar tanta coisa boa para ela durante a visita que dei força e gana para ela se recuperar breve, sair logo daquela situação. Acontece que, quando abri a porta do quarto em que ela estava, certamente a luz do corredor do hospital invadiu pela fresta o leito escuro e isso deve tê-la cegado por um instante (como fazem, admito, as boas iluminações), e a presença de um corpo novo alterando o ambiente pode, nessas circunstâncias, facilmente ser confundida com um preenchimento qualquer, visto que o próprio espaço diminui (assim como o sentir do tempo) quando acrescido de volume, som e alguma sensação de perda.

Ou talvez de fato eu pudesse iluminar os outros, como dona Vânia, mas, por não saber iluminar a mim mesmo, por não fazer vingar minha luz própria, aceito o curto-circuito que sustenta minha penumbra, que isenta o chuveiro elétrico da sua possibilidade de queima e aquecimento, para que se viva a mornura da minha existência como foi feita para ser sentida: café frio, medo e solidão.

Sei que já não vivo; participo disso que chamam dias, noites, o tempo a passar. Existe, cão? Existe vida antes da morte? Dexiste, cão?

Sempre fui um tinto bom de sangue, não à toa desde pequeno digiro meu próprio sangue. Se me repito, é porque o sangue insiste em abrir as feridas no mesmo lugar. Todo sangue é sempre o mesmo, tanto que o gosto se mantém caso o chupe direto da abertura. Às vezes tomo mel e abro os pulsos a ver se fica agriado, mas a verdade é que o sangue só retém o que o encorpa e, no meu caso, não fica nada que seja doce demais.

Hanna diria que “tudo é a repetição do mesmo corte” e é quase como se dissesse tudo em uma linha e eu gastando tantas para me repetir; mas se me repito, é porque sangra, não porque sou bibliografia de mim mesmo. Além do mais, sangue é coisa líquida, coisa líquida não se repete, continua; é isso que faço, prossigo nessa liquidez na qual por vezes submerjo e volto empapado de vermelho nos cabelos, como se tomasse banho em uma banheira enchida de meu sangue, este vazando pelos tornozelos, me lavando com bucha vegetal e sabonete de glicerina enquanto penso se o xampu anticaspa vai dar alguma reação alérgica àquele sangue todo que sei lá com que intensidade ainda surge e que uma hora hei de beber só para sentir doer ao digerir.

De cálculo só entendo dos renais

isso desde pequeno, tanto que no oitavo ano fizeram uma seleção dos garotos mais bonitos da turma (em uma votação das meninas) e uma delas veio gentilmente me informar que fiquei na posição de décimo sexto. Falei *tá bem* (só pela obrigação de falar alguma coisa, parecia falta de educação sustentar o silêncio), agradei e me despedi. Porém só no dia seguinte fui candidamente informado por algum daqueles filhos da puta de que tinham dezessete garotos na turma, mas, como minha abstração literária nunca fez contas e o número trinta e dois era o total de gente na sala de aula, pensei que ficar em dezesseis não era mau — o que é burro e inocente, eu sei, mas é o que resta quando se é feio, semigordo e possui uma família que não te injeta cultura a fim de compensar. Isso, somado a outros casos similares, instalou uma timidez travestida de armadura (de cor laranja, assim como as lagostas), além de vergonha do corpo e seu excesso de gordura.

Dentro é sempre o melhor escape, por isso penso logo que fui aparelhado para vingar recusas na pele dura dos jacarés. Sempre a postos para mostrar os dentes. Pouco macio de se tocar. Raros os que nele sentem agradar os olhos. Expõe o mínimo de si para fora das águas. Aceita sua condição de solidão mineral e impenetrabilidade, solidez aguando as almas.

Por isso, última por quem sangrei, eu me entregava tão inteiramente em suas mãos, para que me visse vulnerável, exposto, entregue, dado, à mercê,

para que fosse completo o uso que fizesse de meu corpo, embora todos esses anos de extravio tenham me posto lacre. Essa entrega (em sua pulsão de intensidades árduas) conteve um peso que sua pouca idade nunca soube bem como manejar. Entendo que um jacaré sem armadura parece outro bicho, mas a carga de uma vida imersa em rocha dura só aumenta o peso em cima do teu sangue, por isso tão mais intenso, percebe?, por isso o sexo como se fosse o último, por isso tudo tão visceral, entende?

Um jacaré tem revestimento de placas córneas muito duras, ao longo do dorso e da cauda, formando um serrilhado. Suas placas ósseas, chamadas osteodermos, formam uma espécie de armadura que o protege com eficiência. Entende agora como é difícil se desnudar? Um jacaré não simplesmente muda de pele, entende? É preciso arrancá-la a fim de demonstrar sua entrega. A vulnerabilidade é um procedimento complexo, entende?

Fora das águas e tendo abandonado sua pele-carapaça de proteção, um jacaré é todo carne viva e agride só por medo de se sangrar e,

sim,

todos sabemos do pavor que deve ser dividir a cama, o sono, o gozo com um bicho feito inteiro de intensidade e destruição; mas

por mais medo que sintamos de que nos mate, de que nos rasgue a carne até os ossos (visto que seus molares são feitos para prender e não soltar; posto que ele ama com os dentes, dada a dificuldade física que o impede o abraço, a carícia e outras demonstrações públicas de afeto)

por mais que tudo nele emane ameaça, caos e extinção; este jacaré de carne marinada no viver de seu próprio sangue (dado que o arranque da armadura levou grudada a proteção junto),

este jacaré, quando ama (e isso não significa pouca violência, ao contrário, provavelmente ele vai se agredir);

este jacaré, quando ama se entrega (a uma condição que fere sua estrutura emocional);

este jacaré, quando ama entregue, se dando inteiro (intenso e bruto, nem mesmo ele se reconhece);

este jacaré, quando ama, é entregue, é inteiro e intenso, é áspero diante das primeiras sensações (ele nunca sabe se isso é lágrima ou apenas a continuidade de seu habitat); e sei que a ideia de dividir a cama com um animal visceral e destrutivo amedronta; mas

este jacaré, quando ama, apenas ama
não vos mata.

Sempre tive certeza de que a terra se abriria fácil para mim, que não seria preciso muito esforço daquele que tivesse a bondade de me enterrar, que a terra cederia entrada leve à pá. Ela abriria mão de alguma resistência, enquanto aguardaria macia (como um bom leito após tanto tempo de cansaço) meu corpo em se alocar em suas frestas.

Foi nessa época que comprei um caixão. Era uma loja em Copacabana, não em uma funerária (meu pensamento inicial), aonde fui perguntar sobre a qualidade da madeira etc.; o vendedor — me olhando com certa pena, errada; a pena certa, sabedora da situação por inteiro, provavelmente demandaria mais profundidade nas expressões faciais de piedade — o vendedor gentilmente me oferecia urgência mas logo avisei que este morto não tinha pressa, ainda estava vivo — apesar da vontade diária de se ver imerso em terra, alvo e saliva de sua suculência.

Discutimos os detalhes do forro e da casca (nada muito luxuoso, apenas forte o bastante para absorver a chuva ou alguém perdido que por acaso venha me chorar), forro e casco finos o suficiente para não atrasar a decomposição, parcelei em doze vezes — afinal, é para pagar as dívidas que estamos vivos — e combinamos um mês de prazo. Só fiz questão de o caixão ser preto, feito de ébano, mesma composição da escultura de jacaré que possuo vinda de Angola, presente da última por quem sangrei.

Quando chegou, deixei o caixão no quarto do lado, fiz de baú e botei um lençol azul marinho por cima para não assustar as visitas. Às vezes eu entro nele — mas não fecho, deixo aberto para não dar azar — fico ali um tempo, lendo ou só pensando nos meus mortos. Dói igual. Porque toda perda vem do zero, nasce

nova, inteira, sadia a nos assimilar. A dor vem junto compondo o prato que nos servirá à fome de algum deus, terra ou vida disposta a nos mastigar o ânimo, a cor, o riso, qualquer resquício de boa vontade. Nunca tive memória muscular para a dor da perda, as câibras vinham sempre outras, os cortes, a descamação, tudo em outro lugar. Ontem, doeu na unha, vinha do sabugo até latejar na unha do dedo médio da mão esquerda; tive de arrancar com alicate, botando Povidine por cima que, misturado ao sangue saindo, nem dava o aspecto esterilizado ao qual se propõe;

mas ok, uma dor zerou a outra e saí melhor dessa tarde de domingo, porque, depois de uma dor muito intensa, sempre somos imersos a um determinado grau de anestesia.

E a vida é o que acontece no descanso dessa alternância. Daí escrevo, nesse descanso, troco o pouco que sobraria para a vida registrando meus lumes de pouco ou nenhum brilho. Escrevo como um boxeador, como quem luta, fica em pé, mas, em meio às pancadas que dá e recebe, em meio ao gosto do sangue saído dos lábios, aguarda com ansiedade e acolhimento o beijar da lona, seu futuro possível e descanso real. Minha literatura é sempre do trauma, sempre advinda de tudo que me rompe a carne de dentro para fora; do eterno beco

(tudo que vejo é o beco)

de saber que a mesma matéria que me diferencia me fazendo original também me agride e me faz querer morrer; é a mesma matéria que me dá a literatura e me torna inapto para o convívio social. Simplesmente não sei fazer, apenas promovo perdas.

Como a última por quem sangrei que mantém o protagonismo mesmo ausente, com quem terminei a relação para em seguida por ela me sentir abandonado, o que em mim só reforça a tese de que fui parido para a rejeição. Não pense que faço por mal ou que me arrependo, todo término inicia no enjoo e toda a minha ânsia de fugir — a mesma matéria que promove os vômitos — vem desse enjoo que não é dela (nunca foi), tampouco advém do carinho talvez excessivo ou dos ciúmes naturais; não enjoo das pessoas por sua condição de pessoas.

Enjoo de mim quando estou com elas.

Isso me coloca nessa solidão que me aloca tão bem ao ponto de não largar, alimentando o espaço vazio ao meu redor e por isso o aumentando, o que me força tamanha proximidade comigo mesmo que acabo rejeitando este outro (dias depois, quando consigo retomar a direção) tamanho o estranhamento que sinto ao me ver buscar e absorver qualquer farelo de afeto, quaisquer migalhas da possibilidade de afeto, me agarro a elas com o impulso manso de um bom mendigo.

É como me sinto quando me olho para trás e me vejo buscando em alguma outra, mesmo tantos anos mais nova, alguém que entenda de perdas, que pareça entender de carapaças para que eu possa me deixar vulnerável (aceitando a inevitabilidade das pisadas que venham depois), alguém que aceite o peso e se interesse pela anatomia grotesca das feras, alguém que ache bonito ver sangrar o couro arrancado à força, sem saber se esse é o mais fundo da fera ou se ela inteira é esta pura agonia raivosa, agonia de não saber ser outra coisa senão armadilha para si mesma. Alguém buscando o castanho-íntimo no olhar duro e defensivo de um bom mendigo.

Não paro de tremer.

Saio do cinema no meio do filme, tropeçando em um casal de namorados enroscados um no outro ao final da fileira. Achei que passar da porta aliviaria esses tremores, mas só desajusta o lanterninha que indaga se o filme acabou e ele, distraído ao celular, teria esquecido de abrir as portas para saída do público, mas logo aviso ao homem — diante de seu susto seguido de salto do banco no qual estava — que sou eu o errado a sair no meio, tremendo de algo que não é frio nem espasmo (talvez os músculos a brincar de contrair). Até a respiração vem fora de ritmo, sem o ímpeto natural de sua condição, calma e arfada, similar a algum desespero de coisa pronta, fínda, que não volta atrás. Pego o táxi e continuo tremendo e batendo os dentes ao anunciar que o destino é rápido, ali por Botafogo mesmo, e me distraio da dor que o contrair e relaxar provocam enquanto ouço na tv do carro a reportagem do copiloto que derrubou o avião da Germanwings com

mais de cento e cinquenta pessoas. A investigação alega tendências suicidas, vontade de marcar e sintomas de depressão — este último dito por sua ex-namorada em bom som para as várias emissoras de tv, jornais e rádios. Engraçado ela não ter visto, não ter sentido que vivia com alguém à beira de, no limite da própria fundura, alguém que provavelmente franqueou seu lado sujo e duro para sua visitação, mas ela — loira, linda e entendida somente daquilo que sua criação dócil e burguesa devem ter permitido, ou seja, entendida de centros, não de margens — ela com elegante recusa aceitou permanecer fora como quem forja o interesse de um dia querer entrar.

Vês, última por quem sangrei, podia ser você a homenageada de um grande gesto como esse, banhado em dor, histeria e aguda destruição, tudo dentro da intensidade que nos foi familiar. Nós, sem entendimento de centros, de gentes, de padrões óbvios no corpo social, nós não sabemos como fazer, como chamar “oi”, perguntar amenidades, “como foi o fim de semana”, atender o telefone, tudo é um esforço enorme tamanho o estranhamento por uma lógica que não é nossa (nunca foi). E ao sermos postos aos leões, só agimos por meio de impacto ou recusa, somos bons de impacto, temos a técnica, fazemos com intensidade proporcional ao rosnado, no fim das contas talvez só queiramos retomar um silêncio (nada menos que tímpanos estourados), dividir chocolate (brigadeiro no lugar da refeição), demonstrar afeto (todo entregue a você, com medo de não sobrar). Mas não tens com o que se preocupar,

por enquanto tremo

e tremer nunca é definitivo.

Salto do táxi e pago vinte reais em uma corrida de dez, o taxista avisa o erro, mas agradeço e saio logo, antes do possível troco (saldo solidário que a dor sempre nos acomete). Entro em casa, tiro a roupa, entro embaixo do edredom e tremo. Fico deitado exercendo esse tremor — mesmo sabendo que a ação acontece por conta própria, sem sujeito que a execute — e passo a contar o ritmo das batidas de dentes. Logo eu, que nunca tive talento para montar minha jazz-band, faço música com os sons de minha morte, mas não quero ser dramático, ao contrário, tenho apostado o número do meu jazigo na Mega-Sena, se ganhar pago

as prestações pendentes no São João Batista, que possui metro quadrado mais caro que o Leblon.

Morrer criança deve ser mais barato. Deve doer menos também, menos coisa vista, sentida, chorada, alguma inocência ainda em conservação — idade perfeita para não ser mais quem a gente é. Nem somos muito, daí a beleza da coisa que quase nem é morte, só aborto. Gostava ter sido um abordo cheio de sangue escorrendo no lugar do mijo de minha mãe, completamente espontâneo, como alguém que simplesmente sai e bate a porta, rumo à fria porcelana da latrina e depois ao encanamento sujo do esgoto do Rio de Janeiro, que sempre desembocará, vermelho e infecundo, no salgado das águas de algum mar — possivelmente Copacabana.

É na madrugada que levanto para dar cabo à ânsia de vômito que sinto ao me restabelecer da tremedeira e por isso não durmo, para manter a imobilidade do corpo e do estômago em expiação, com o qual já aprendi a não negociar, a não pôr em teste seu poder de devolução; por isso levanto e vou ao banheiro para, no retorno, me sentir livre de movimentos e posições a fim de que possa — ainda que, como sempre, mal — dormir.

Com calma e técnica, me aloco de joelho diante do vaso sanitário — felizmente limpo e alvo para ser tocado —, levanto a tábua e aguardo a voz do corpo em seu viscoso ritual de expiação. Contudo o vômito vem vazio, aparentemente nada reside no estômago, nem sangue nem um resto de comida, nada. Mas a força da contração — e toda sua verve punitiva — continua impulsionando mesmo que nada seja vomitado e a cada tentativa uma nova decepção, pois o corpo — com seus músculos e outros troços que antecedem o estômago — persiste socando e imprimindo som via força abdominal que realiza talvez só para mostrar que não precisa estar bem alimentado para me impor sua agressão. Possivelmente para ironizar a ausência de qualquer coisa que da boca me saísse (exceto aquele som quase aquoso que talvez seja a voz de deus), o corpo pôs para fora um par de hemorroidas tamanha a força exercida no abdômen.

Eis mais um lembrete deste corpo que quer tudo, só não quer ficar.

Descubro que me cortei pelo vermelho escorrido na página e aquilo, essa junção do meu sangue com o papel em que Hilda pulsa impressa, casa muito bem, parece que combino certo com celulose e outros tipos de proteína vegetal. Não à toa faz semanas que só como brócolis em uma tentativa tosca porém dura — posto que é seca e minha — de me aproximar da calma dos ruminantes. O garçom de preto me serve o café, o café, o café, quase perco o fio — por isso, como o sangue, o café se repete —, mas volto a me ver no líquido preto como um estrangeiro me analisando ao tentar se aproximar, não vê reflexo, tampouco adentra; o limite externo, o de fora, é o máximo que permito o aproximar-se, como o olhar seco, duro e impenetrável dos bons ruminantes.

Olhar sequioso. Descobri outro dia que sequioso é seco, estranhei, porque sequioso é palavra que vem com água dentro, parece coisa lacrimosa, feita de gostas, como se estivesse prestes a escorrer, mas, ao contrário, é seco, vazio, poeira. Olhar árido fica melhor, aridez carrega as rachaduras do solo entre o *a* e o *r*, corta qualquer esperança de chuvas e outros apelos torrenciais. Mas o que almejo é isso; quero o torrencial, que é a raiva das chuvas, deixo que bata em mim até cansar, até que seus dentes cortem de vez ou simplesmente parem de agredir. Como as plantas, troncos e alguns vegetais, sempre entendi bem como crescer não apesar de, tampouco a, mas sim por causa da chuva.

Alguma coisa íntima sempre se solta quando um choro cai dentro do olho.

Para a gente que olha de fora, o choro do peixe não passa da mesma água que o cerca, que constitui seu habitat, que permite um ambiente saudável para manutenção de sua vida. Peixe não distorce o rosto, tampouco fecha e abre os olhos enquanto chora e, por não vemos escorrer lágrimas por suas escamas, assumimos no bague um estado de, senão felicidade, ao menos constante satisfação.

Não sabemos até que ponto o sulco das lágrimas desse bague se une ao rio com mais ou menos amargura em meio ao gosto doce que delicadamente advém disso que chamamos tristeza, mas que, à vista do bague, é só mais uma terça-feira; mais uma terça-feira que, em seu mergulho em busca de prosseguimento, se confunde com certo alagamento de alma. Alma que o corpo não retém e logo o

homem — que devia entender o que é ser feito de águas por dentro —, em vez de manter distância do que não entende, tenta pescá-lo em um momento de fraqueza, tenta confundi-lo no auge de seu medo e, ainda por cima, tenta removê-lo do rio a que pertence a fim de consumir sua carne macia de dor, umedecida na tristeza das escamas. Alguns atribuem esse sentir tão forte a um pouco amadurecimento, à falta de vivência e, portanto, de resistência de sua vida rasa; mas este bagre não se ilude com julgamentos superficiais

ele sabe que é cru por dentro.

Logo ao levantar, por volta das sete e meia — horário em que o dentro de nós é mais intenso — vou ao banheiro e noto diferença na coloração e na viscosidade da urina de ontem para hoje, cogito investigar. Antes disso, vejo traços de vermelho nas fezes não muito endurecidas, parecia molho. Descarto melena (pois esta é preta e o estômago anda bem, o que só fortalece o estranhar). Jantei beterraba e essa digestão me parece possível. Ainda mais essas que compro na feira de orgânicos da Mena Barreto, vindas direto de Teresópolis, folhudas e cheirosas, resignadas com sua condição de raiz; por isso cozinham rápido por dez minutos em fogo simples, dispensam o estresse de amolecer na pressão; por isso são tão bem digeridas, tão bem aceitas por um organismo pouco acostumado à maciez. A beterraba, como eu, é boa em espalhar seus líquidos (que alguns tomam com laranja e cenoura feito suco detox), ela os espalha por todo o estômago, cobre as paredes intestinais, adere ao sangue como um semelhante, e talvez, com isso, se sinta desprezada ou, ao contrário, talvez somente venha tomar posse o território que sempre foi seu.

Gosto da ideia de um tubérculo deixar seus traços líquidos na louça verde como lembrete da facilidade com que posso voltar a sangrar.

Em certos dias, como hoje, apenas olho para o chuveiro e sinto que mereço; é isso, sou alguém que merece e lá de baixo, quase ao nível dos azulejos, olho

para cima e vejo os furinhos por onde a água em breve sairá e ali, sentado sobre uma bacia de plástico — enchida de água bem quente — olho com certa humilhação pedinte aquele chuveiro elétrico de plástico e quase rezo para um deus qualquer, um desses que vivem na sombra e têm a linguagem do sangue, rezo pedindo, implorando que me diminua o inchaço. MH perguntou se foi da alimentação ou algum esforço demasiado forte para evacuar, mas tenho comido brócolis todo dia e isso ajuda na harmonia intestinal — acho engraçado isso de harmonia dentro do intestino, parece que lá dentro estão todos felizes, cantando e dançando um musical. Às vezes penso que as veias vêm para fora ver o que está acontecendo, dar uma voltinha, saber das novidades.

Um homem de trinta anos. É isso que sou: um homem de trinta anos sem filhos (sem sequer os desejar) e sem atividades retais extracurriculares que justificassem a presença de tantos gomos no olho que não deve ser nomeado.

Porque, no trabalho, é constante aquela piada sobre a famosa dedada que levamos aos quarenta, procedimento feito por algum doutor em busca de protuberâncias futuras no pâncreas (e mal sabem eles que anseio por um mundo que busque em mim um câncer a me justificar a velhice), aquela piada que não fazem para mim, por supostamente ser novo demais para me preocupar com isso. Mal sabem todos que já levei a dedada com 22 e ninguém vive impune após uma quantidade de osso, pele e músculo te cravarem as sombras não para ver o que tem dentro, mas para tentar fazer voltar o que nunca devia ter saído dali.

É estranho ver o corpo querer te abandonar, mas o entendo, não o recrimino, também me abandonaria se fosse meu próprio invólucro.

Vou comer uma tangerina e abro a pele de um dos gomos, vejo que o dentro da tangerina é feito de pequenas bolinhas laranja, tipo caviar ou ovos de lagarta, e aquele conjunto de pequenas protuberâncias saindo da pele me alerta para o que não quero estar atento: é do gomo, do dentro da tangerina, que surge o suco, o cheiro, o gosto, enfim, tudo o que faz a tangerina ser quem é.

Imagino se um dia formos invadidos por uma raça superior que venha se deliciar com nossa carne, será que vão chupar nossas veias?, será que nos abrirão as fendas e, em seguida, com o dentes estourar nossas hemorroidas, nossas veias, artérias e outras ligaduras?, e o sangue, que carrega nossos medos, nossos gostos,

nossa taxa de colesterol alta, o sangue que carrega quem amamos, este sangue finalmente será a saciedade de alguém?

Hilda escreveu que todo mundo que fala de eu vira santo.

Voltando do proctologista na Farme de Amoedo, entrei na estação General Osório e, antes de chegar ao meio do corredor, vi um jovem comprando bala ou amendoim de outro homem, um cadeirante; e de longe já estava decidido a comprar, mas foi só ao chegar em frente a ele que a aspereza me gangrenou. O cadeirante é um homem de meia idade, limpo, branco e consequência de um derrame. Tem a cara deformada; vejo, segurando o choro dos que não se perdoam, o cadeirante receber a nota de dinheiro que o jovem lhe dava, mas a deixa cair sobre a caixa de madeira em seu colo (onde repousa o amontoado de bala e amendoim), deixa cair porque não tem os movimentos de todos os dedos, apenas de dois (ainda assim, com extrema dificuldade) e então percebo várias notas de dois e cinco reais largadas, porque ele não consegue guardá-las na bolsinha de couro marrom que ele tenta, em vão, abrir.

Não consigo ajudá-lo, alguma coisa dentro de mim já está sangrando enquanto não me permito chorar, não na sua frente. Pergunto, sorrindo, quanto é a bala preta (enquanto leio a plaquinha pedindo que o ajudem a comprar uma nova cadeira de rodas), então vejo que o cadeirante fala com dificuldade — “dois” —, como alguém já morto de alguma forma; mas ele se esforça, gagueja, quer fazer a venda enquanto meus olhos já embaçam sua cara deformada em uma deformação que não é defeito, que não é impiedosa, só é a vida sendo o que a vida é. Entrego 5 reais, pego dois pacotes de bala, agradeço e saio sem ouvir o “obrigado” daquela boca torta, doída e não beijada (quem beija uma boca sem controle de si mesma?, que baba, escorre?, quem ama verdadeiramente uma boca quase morta?). Saio sem me acertar de que ele recebeu o dinheiro e o guardou — na verdade acho que não pegou com os dois dedos da mão direita, tentou pegar, mas eu logo soltei, impossibilitando que ele fizesse, no ar, a retenção daquela nota.

Ninguém que acabou de ter o cu revirado pelo dedo médio de um doutor volta para casa apressado.

O que eu tinha era vergonha, humilhação de ainda querer a morte depois de chorar por alguém tentando manter a vida. Já na primeira escada rolante sinto a vermelhidão me tomar o rosto junto às lágrimas; não me importa que pessoas tomem meu choro por dores triviais, que julguem o que veem e formulem hipóteses para a origem desta já intransitiva dor.

Não ligo.

Sempre tive mais vergonha de risos altos e beijos em público. Minhas carícias sempre foram tortas, mal compreendidas, quase alheias — e isso me lembra quando fui feliz, tão feliz que não me reconhecia mais, parecia outro: tinha lugar na família, futuro possível, sexo com amor, amor exercido; enfim, tinha a quem me dedicar. Perdida a matéria de escrita, o vazio dos dias, a dor cavalgar, estava perdido o gosto de ser quem é, por isso terminei com a última, voltei ao abandono e, como os bons bois, me virei ao avesso à espera de que sangue, sangue, sangue.

Salto do metrô em Copacabana em vez de seguir até Botafogo e sinto que desviar a rota é o escape que não salva; isso porque já nasci pronto, triste e maduro, no ponto para morrer. Porque tudo em mim — inclusive o amor inédito — sabe de seu destino. Todas as coisas em mim nascem prontas para serem tomadas, como um choque que o corpo acusa e arde antes mesmo de a consciência se dar conta da própria assimilação.

Com meus olhos de ruminante, ando devagar pela Nossa Senhora e piso com a força de muitos quilos para compensar a fundura dos olhos; porque nós, bovinos, não olhamos com retinas, vemos e somos vistos pela intensidade que somos, como se a alma viesse para o precipício dos olhos e ameaçasse se jogar. Com estes olhos que se desculpam pela própria intensidade, subo de escada até o quarto andar, paro diante da porta, aceito o acelerar das batidas cardíacas, toco a campainha e logo abre uma mulher excessivamente maquiada e com um vestido tão curto que, em vez de sexy, é só um tecido que mostra demais.

Sempre gostei das coisas se revelando aos poucos. Um corpo sempre à mostra, banalizado, excessivo, perde o gosto. Todos sabíamos o que eu tinha ido

fazer ali, perco a fala com coisas óbvias; apenas esperei que a mulher excessivamente maquiada e de vestido curto me apresentasse às meninas disponíveis. Escolhi uma morena queimada de praia — que vivo dizendo ser meu estilo para disfarçar que certos gostos são traumas tão óbvios que se acoplam (por vezes secos, por vezes úmidos) em uma penumbra cancerosa de nós.

Já não me sentia, deitado na maca e dentro do cubículo que era o espaço destinado, já não me sentia alguém que chora (tampouco alguém que ama); não, eu não passava de um pedaço de carne esponjosa cheia de sangue palpitando

então a morena escolhida (sabendo ler do meu silêncio) começa o óbvio com a linguagem das mãos

me põe de bruços para, com as marcas de sua palma, me derramar óleo (daqueles comprados aos litros nas Lojas Americanas) e com isso ter a fricção facilitada nas arestas de suas mãos — coisa que não acontece, visto que minha pele, agora com insuportável cheiro de amêndoas, retém o contato com a ranhura de seus calos. Ela pergunta como eu quero, mas deixo que ela decida,

(como você quer agora? sendo o questionamento acerca da posição para que se inicie o ato, para que se cumpra o objetivo de estarmos ambos ali)

e empurro agredindo (o que deveria ser uma violência inteira, com a sujidade e o desrespeito necessários às boas obscenidades), agrido obviamente, como alguém que não ousa mais.

Enquanto empurro, me dói no ânus uma tentativa de fuga — perco o foco, o já insuficiente ímpeto, a latejação que me levou até ali. Perco tudo menos o tamanho. A última por quem sangrei facilmente entenderia e me amaria ainda mais assim: fraco e vulnerável — como são os amores de gente doída e insegura tipo nós.

São estas hemorroidas que saem e isso me tira a possibilidade de ejaculação, já não tenho cabeça para essas agressões do prazer (não há gozo com lembrança). Contudo, depois de ela pedir para mudar de posição,

(agora de quatro)

continuo empurrando maquinalmente e anestésico de sensações, enquanto ela grita um roteiro ensaiado e pouco sincronizado à espessura que eu já não mais oferecia.

Sinto falta de não ser o suficiente para quem amo. Porque quando sou menos o outro se engrandece. Mas tenho medo de facilitar, sempre amei como quem laça, à carne viva, certas ilusões. Tudo que me trouxe até aqui veio do erro, sempre fui o erro até quando fui feliz.

Olho o membro se sustentando rijo, aparentando ainda ser possível. Já nada sairá dali — ambos sabemos. Ela pergunta o que eu gostaria de fazer agora.

Sempre fui um homem da palavra. Sei que a palavra é o significante maior da fantasia, é o que nos induz à sua exploração. Barthes define *fantasia* como uma volta de desejos (de imagens) que rondam sobre nós, que se buscam em nós por vezes uma vida toda e frequentemente só se cristalizam através de uma palavra.

Hein? O que você gostaria que eu fizesse em você?

Certos fins demarcam com palavras o que o corpo pede. Delas nunca saímos impunes. Por isso evito gastar palavras, sei o custo que elas cobram. Fico olhando o rosto daquela morena (que não pacifica a ideia de um pau duro que não goza). Com a calma dos ruminantes observo seu rosto à minha espera, demoro a responder. Então deito abraçado àquela mulher que faz as coisas mais sujas por dinheiro. Sim, já estou novamente com os olhos cheios d'água

quando gentilmente peço a ela
que me chame de *meu amor*.

*Nada mudou.
O corpo sente dor.*

Wisława Szymborska

Em uma entrevista Clarice diz
que fazer literatura é cortar
a página em dois

youê logo pensa que vai escorrer
o mel o doce o gozo

não se engane
não se iluda
não me irrite
 leitor

youê está aqui para ver
correr o sangue
então vamos a ele
liberto de qualquer espanto

já não somos o susto
de uma menina
diante da primeira
menstruação

3. Enxame

Gosto de almas que se lançam sem método.

Dessas almas que não aguardam que deus as recolha, dessas que fogem do corpo aquecido (como um ou dois pés que voluntariamente tornamos livres do edredom no meio da madrugada). Que fogem desse tecido disposto a nos embalar para viagem durante o sono, a noite, durante o frio do ar condicionado no quarto fechado; enquanto lá fora outras vidas derretem no verão, dormem sobre lençóis empapados de suor ou se reviram de um lado para outro da cama em busca de um local mais ameno

(já não há)

em uma insônia que nos mantém sob um cansaço que é do corpo, que é da alma, que se lança ao colchão — manchado e mal forrado — com uma força dura, desesperada, como se não dormir por causa do calor resumisse nossa rotina viva em meio à ânsia pelo início de alguma decomposição.

Os dias felizes são o pé para fora do edredom (e depois para dentro e depois para fora etc.), são a total possibilidade de controle da quentura, deixando trechos da pele expostos ao ar frio (quando estamos imersos no calor). O prazer desse escape, desse domínio acerca da sensação de alívio, isso é o dia feliz, o café bem passado de manhã, o beijo salivoso.

Domínio do alívio: isso é o amor.

Tempo bom aquele quando a gente ria da palavra amor. Não lembro de quando essa palavra ganhou algum sentido em meu corpo (possível que depois de tê-lo atravessado por uma ou duas perdas), mas em jovem me recordo do quão risíveis eram as entregas, tempo em que a vida era feita de futebol e piada com os amigos. Outros colegas de colégio pensavam (e praticavam) a sociabilidade amorosa, e me via imerso em todo aquele clima de pulsão a dois (rodeando os ambientes escolares) enquanto nem domínio eu tinha sobre meu excesso de prepúcio.

Já vivia sozinho e ria da palavra amor.

Affonso, sempre que eu voltava de encontrar a última por quem sangrei, dizia que eu tinha ido receber o pássaro azul da felicidade (imagem tirada de

Cecília Meireles, se não me engano). Ele estava certo. Devia ser algo na modulação de minha voz que transmitia de imediato o vento proporcionado pelo bater de asas desse pássaro azul voando por dentro de mim. Era com certa melancolia que me permitia voado por esse vento. Penso que a felicidade ter a sua manifestação plena em alguém triste não é de todo improvável, mas se manifestar em um local chamado Fonte da Saudade é, no mínimo, linguisticamente desafiador. É como um pássaro que se sente livre para se ver além da caixa, além do canto, além do golpe. Não existe fora. E agora? Todo canto guarda certa dose de inconsciente melancolia quando é grito na Fonte da Saudade. Salvo se se chamasse Fonte dos Abraços, salvaria o esforço desses pulmões asmáticos de, inebriados por uma lufada de adrenalina, de buscarem fôlego vindo de um amor carbônico, para cantarem a intensidade azul de uma felicidade que não têm.

Sempre vi no bluebird do Bukowski esse pássaro azul da felicidade. Ele quer sair, é regido por uma ordem maior, maior que os limites do corpo em que mora e, por isso, solta penas, deixa rastros pelo esticar das cordas vocais. Hoje sou forte demais para ele, já não sinto as bicadas, raro vejo sua cor em meus olhos quando tenta alçar voo pelo espelho. Ele quer sair. Mas sou alguém que não se permite. Sou alguém que teve o sangue digerido vezes o bastante para não confiar na inocência de certos tombos, alguém que sabe que a melhor forma de amansar é fingir que não existe, é matar um pouco, velar o outro (ainda que isso signifique velar a si mesmo). Melhor assim, porque ele quer sair. Te pergunto, pássaro azul, para quê? anseia me dar amostras de cantos para os quais já não possuo ouvidos? Talvez seu canto seja choro. Na Fonte da Saudade alguém chora quando está feliz, alguém chora por estar em paz sentindo o vento da lagoa à noite, mas eles não sabem que isso é só você afinando o sangue (o que é sempre uma sensação de prazer), que isso é você voando por dentro. Hoje você não voa e as lágrimas são grossas. Seres do abandono, como nós, já não culpam o outono. Não ouço sua ventania, pássaro azul. Já não sei do que se alimenta. Cadê seu leve azular de minhas pupilas enquanto me olho no espelho do banheiro? Alguma coisa em você ainda bate? — nem preciso que seja forte, só o bastante para qualquer ilusão de ter você novamente voando em mim. Ouço quebras, barulho de ossos, uma leve alteração de ar. Me vasculho por dentre as perdas (confesso que não iniciei sua

busca por quando me lembro feliz, seu canto sempre foi mais intenso no resgate de meus desabamentos),

mas te encontro escondido atrás da imagem: eu e a última por quem sangrei, linda, abraçados em sua cama, costurando algum retorno (sempre fui melhor nas voltas do que nas manutenções), e ali minha pele passeia sobre a dela com o encanto besta de quem sempre se permite ser turista inédito de um mesmo lugar. Com minhas mãos contorno, dedicado, o braile de sua geografia, reacendendo a matéria quente, raiz de onde nasce um primeiro amor. A ela pergunto: *dança comigo?*, então nos abraçamos e de meias deslizamos, pelo taco do piso de seu quarto, em um forró (que sempre arrasta certa alegria) que há meses aprendi a dançar só para que ela se sentisse segura, levada por meus braços. Ela encosta a cabeça no meu peito, encaixo meu queixo por sobre ela (sempre fomos exatos no encaixe) e dançamos como se a vida se resumisse àquela simplicidade, como se a felicidade se resumisse àquela simplicidade.

Então vejo o que sempre esteve escondido ali: atrás daquela lembrança há uma árvore e nela você, pássaro azul, balançando de um lado para o outro, enforcado, pendendo sua cabeça para a esquerda, seu corpo mole escorrendo, desbotado, sem ventanias. Me pergunto como deu o nó, pássaro azul, você que não tem polegar opositor, nem dedos que permitam precisão; sua precisão sempre foi pelo tom do canto, por fazer de mim barômetro de seu vento a avisar de minha escassa, porém voraz, felicidade. Danço com ela e te vejo ao fundo, escuro, morto. Já não choro sobre os cabelos dela (dois pra cá), já não erro o passo de quando fui feliz (dois pra lá), já não há forró ou canto algum (dois pra cá), tudo é só gesto e silêncio (dois pra lá), não penso em luto por sua morte, pássaro azul (dois pra cá), continuo dançando essa memória (dois pra lá) enquanto me fixo em como você é leve, é delicado, é lindo, e escolheu esse galho tão grande, grosso, tão forte para sustentar seu corpo (dois pra cá).

É capaz de ele ser riço o suficiente para que
aguente sustentar mais um.

Hoje é desses dias em que o olho anda tão cheio d'água que em qualquer curva vira. Mesmo nas bem abertas e pouco acentuadas. Não me liga, faz favor. Difícil é não cortar quando a barra pesa. A barba fica louca para ver escorrer o sangue após a gilete mal passada. É tanta pressão nos olhos, tanto jorro instando saída, que a cabeça lateja, lateja uma dor que não é sua, própria, típica das enxaquecas; trata-se de uma dor adquirida, deslocada, subida de vísceras oriundas de uma época menos franca. Sentir com a víscera errada faz isso. Já me sinto quente, ardido, no ponto para que algo me aconteça. Vejo a lâmina na mesinha da sala — tinha desistido de fazer a barba —, aquilo me tenta; olho fixo para o objeto cortante e muito menos para o objeto a ser cortado; sei que erro, o gosto está exatamente no que sai e não no que gera a saída (até porque essa necessidade existencial seria facilmente pacificada se não houvesse existência). Bebês choram no vizinho, acho digno o cenário. Lembro de Ana que desenha as próprias veias. Na primeira vez que vi, achei lindo vendo, nos traços, a aridez de dois cactos (um mais certo, outro entortado) e quis o latejo daquele cacto torto, sempre tão sábio em reservar suas águas, parecendo perito em secura e aridez.

Sempre tive a alma dos bons desertos, feito de uma areia que, se bem trabalhada, já sou todo vidro cortante. Queria ter em mim essa possibilidade do todo cortante, ter no corpo o material de sua própria ceifa, como cactos e seus espinhos. Mas aquilo que eu via não era o corpo duro de aspereza do cacto (a aridez, o corte, onde está tudo isso senão em mim?), pois Ana desenhava veias. Quando contou, nutri por ela mais estima. Na verdade, ela não me contou; quando perguntou se eu sabia o que de fato eram aqueles traços, ao passo em que respondi “o quê?”, Ana logo me estendeu os pulsos (como em oferta? como prova de fidelidade entre os traços e seus latejos?) e pouco pude observar as semelhanças diante da paixão que senti por seu gesto, por sua entrega, por seus pulsos.

Os cactos que eu via eram veias (o torto era o contorno de seu pulso esquerdo) e, não fosse eu alguém desenhado para a retenção de seu deserto, quase entrego os líquidos por olhá-la me estendendo as veias; choraria, se pudesse, em cima de seus pulsos, abraçando seus abraços.

Alguns somos tanto o sangue que dispensamos o vampiro que um dia viesse prová-lo; nos reconhecemos pelo olhar e alguma coisa fica ali, um trinco, um

vinco que se junta à sede de vê-lo vertido, tomando para si as plumas do travesseiro, encharcando tapetes, saindo porque é o que faz, continua. Tudo além disso é mera questão de abertura. Olho para a lâmina de barbear na mesinha, penso em Ana, sinto cheiro de café frio e hoje ainda é quarta-feira. Dias de feira são muito propícios ao corte, penso em Ana desenhando o meu espanto com suas vísceras, com as vísceras ela é movida, pois só alguém que encara os pulsos por uma quantidade de tempo mais do que recomendada é capaz de desenhar os contornos de seu dentro ao ponto de sorrir diante do próprio verdume, é capaz de delinear frames de veias que, não passassem de uma representação, seriam a precisão cirúrgica de quem anseia com frequência.

E quem deseja com constância já é inteiro o próprio corte.

Lembro disso e encaro os pulsos; é preciso ver do alto a planta de uma geografia para que as rotas de fuga sejam memorizadas, para isso me olho, para isso distorço os jeitos de me ajeitar e vejo que mal caibo nestas veias, que mal me sustenta sua elasticidade de coisa disposta a ser entupida. Devo interpretar a exaltação de meu sangue com a naturalidade como se interpreta uma moça saindo da feira de São Cristóvão? Disseram a meu sangue que corresse (e assim me mantivesse vivo), então ele nem se assusta com ferrugem, nem sabe que lhe deram o direito ao coágulo. Pensa que é obrigado a correr, então ele corre. Como esta moça nordestina que só almoça miojo na casa da patroa e aos sábados vai à Feira dos Paraíbas dançar forró com qualquer um que a tire para dançar (este é o seu critério: não ter um); isso porque pensava que uma pessoa é obrigada a ser feliz, então ela era.

Sinto na verdade que meu corpo, como os bons barcos, ouve certas sirenes que o encaminham nevoeiro adentro, a despeito dos sinais de fragilidade apresentados pela própria carcaça. Mas já penso apenas com o sangue e o sangue é inteiro uma ordem. Sigo. Porque a vontade é abrir as veias, o ventre, respirar o último vento pela última por quem sangrei e me reduzir à oferenda para um espírito qualquer que aceite o cargo de a proteger.

Não quero ser dramático, nem era para soar assim; isso é só o sangue vertendo pela sala, pela parede branca. Lá dentro do corpo ele já mancha e ninguém vem reclamar o cheiro, a imagem, o absurdo. Também acho ridícula essa

dor toda, já me desculpei ao Jurandir pelo drama *teen* em que me situo, como um menino afeito a cicatrizes, porém sem corpo a dar conta das facas que incidem sobre estas marcas cicatrizadas; incidindo, lentas, nova abertura a rasgar o tecido da pele, as nervuras, certas fibras; enfim, abrem o que já foi ferida para finalmente deixar aberta e ver se o corpo dá conta de fechar novamente. Gostava de falar com Jurandir sobre coisas mais nobres, acontece que não sou nobre. Sou o sangue. Fico pensando que pessoas como eu não morrem de coisas nobres, dificuldades profissionais, assassinatos ou acidentes de moto. Morremos das dores óbvias, tão óbvias que não sabemos, enquanto corpo, como as assimilar, penamos e vagamos doídos pelas ruas ostentando a verdadeira alma jovem: aquela que se permitiu paixões que mordem tanto ao ponto de resultar em um corpo triturado, mastigado, consumido por amor.

Sempre gostei de beijar mordendo um pouco do lábio do outro, deixando marcas na língua que me permito degustar.

Morder sempre foi meu gesto mais caridoso.

Ser mordido, o de maior entrega.

(Jacarés só mordem uma vez, depois giram o corpo sobre si mesmo e aquilo já é sua mais orgânica, mais honesta, mais amorosa forma de apropriação). E dela eu sempre tive fome mais. Deixava meu corpo, minha carne exposta à sua voracidade oriunda sabe-se lá de quanto trauma, de quantas sinfonias sobre nosso abandono. Contudo, era difícil ser beijado, ser mordido no abdômen, na barriga; a entrega de um bicho selvagem só vai até certo ponto, o que, para muitos (como para a última por quem sangrei) a reserva, o medo, o não-natural, tudo pode ser visto como falta de paixão. Mas eu mordo como quem engole — isso ela sempre soube, coautora de nossa intensidade. (E quem se dedica ao ponto de deglutir, a mastigadas, o corpo do outro, só quem vive o próprio deserto e as sedes impostas por sua condição. Só quem se dedica à falta desse jeito de fato executa a sua vontade. Só esse executa à risca o amor, exatamente pela insaciabilidade de seu desejo).

Novamente isso de jacarés e mastigadas, devem pensar que sou um autor sem enredo. Estão certos. Aproveito e vou comer duas bananas, com farelo de aveia, canela e bastante mel por cima; essa mistura dá energia para ir treinar na academia — coisa que Jurandir afirma ser importante para ampliar meu círculo social. Acontece que só fiz amizade com um coroa que, certa vez, precisou de ajuda para manejar um aparelho. Hoje conversamos sobre o Flamengo nos intervalos dos exercícios, por vezes ele me conta seus assuntos de família, sua taxa de colesterol (às vezes triglicérides), sua neta que vai fazer intercâmbio ou a nova cirurgia da esposa.

Quem lê Beckett não faz amigos na academia. Concordo com ele agora que desisto; sim, desisto. Acabo neste instante. Já se desistiu de tudo, isso não é uma ideia recente. Já entreguei as chaves, fiz duas ou três malas, comprei passagem e agora estou no ônibus em meio à BR-040 indo para Levy Gasparian onde aluguei um sítio e vou cuidar de abelhas.

(Dizem que essas quebras fazem mal para um discurso, mas as quebras, assim como as boas mortes, são um estalo meio repentino, com o tempo a gente se acostuma.)

Agendei a vinda de um enxame.

Chegou no fim da tarde aquela enorme caixa de abelhas. A princípio inofensiva e crua na madeira, passando alguns minutos é possível ouvir o som que escapa pela grade, um som de animal contido, encurralado. Um zunido mais constante que intenso, como o das pessoas pegando o metrô — aquela grande caixa metálica — na hora do rush para voltar para casa. Por já ser tarde, peço ao entregador que a coloque na varanda, amanhã a levarei no carrinho de mão para um local mais para dentro do mato.

Resolvo armar a rede agora que as cigarras pararam de cantar. Acendo a luz da varanda (já é noite) e a caixa ainda me respeita. Tenho de passar a noite com ela, não consigo me afastar. Apago a luz, e ela me ameaça. Seu barulho aumenta, cresce a irritabilidade de sua contenção.

Tudo é escuro e aberto nesta varanda, nesta casa, nesta cidade rural. Olho para o alto, para os lados e nada parece ter limite. Me sinto preso. Preso como essas — agora minhas — abelhas dentro de uma caixa. O barulho (como o de certas lembranças) me apavora. Se eu quiser deixá-las morrer, posso, porque são minhas (como certas lembranças). Mas a isso me recuso; não, não posso! Porque são minhas.

Me pergunto se têm fome. Que esperam de mim? Que as alimente? Como? Com que mel? Me pergunto se são capazes de se afastar, de aceitarem o esquecimento. Está trancada a caixa, é perigosa. Levanto da rede e, mesmo no escuro, me aproximo. Quero ouvir de perto esse som que quase me tira do eixo — não fosse a aparência com a forma com que minha angústia reverbera na caixa torácica. Não sou uma fonte de mel. Por que recorrem a mim? O enxame agora parece mais irritado. Creio que ele reage mal a certos confrontos. Deito no chão da varanda (feito de lajotas vermelhas) pronto para adormecer ao lado de minha caixa de abelhas. Fecho os olhos e então lembro de um analista amigo meu (que adorava Belchior), ele me diz:

Meu caro, a caixa é apenas temporária.

Aceito abelhas e não hesito em dispor minha pele ao inchaço das boas ferroadas.

Só as levei uma única vez, perfuração seguida de edema: nenhuma novidade em matéria de dor. Meu pai criou abelhas quando moço, daí seu (e conseqüentemente meu) amor pelo mel, pelo instrumental, pela possibilidade das picadas. Em menino, toda vez que me via gripado ou ruim da garganta, o velho me chamava à cozinha antes de dormir e, em pé ao lado da geladeira, garganta abaixo me fazia engolir uma colherada de mel com sete gotas de própolis. De

imediate minha expressão de sono se transformava na careta vinda do ardido, típica da inocência, de uma época em que se ainda crê na cura pelo doce.

Com o tempo, não se torce o rosto para o que arde, acostuma-se ao que dói como ruído, como sintoma. Acostuma-se aos pais. Tanto que, como as boas doses de whisky, o própolis (e seu negrume sobre o dourado adocicado) nos amadurece. Não mais a ele torcemos a cara, aceitamos sua agressão oral como gesto não de cura, não de vingança, tampouco de dor; vemos seu descer queimando como quem se reconhece na ardência que, em verdade, nunca deixou de estar ali. Por isso tomamos como quem agradece, como que dissesse: hoje não é dia de retornos, posto que nós, que amamos digerindo, nunca temos chance de parar de queimar.

O amadurecimento engrandece a queima — um carvoeiro em sonho me disse certa vez. Quando eu tinha 22 anos, meu pai morava na serra e viu umas abelhas na árvore em frente à casa; resolveu colocar sobre o muro da entrada uma caixa de madeira vazia (igual às que usava como colmeia no sítio onde plantava capim e produzia mel para consumo próprio). Queria ver se, com a caixa à disposição, o enxame se instalaria ali. Entrou e as visitas adoravam quando eram recebidas pelos zunidos em vez de outra forma mais saudável de primeira saudação. Ao menos a colmeia na entrada — e as abelhas vivendo a sua nuvem — ao menos os vendedores de quinquilharias e os pregadores de Jesus apareciam menos à nossa porta. Até que o enxame, já extenso e expansivo, maior que a colmeia permitia, começou a frequentar a casa vizinha (como todos os bons abandonos), onde moravam um homem, uma mulher e seu bebê recém-nascido.

Imagino com que facilidade o ferrão de alguma operária atravessaria o macio daquela pele frágil e de pouca vida, cheirando a talco, com que facilidade provocaria o choro, o verter de lágrimas advindo não do xampu incorreto, mas da fácil, dócil e sobretudo natural decisão da abelha de escolher, como fazemos nos melhores churrascos, a carne mais tenra para seu prazer. Ouvi o homem reclamar que a casa vivia cheia de abelhas, avisei meu pai que, assustado ante aquela possibilidade de maltratar (o que é sempre um dissabor, uma culpa a mais sobre as costas de alguém religioso), determinou que tiraríamos a colmeia de lá naquela madrugada.

Mesmo na juventude, minhas noites sempre foram o dorso do poema, as cinzas de algum gosto, o calor de um ou outro pesadelo. Cinzas queimando, sempre as bebi junto ao suor quando acordo ardendo. Às quatro fui acordado a fim de que ajudasse na remoção daquelas inocentes, levantei cambaleando pela noite rompida, mas não havia vestimenta propícia para mim; meu pai aparecia vestido com o uniforme de apicultor (roupa intransponível, luvas amarelas de borracha, capacetinho com grade à altura do rosto, um chapéu de palha — este era só mania do velho). Sigo à garagem de bermuda, meias e camisa (uniforme natural do sono) enquanto meu pai traz a colmeia nos braços (quase a derrubando, visto que pesa e é maior que a angulação dos braços rijos se adaptando ao manejar) e minha função única era abrir o saco de palha para que o homem colocasse a caixa-colmeia lá dentro.

Porém eram muitas as abelhas sussurrando para que eu falhasse e ele dizia *Tá pronto, meu garoto?* E nem sei se respondi, só lembro de a colmeia não entrando no saco estreito; só então vivi a primeira picada das inocentes, depois outra, e mais uma; vivi aquela quantidade anormal de ferroadas para quem ainda tinha a pele rasa das poucas mortes; larguei o saco de palha e saí correndo para dentro da casa. Fazia um frio que nunca senti. Voltei para a cama e me aterrei nos lençóis, no edredom, como estratégia não de calefação (visto que suo até o que não sinto), mas de algum acolhimento. Para que alguém me tenha, é preciso que me quebrem a casca, tipo um ovo, de preferência com colher, é preciso que segurem a gema sangrenta que sairá utilizando a concavidade que tiver à mão, posto que o natural é o que existir dentro de mim tentar se jogar pelo ralo da pia, fugir, correr, deixar para trás.

Abandonar é o que o abandonado faz
ele repete a sua condição.

Não deixa de carregar sua dose de ironia o pai reclamando, na manhã de então, da dificuldade que foi, com apenas seus dois braços, colocar a colmeia no saco de palha; depois ainda a levou para dentro do Fusca 72 que pertenceu ao meu avô e dirigiu pela estrada até o sítio onde a instalou junto às suas outras colmeias. No meio do caminho, a saca de palha abriu e muitas abelhas escaparam, voando pelo carro e ao redor da cabeça de meu velho, de seu chapéu de roceiro, de sua

roupa de apicultor, enquanto dirigia com as luvas de borracha amarela e o vento vinha pelas janelas abertas jogando as abelhas para a parte de trás do Fusca, mas elas resistiam e faziam sua rota sobrevoando o rosto e a paternidade do homem vestido também com óculos, grade de proteção, chapéu de palha e um prenúncio: aquelas curvas todas, aquele excesso de sacolejar, deviam ser o indício de que elas, abelhas, seriam despejadas à própria sorte muito mais do que cuidadas e protegidas do mundo. Conheço a sensação.

Ele contava sentado do outro lado da mesa, eu de cá, a madrasta em pé lavando alguma folhagem, a irmã mais nova passando do quarto para o banheiro. Eu olhava para o velho com uma piedade que não nos trazia dano, pois pena é o sentimento mais duro que se pode nutrir por um pai. Isso nos aproximava, naquela mesa, enquanto ele contava a história e passava mel no biscoito, a pena nos aproximava — a despeito da inferioridade que com ela surge entranha adentro —, nos aproximava porque tudo o mais — a culpa, o cenário rural, as poucas ambições — tudo ao redor era de um afastamento atroz. Enfim nos reduzimos a isso: dois homens que se contemplam sem desejo. E quem cruzasse com ele pela estrada e o visse dirigindo um Fusca naquelas vestes, quem o visse assim, dirigindo sobrevoado por um enxame, provavelmente o taxaria de maluco. No então, essa condição de algum inchaço e resignação é a imagem mais bela, mais crua, mais dura que guardo de meu pai.

Nós, que somos feitos de recusa e culpabilidade, vemos as paredes da casa se comprimindo contra nosso corpo, pedindo para que saíamos dali. Mesmo no meio do mato, sem vizinhos e seus latidos de cachorro, os instantes criam novas formas de nos expelir. Durmo, por exemplo, no canto direito da cama de casal, me equilibrando para não cair no chão frio. Faço isso sem motivo aparente desde que a última por quem sangrei se foi. Fica aquele espaço vazio ao meu lado em um jogo dúbio em que às dez me convida e às onze me expulsa; às três me oferta, às quatro me alarga a recusa (pela opressão de seu vazio obsessivo). Mas estou só com minhas manchas. A casa sabe, as paredes só faltam responder “eu também”

ao expor os borrões dos canos de cobre sobre a tinta branca. É rude reclamar de uma noite bem dormida — a despeito de toda essa solidão — não à toa durmo mal, espremido pelo excesso do que falta ao lado; fico no canto direito ao ponto de o lençol só sujar ali, só restar ali uma mancha do suor que nem sabia à noite produzir (visto que a serra oferece frio e sereno à madrugada). Olho essa mancha um tanto alaranjada e outro tanto só mancha, incolor dessa cor primária ou não, secundária talvez, essa cor que se possa imaginar, incolor pois é de uma espécie de cor que revela a temperatura de nosso sumo, como se aquela cor na fibra do lençol revelasse a essência, o cheiro, o extrato do que sou e, por não ter alguém do lado a que se acoplar, grudasse no lençol e o mancha, troféu de minha recusa.

Há muito sou alguém manchado, nisso não residem novidades (haja vista essa quantidade pouco discreta de tatuagens e dores sobre as quais sobram perguntas); mas essas manchas meio rosadas que coçam no abdômen me fazem quase agradecer (não fosse isso a malgrado das possibilidades futuras) agradecer por não ter a quem pedir que coce, que passe a palma da mão — e com o calor aliviasse o incômodo —, que diga “ah, mas não está tão à mostra assim” somente com o intuito de me confortar, de me fazer conformar. Tendo essa alguém, poderia pedir-lhe que pegasse aquela caneta grossa, isso, a preta, e ligasse as manchas, como se fossem pontos, isso, rabiscando a pele mesmo, em cima do estômago, isso, onde a maioria delas se encontra. E em uma manhã dessas, ela, a pessoa, ligaria e veria um homem de trinta anos cheio de retas na pele, abaixo do peito, com manchas rosas sobre meu estômago, caso ligadas com uma caneta Sharpie ou Pilot, isso, como essa, vês?, formam um desenho exato, ainda que não muito grande, mas sim, exato, preciso, o desenho de um coração.

Já posso entrar para o *Guinness book*, penso, ninguém deve ter tido ptiíase no abdômen no exato formato de um coração; e todo rabiscado no corpo saio de frente do espelho em direção à cozinha (tudo ainda meio azulado, não acendo luz alguma, é tudo meio azul nesses minutos em que o dia exhibe suas primeiras claridades, deixando de ser madrugada, mas ainda incerto do que vai ser). Começo a passar o café; e de café em punho vou ao banheiro me sentar na latrina (me desculpe a indecência, a excrescência, mas vida, em especial a minha, sempre foi suja no ponto exato) e leio uma crônica do Caio F

(reunida em livro, mas originalmente publicada no Estadão)

convidando seus leitores para o lançamento de seu *Os dragões não conhecem o paraíso*; livro que, por acaso, estou lendo no momento (geralmente leio três ou quatro livros concomitantemente, um de cada gênero, para um conto não atropelar um outro de contos, mas leio no limite de as linguagens se cruzarem todas e em mim se agredirem, pedindo por favor que as levem para fora; então escrevo, a isso chamo *meu estilo*).

Caio diz que o livro fala de dragões e que os dragões não existem — ele complementa, dizendo *assim como escritores, músicos, pintores, filósofos, todas essas pessoas que querem, loucas, sentir num mundo em que é ridículo sentir* —, ele diz que os dragões desprezam o paraíso, que eles têm asas, querem voar, são que nem os anjos. E, sobretudo, não existem. Mas os jacarés existem. Me comovo na latrina, me comovo porque os jacarés existem e, não bastassem desconhecer o paraíso — o que é óbvio —, o recusam, se sentem superiores por isso, quase debocham; mas vivem no pântano, em certos cantos, e alguns de nós só deixamos um pedacinho do rosto de fora d'água, enquanto o resto do corpo se afunda entre medo de doer e vontade de sentir.

Alguns até choram na latrina, cultivam abelhas, falam de si na terceira pessoa. Sabem que vão sentir; sabem que sentir é condição para o casco, para a pele dura, para a aparência fechada, intransponível. Jacarés, principalmente os nascidos em abril, só aparecem na tv devorando zebrinhas, veados ou outros bichinhos inocentes que nunca, jamais precisaram viver submersos. Eles andam e saltitam sem cogitar a ausência dessa felicidade toda, uma vez que vivem em bandos (em bandos, meu deus!). Não sabem eles o custo que é para um jacaré a socialização e a ostentam a seus olhos, debocham de sua solidão dinossáurica, debocham de seus olhos amarelos — fruto de um choro que nunca escorre, fica.

Para o jacaré, chorar é contenção, dói no corpo, por isso fica com as pupilas amarelas, cor dos hematomas, porque aquilo, o choro, é só a vida continuando a desferir socos. Por dentro. Mas a mídia só mostra quando obrigamos esses inocentes a sentir o que sentimos; só quando o outro tem um dia do que somos — dor, recuo e solidão — é que vamos ao ar no Discovery Channel. Sim, também descontamos na comida, eles são o nosso bacon, nosso chocolate; essas zebrinhas

não buscamos para matar a fome, elas não significam nada. Como qualquer meaningless sex, vêm só como anestesia, satisfação imediata. Não passam de alimento urbano descartável, snack recreativo; nossa cota semanal de junk food.

Como esse réptil engole suas presas em pedaços, às vezes até membros inteiros, sua digestão tem de ser extremamente eficaz e rápida. Por muito tempo os cientistas não entendiam como os jacarés conseguiam destruir esse alimento em seu estômago, proporcionalmente pequeno para um animal de tantos de quilos. Durante uma autópsia, descobriu-se que há uma artéria a mais no coração destes animais. A artéria passa por trás do músculo cardíaco e chega ao estômago.

Assim, com essa estrutura incomum, o seu aparelho digestivo recebe mais irrigação sanguínea e consegue produzir muito mais suco gástrico para triturar a pesada alimentação do bicho.

Assim, com essa estrutura incomum, nosso coração — acrescido de uma artéria — recebe mais irrigação e consegue fazer circular muito mais oxigênio pelo corpo para relaxar um pouco a pesada contenção do bicho.

Dizem que quem perde um amor fica assim, possuído pelo grito. E faz muito que não sinto esse grito me empurrando de dentro para fora, fazendo pressão mais no peito que na garganta. Ao contrário, cada vez acordo mais devagar. Meu pai dizia que quando a gente dorme o espírito tem autorização de sair do corpo e vagar por onde quer que os espíritos vaguem. Isso explicaria por que costumo acordar cansado, pesado, cheio de dor; sem falar nas vezes em que desperto, tomo consciência de mim, mas não consigo acordar; como se o corpo estivesse paralisado, em coma, e o espírito não tivesse chegado ainda (logo eu, que sempre fui tão pontual...) para que eu pudesse levantar e sair andando. Acordo agora e tudo vem a mim naquele tom de azul que me acalma e sustenta o fato de me despertar sozinho. Permaneço na cama me esticando entre o edredom e alguma almofada, curtindo aquela temperatura fria, perfeita para que o sono fosse inteiro e não recortado por picos de calor, como era comum no Rio de Janeiro. Tinha de ligar o ar todas as noites. A conta de luz vinha cada vez mais alta. Tudo

bem, a vida me ensinou direitinho o custo das iluminações, dos escassos dias de conforto.

Era bom acordar com algo quente ao lado. Parecia que tinha vida sobre os lençóis e não apenas um corpo à espera das flores — como sempre aconteceu antes e depois da última por quem sangrei. Era bom, quando da manhã livre de compromissos, ficar se amanteigando nela e ela em mim, como se a vida se resumisse a este tipo de deslizamento. Só que meus deslizamentos sempre foram mais duros, mais tensos, mais viscerais, totalmente queda livre; sempre foram mais do que esses simples (e prazerosos) exercícios de horizontalidade.

Era comum — no tempo em que fui feliz — por vezes acordar chorando. Uma dessas vezes foi com a última por quem sangrei deitada ao meu lado. Segunda-feira em Botafogo. Aquele grito que eu nunca soube dar vinha em formato de víscera: eu me debruçando, deitado sobre o corpo quase nu, quase frágil, quase em fuga daquele peso, daquele carregamento de dor que um homem de 30 anos sustenta sobre os ombros. Me jogo sobre ela e choro e o excesso não é literatura — porque até a literatura cabe em alguma coisa, e aquilo não cabe em nada.

O que tá acontecendo? — ela me pergunta com os olhos arregalados e o corpo tremendo, temendo aquele a quem ama. Mas só faço chorar sobre seus ombros maculados agora com essas lágrimas misturadas à coriza se empoçando em sua saboneteira, em seu pescoço, queixo, no cabelo; coisas que nem com muito tempo e sabonete daquilo podiam se lavar.

ATRAVESSADO.

É como me sinto, como se tudo que me agride agora me atravessasse verticalmente para me violentar em choro. Continuam vindo as perdas: Yedda, Letícia, Jayme, Cely; tudo que amei e não existe mais. Todos morreram e eu fiquei vivo. Esta é a minha história. Choro mais e ela *O que foi? O que foi?* tentando mutilar o desespero. Minha tinha morta de câncer depois de longo Alzheimer, única pessoa no mundo que me amou incondicionalmente. Sinto falta dela me amando e choro mais. Letícia, criança, 7 anos, morta de câncer, a quem amei incondicionalmente, mesmo sabendo que amar aquele corpo da filha que não terei era o mesmo que escolher amar a morte certa. Sinto falta dela me chamando

para me mostrar jacarés. Choro mais e com o corpo, com o tronco, com espasmos agrido a última por quem sangrei, com a força muscular que o corpo imprime — e é muita, e dá câibra, e a dor nunca foi de perdoar o físico inábil. Desconfio que ela chora, que ela está morrendo de medo e quer fugir. Choro mais quando entendo que ela, o meu amor, é quem me ensinou que sou capaz de amar alguma coisa que não tem morte iminente, ela que é jovem e viva, que é alguém que não pretende morrer por agora. Vai diminuindo a convulsão em mim. Abraço forte aquele corpo que me fez disponível ao amor.

Beijo com calma seu pescoço, sua bochecha direita, sua boca. Me afasto devagar. Ela me olha muito aberta com os olhos; mas só de mim as águas saem. Está assustada e essa última hora e meia durante a qual chorei sobre a pele de alguém com 18 anos a violentou de uma forma que não conheço e jamais entenderei. Nunca choraram sobre mim com tanta agressão quando eu tinha 18 anos. Ela não demonstra dor, se fecha. Parece que estou pronto para entregar minha alma (que seria minha alma senão um escape de dor?), mas ela não está preparada para ver. Fecha os olhos, me abraça, pede licença e vai se lavar no banheiro.

É difícil suportar a carga das coisas vivas. Jurandir me dizia, me fazia entender que não tinha como exigir dela, tão nova, que aprendesse a lidar com isso que vem acoplado em mim. Sou esse peso todo, essa carga que pressiona e não por acaso veio ao mundo sentindo que, diante dela, os corpos alheios se afastam devagar.

Preferia ter acordado no frio desta vida de pouca calefação, entre lençóis e edredom, a lembrar dos instantes sórdidos de tristeza testemunhados com mais espanto que amor. Natural que o mais fundo em mim gere antes o afastamento, a suspensão, o susto do que algum carinho, alguma réstia de compreensão. Devo ter semidormido no azul enquanto recordava convulsões. Me solto da cama, vou lavar o rosto e, diante do espelho, vejo em minha barba o corpo de três abelhas, mortas. Só os esqueletinhos, aquela coisa frágil que faz crec, emaranhados colorindo de amarelo e volume a barba de um recém-chorado. Me senti um cemitério. E gostei. Achei justo com minha solidão. Até porque as abelhas não eram a única coisa enterrada ali. Fui preparar o café ante aquela penumbra de azul

do amanhecer. Sinto coçar. Seguro o impulso, o incômodo, a vontade. Já segurei tanta coisa na vida... Vida que poderia mudar de nome

poderia se chamar

exercícios para um quadro de Hopper

(Em uma sexta à tarde, no bar do Palhinha, no Largos dos Leões, encontrei o Affonso e a Flávia. Ele bebia Jack Daniel's, ela tinha sono e eu de camisa do Flamengo saído da academia. Entre amenidades, descobrimos que os três ali fomos salvos por Allan Kardec. Se não fosse o umbral e a bizarra perspectiva pós-fim dos que se matam — de acordo com a teoria espírita —, nenhum dos três estaria ali. Suicidas se reconhecem. Suicidas têm ardência no estômago. Riem quando falam disso. Brindam até com água. Suicidas não botam chumbinho para rato nos cantos da cozinha. Eles sabem o que é a tentação.)

Segundo o doutor Muxfeldt, em seu *Manual Prático de Apicultura*, é sem instinto que as abelhas carregam e misturam o pólen das flores (fazendo uma dialogar com a outra); ou seja, as abelhas só fazem o que fazem, não têm ciência de seu papel fundamental na natureza. Basicamente: elas reproduzem as plantas sem querer.

Lembro agora de minha primeira reprodução. Ela chegou e foi direto se lavar. No vaso sanitário mesmo, nem se dispôs a tomar um banho, a me convidar para ir com ela. Já na cama, não quis soltar o cabelo, disse que estava sujo — primeiro pensei que fosse alguma dessas coisas de mulher, de não lavar o cabelo todos os dias e que, por isso, às vezes ostentam um coque. Só depois que fui entender, não era nada disso; o sujo era apenas um estado daquele dia, daquela hora, condição vinda de uma gozada anterior — provavelmente na boca, mas que atingiu o rosto e também o cabelo. Só realizei isso durante a coisa, olhando para seu rosto enquanto subia e descia por sobre mim. Praticamente não fiz nada,

aqueles trezentos reais (mais o táxi) feitos para durar os parques cinco ou menos minutos necessários para um gozo sem explosão, sem grito, sem amor, sem beijo na boca.

Na verdade, meu objetivo era encerrar aquele assunto; ver o que é, fazer, e dar a estreia por encerrada. Nunca entendi isso de hora certa de estar pronto; um homem não é algo que tenha floração. Ele é o que foi feito dele — e só.

Uma puta mais atual (logo antes de me mudar) disse que eu não tenho cara de quem frequenta esses lugares. De quem não dói por dentro? — quase perguntei. Buscar carinho ali, sei que é ridículo; é como buscar morangos em uma peixaria: você come os olhos mortos, sai com cheiro ruim, sabe que não era aquilo, mas a coisa agride tanto que você só a esquece por um tempo, dá uma mofada. Mas ficamos sentindo o cheiro de mofo, e vamos ter de comer os morangos com mofo e sem açúcar.

— Por que você vem?

— Ué... porque falta.

— Você é tímido, então?

— É... (Mas poderia dizer *Não, apenas tenho um corpo sempre em guerra com o mundo, por isso úlcera, hemorroidas, rasgos sentimentais, por isso o peso que estás prestes a sentir ritmando sobre teu corpo, como um afogado que se debate, que agride a água com medo de morrer, por isso vou imaginar outra enquanto estiveres embaixo de mim, vou fechar os olhos e usar teu corpo como mímese de uma dor, dor que voltarei a sentir assim que o esforço resultar em um gozo mais de dever cumprido que de satisfação; por isso o peso, o cutelo, por isso vais me sentir adentrando como um asmático respira: ansioso, chiando, tropeçando em si mesmo, recolocando com uma profundidade que não é amor, é apenas o horror da sobrevivência*).

... É.

E me pergunta qual o meu signo. Áries, ascendente em Libra. Sim, desse tipo que agride e sente falta logo depois.

Olho para o espelho, para as abelhas, o cadáver quebradiço daquilo que outrora produziu mel; lembro de suas tatuagens, ela queria conversar, queria que eu ficasse, que eu continuasse analisando com voracidade resignada seu corpo nu,

seu corpo entregue a mim por um valor por ela denominado cachê. Segundo meu mapa, tenho Júpiter em Peixes na casa seis, portanto sou alguém que tende a ter grande compreensão sobre a dor. Decido permanecer olhando, posto que ela, de Leão, queria ser olhada, mesmo que por olhos mansos, cansados de tanta rendição.

Chega um tempo em que a gente é menos
como se tudo em nós sobrasse
um excesso de cabeça, tronco e membros.

Vejo que a solidão diminuiu meu corpo. Olhos cada vez menores, pele sobrando no joelho, muito osso apontando entre o peito e o pescoço. O membro menos teso, menos rijo, menos ímpeto de resistir à ausência de penetração. Me toco ainda, na sala, na cama, no banheiro; em qualquer lugar. Porque o corpo pede o que a mente não sustenta mais.

Expelir hoje é mero ímpeto fisiológico para me livrar da tensão sexual que sobe, domina e me incapacita a qualquer outra conexão física ou intelectual. É Marina Abramovic quem diz que a única energia que temos é a sexual; é no como direcionamos essa agressão deliciosa que surge a arte, a frustração, a vida burguesa do homem comum. As pessoas querem tudo: grana, filhos, casa própria, natal com bacalhau fresco; e ainda querem fazer arte. Piada essa gente. Quer ser artista de verdade e ter família direitinha, tudo no lugar? Cadê a conta da sua arte? Quem paga?

Se nada está morrendo pela sua arte, Judas, ela não é tudo isso que te dizem.

Ainda bem que não quero nada, nem mesmo varar a inocência mansa de um bom ruminante. Digo isso porque uma cabra me olha agora que sento na cadeira de palha na varanda. Tudo azul nesse céu de fim de tarde, fim de vida, enquanto leio *Lavoura arcaica* e isso é quase uma tentação (bem mais literária que sexual). *Era Ana, era Ana a minha fome* — diz Raduan; mas a minha tem outro nome ou nome nenhum, minha fome, minha pulsão surge desse sangue pisado por quem o fez verter.

Nome que retém coágulo: meu amor

Com a última por quem sangrei a vida era toda no lugar, tudo perfumadinho e bem ditoso. Eram dias de pão, riso e gozo. Ela economizava os gritos do sexo quando na sua casa para gastá-los no meu apê de Botafogo, aderindo ao calor seu excesso de sorriso e ritmo enquanto, de olhos fechados, não punha almofada sobre o rosto abafando sua vontade de permissão, de soltura, de não ser menina recatada e geniázinha da família. Por tudo gritava o prazer como quem aceita o silêncio de minha parte que, até no gozo, sempre fui mais corpo que voz nesse esporte físico que é a dedicação de prazer. Ambos viemos da dor, por isso nos entendíamos bem no gozo. Quem vem da dor ignora os vizinhos no interfone e os carões aguardando elevador.

As paredes eram finas, a gente não.

Eram tempos de fartura emocional. Até as decepções, saborosas; como a vez em que fiquei nela (explosão) e isso me alçou à imagem de seu ventre inchado e crescente de algo melhor que eu (posto que feito nela e não ao relento urbano das negativas). Imaginava que ser pai é ser marido e homem e ex-menino-urbano; homem responsável pelo fruto de seu prazer e aquilo, essa criatura-bebê-filho, seria o fruto do que satisfaz meu corpo —

é estranho pensar isso quando se é um cara que viu a vida inteira o resultado do seu prazer escorrer dos azulejos para o encanamento ou, embalado em látex, terminar na lata de lixo. Mas não havia nada meu dentro dela —

era o que a última repetia.

Graças a movimentos vaginais de contração, tudo que de mim poderia frutificar melhor (visto que minha literatura se destina ao silêncio dos banheiros ou ao chorume dos sebos virtuais), tudo que poderia germinar agora umedece o lençol sem luz negra que permita alguma forma de brilho, senão o do sorriso de alívio não por ser bom, não por ter gozado junto; sorri feliz por nada de mim existir dentro dela.

É interessante saber que você jamais agendará essas feridas.

Saber que de repente você acorda e está cheio de escaras e pústulas abertas sem saber ao certo com que gume o passado te abriu. Mas foi pensando no futuro que pela primeira vez fui a um urologista discutir a extensão de meu prepúcio. Era preciso cortar o excesso daquela linguagem. Na sala de espera, lia as *Memórias de*

minhas putas tristes do García Márquez — mal sabia da ironia futura que isso iria representar, um velho sozinho destinado a ter o corpo tocado sem paixão. Tinha, naquela época, vergonha do tecido extra que me revestia como a pele de um frango cru, indicador de um amolecimento rugoso, algo tão incompatível com a pouca idade. Queria estar preparado para a sucção, para que alguém além de mim o friccionasse com gosto, o convidasse à ingressão de úmidas cavidades; queria, enfim, estar pronto para que alguém finalmente o utilizasse.

É uma dor natural da sua idade, senhor.

Como natural se eu tenho 20 anos? dor para expelir? dor pra desistir? dor das bolas azuis? dor da solidão? da incapacidade de me fazer usar? Doutor, me faz um favor e passa logo a faca nessa porra.

Há muito sem prepúcio, é Natal e tudo continua azul neste quarto e nem sei que horas são. Você já passou esse dia assim, sem nada que te afague, que te apague a vontade de fugir? Assim, sozinho, de cueca e olhando para a janela, deixando o azul entrar pela fresta do blackout, tendo comido de ceia um balde de pipoca regado a suco detox e Jack Daniel's? Olhando para o espelho e se sabendo nocivo diante do vazio de avós e tia e sabendo que nada ali segura alguém que quer morrer? Você acorda de um dos vários sonhos do dia, sem lembrar que dia ainda é, meio esquecido do que já fez, saudoso da época escrota em que foi amado pelos míopes da terceira idade e pela que dedicou seu foco inteiro a se entregar, e agora você acorda intermitentemente sem tomar banho, com o lençol todo manchado de porra e tentando agressivamente se limpar com jornal.

Esta época não concede aos vivos certas imunidades. Há uns anos, também era Natal e, à entrada da casa de massagem, um senhor virou-se para mim a dizer bem alto *Feliz trepada!*, fazendo ecoar os votos por aquela ruazinha de Copacabana. Normalmente eu sentiria vergonha; mas dias de tristeza aguda nos imunizam aos rubores. Nesses dias, caminhamos como anônimos; sem sorriso e sem sabor. De fato, irreconhecíveis. Somos anônimos — e muitos — nesses tempos de fratura emocional.

Só não esquecer que também são tempos de morangos

orgânicos

Sim,

Drummond diz que amor é privilégio de maduros, começa tarde, é aquilo que aprendemos no limite; amor é depois de arquivar toda a ciência ouvida, toda a existência falhada.

Sei que eu era mais úmido quando algumas coisas ainda estavam vivas. Esse não estar dos outros — tia, avós, Leticia, a última — em vida ou em mim deixa o fôlego meio rarefeito. Tudo tão seco.

Já não choro; nesta cama a umidade vem de outros cheiros: branco e mel.

Uma pessoa tem que estar à altura do seu desespero, Affonso me dizia. Ninguém diz mais nada. Já não espero prazer algum bater à porta ou se apossar do sangue que insiste em me percorrer quando ninguém mais desliza por este corpo. Vejo minha perna e tenho vontade de fatiá-la em bife. A coxa pelo menos. A última com o penteado-colmeia da Amy deitada ao meu lado; disso eu precisava agora, de alguém que não se assustasse com o interior pastoso de uma dor em carne viva.

Quando criança certa vez entrei no quarto do meu pai e o vi em uma posição bizarra durante um estranho acontecimento. Ele em pé, dobrado ao meio, empinando o traseiro para sua mulher sentada na beira da cama.

— É preciso muito amor para cuidar do furico do outro!

Ela diz e ri segurando o potinho de pomada com a esquerda enquanto a direita permanece ativa e lambuzada. Lembro dessa fala quando já me esquecera das hemorroidas de meu pai (com quarenta e tantos), tendo-as acariciadas pelos gomos dos dedos macios de quem o ama. As minhas, sempre duras demais, nunca foram tocadas por mãos que as amem — mas se guardo um mérito é que ao menos nunca errei na proporção do ímpeto; nunca as esfreguei forte demais.

Nos dedos sempre tive toque e ritmo certos. Em uma sessão de cinema — víamos um musical insuportável —, abraçado à última por quem sangrei deixei a mão ir passeando por sua pele, absorvendo maciez e temperatura, desci e entrei com os dedos por seu short bege de rendinhas. Era dela essa fantasia, eu sempre tive medo de exposição. As carícias alternavam entre o toque e o torque, crescendo na elevação, no tom, na cadência da música que desistimos de acompanhar com olhos, corpo e ouvidos. Ela não me olhava. Eu mirava a região (coberta por sua bolsa em tentativa tosca de disfarce), via as pessoas do cinema

lotado (estávamos, menos mal, ao final da fileira); e a ouvia arfar. Facultar meus dedos a ela é como escrever; às vezes não tenho ideia do que fiz, mas pela respiração do discurso sinto que acertei. Sigo acertando, conduzido por seus latejos. No fim da música me recolho. Foi úmido. Foi quente. Foi vivo. Ela se ajeita, realoca a bolsa, me dá um beijinho. Também sorriu e, depois de lambe os dedos, volto a comer pipoca.

Desculpa se te cedi às secreções da linguagem.

Clarice, que também gostava de jogar com a respiração alheia, dizia que, para passar de uma palavra física ao seu significado, antes é preciso que ela seja destruída em estilhaços; como se, um instante antes de significar, a palavra deixasse de ser palavra e só assim pudesse viver fazendo sentido no outro. Quando aperto os olhos fechados com os dedos da mão, em meio ao todo negro se forma uma claridade agressiva, proporcional à dor que me faz soltar.

Na primeira manhã que acordamos juntos, dormimos pesado de só cansaço, desconfortáveis em seu sofá, abraçados de lado e sem dormência, respirando ambos fora do limite de um corpo contido. Se perguntassem, talvez ela estivesse indecisa em sentir-se ameaçada. Eu? Se estou me abandonando? Me dissolvendo no outro? Um pouco, nada grave. Porque é nessa passagem de simples corpo a sentido de amor que um zangão tem o mesmo atingimento supremo que a palavra: ele morre.

Nada grave.

Depois que morre, se ainda continua deitado no negro interior do amor, o corpo perde aquele gosto de paz antiga; ao contrário, o corpo volta como que mal recuperado de uma doença. Como uma cera recém-retirada da colmeia, feita de mel por dentro — ela agora está em um refratário e retém ainda algo do cheiro de morrão de candeia, algum eucalipto, laranjeira. Disposta à frieza de uma desproteção, cristaliza. Aquecendo-se o refratário, mais que voltar o mel à forma viscosa, o favo — esse corpo de cera — aos poucos derrete, entrega sua forma e se une ao todo líquido se formando sobre o vidro. A presença do favo, conquanto não se o veja, muda a cor e o gosto do mel, ele se torna mais escuro. Não tem um gosto ruim, veja bem; é diferente, como um sabor acumulado. Morrer é agregar textura, tanto que ficam uns pedacinhos do favo imersos no mel escurecido, restos

de cera que grudam no dente como prova de que um corpo seco e duro abriu mão de ser quem era a fim de tentar uma existência nova.

Já quase não se percebe o corpo.

Ao menos fica o mel, a literatura — ainda que mais dark, mais escura. Há de haver alguém que dela se labuze.

Camus diz que um homem de trinta anos devia ter-se nas mãos, saber a conta exata de seus defeitos e de suas qualidades, conhecer seus limites, prever seu enfraquecimento — ser o que ele é e, sobretudo, aceitá-lo. Lembro disso quando saio do banheiro e meus pés doem, os tornozelos não dão descanso nas viradas de tempo.

Não acendo as luzes (gosto da casa azul, aquela pouca luz batendo nos azulejos antigos e levemente azulados da cozinha) e ali fico, em pé entre o balcão da pia inox e a mesa, enquanto boto alguma água para ferver para o preparo do café. Encaro a palma de minhas mãos; eu nunca me tive ali — penso. Tenho trinta anos e nunca fui um homem que se teve nas mãos.

Olho para as palmas já com dobras que eu menino nunca as tive (ou ao menos nunca reparei). Mãos de quem viu muita gente escorrer dali, mãos que guardam, não na palma, mas no dorso, rugas, ranhuras, olheiras, deslocamentos de veias, sinais de que seu toque não é coisa que passa impune.

Quando há quem toque — e se permita o tocar de volta — o risco daquilo que marca as mãos (corte, depuração da pele, inchaço de veia), o risco só falta aplaudir. O dorso sempre pulsa mais que a palma, dele sai o sangue, é ele que mede a febre. A palma, ao contrário, acaricia ou dá tapas na cara.

Vejo estas mãos; o rural não tem a última por quem sangrei, contudo não me priva do sangue. Alguma coisa já pulsa cedo demais no mundo rural, porém ele tampouco dispõe de mulheres para alívio rápido. Tão acostumado a lembrar com tristeza... é a primeira vez que lembro com saudade. Isso me enrijece.

Estou tão pronto que é um desperdício. Os primeiros toques — sempre frios e desajeitados — logo me fazem abrir um pote de mel em cima da mesa e meter a

mão ali dentro; deixo-a suspensa sobre o pote, vendo escorrer o excesso de volta para dentro do mesmo, e uso a mão (agora escorregadia) para me lançar ao membro há muito não usufruído. Me entrego à síndrome dos movimentos repetitivos (enquanto, curvo, me apoio com a esquerda na bancada da pia) enquanto lembro/ projeto/ imagino a última deitada sobre a cama, sobre mim, sobre a mesa e sobre nós um plasma de sensações agora desce, paira, se acopla enquanto ela morde alguma almofada para não gritar.

Mordo os lábios e tudo em mim cheira a mel, a um mel que não é meu, um mel que nunca fui. Alguém que olhasse pela janela pensaria *aquilo tem o aspecto de uma redenção*. E enquanto esse mel me lubrifica, refaço o jogo de favos que ela, última por quem sangrei, sempre nutriu mais do que sorveu. Seu favo ela nunca cogitou se tornar habitação, ser um futuro nascedouro; lembro disso enquanto ainda tento tirar prazer do lugar que sempre me serviu o mel, do lugar que sempre se prestou a isso, ao fluido, ao doce, ao prazer. Ela era nova e eu um casco de quase trinta.

Outro líquido entra em cena e já não ousa abrir os olhos para não me ver fisicamente imerso no que sinto. Os movimentos repetitivos carregam aspereza — e o chão, poças do mel que escorre — abro então os olhos e cuspo não com raiva, mas com mira de acertar a cena que ali embaixo acontece. O cuspe se junta ao mel a fim de facilitar a felação (fecho rápido os olhos de novo), o que vai tornando a cena mais grotesca, mais grosseira do que uma lembrança de amor pressuporia. Não. Vai tornando a cena extremamente fiel ao estado de amor ao qual nos entregamos: sempre dispostos a sorver, sem vergonha do gosto de se sujar.

Aquilo aumenta o potencial de minha lubricidade, mas o ruim de certas lembranças é que o prazer não se apresenta deslocado, por isso logo vem o fim de tudo, os motivos, as discussões, a dor da perda. E antes que façamos alguma coisa, já estamos fortemente acariciando — quase agredindo — um membro duro que não goza, que não sente prazer, anestesiado; e nos convencemos de que aquela repetição ainda é vida, enquanto no melhor cenário não passa de massagem cardíaca. O fim? A isso se resume a vida: a um membro duro, rijo, intransigente, solitário, que não culmina, que não goza, que não sabe mais alcançar o próprio clímax, que se entope de mel alheio na impossibilidade de chegar ao próprio mel.

É isso um homem de trinta anos
alguém que chora enquanto se acaricia.

Epílogo

*Love
Love will tears apart
Again*

Ian Curtis

O dançarino japonês Kazuo Ohno em uma de suas aulas disse que *O amor existe imperceptivelmente. De maneira suave, para não assustar*. Quando pedi em namoro a última por quem sangrei, ela foi se encolhendo, se encolhendo e chorou por uma hora. Estávamos em sua cama, ela me abraçava forte, soluçando, não abria os olhos. Respondi o desespero abraçando com a intensidade dos que não compreendem, mas reagem. Tudo em nós era impulso. Aquilo era ela dizendo sim.

Mas não se pode se dar ao outro assim, tão abruptamente.

Sabe quando um gato espreita um peixe? Ele aparenta calma e cálculo, olha à volta em silêncio. Num movimento, decide. E quando ataca, se assusta com o que acabou de fazer. Mas, a essa altura, já está com o peixe entre os dentes.

Esse amor de nós é um esforço de dança feito por dois que mal aprenderam como se manter em pé. E agora se veem com o outro entre as mãos. Ela nunca soube me explicar por que do choro. Às vezes o corpo responde antes. Às vezes o impacto dos dentes assusta, e o corpo sente o que está por vir.

índice onomástico¹

Antunes, António Lobo
 Barthes, Roland
 Beckett, Samuel
 Belchior, Antonio Carlos
 Bergman, Ingmar
 Bishop, Elizabeth
 Calligaris, Contardo
 Chiara, Ana
 Descartes, René
 Drummond, Carlos
 Ferraz, Eucanaã
 Freire, Jurandir
 Gullar, Ferreira
 Gurgel, Nonato
 Lispector, Clarice
 Mãe, Valter Hugo
 Ohno, Kazuo
 Pessoa, Fernando
 Plath, Sylvia
 Santos, Roberto Corrêa dos
 Szymborska, Wisława
 Trier, Lars von
 Veloso, Caetano

¹ É o que a gente chama de intertextualidade. Então, um remete ao outro... Aqui mesmo tem um índice onomástico que dá algumas pistas de autores com os quais eu cruzo, que até, às vezes, eu copio, cito descaradamente. Nesse índice, eu fiz uma espécie de homenagem. Inclusive, não tem só autores, tem amigos também. Olha, todo autor de literatura faz isso, só que uns dizem e outros não dizem. Todo autor, de repente, está muito atento ao que ele lê, ao que ele ouve, e incorpora isso no próprio texto. Às vezes, você incorpora... você diz uma coisa e eu uso a tua frase igualzinho. Foi onde eu cruzei, quem eu citei, quem eu li, quem o texto namora, sabe? (Ana Cristina Cesar em depoimento para o curso “Literatura de Mulheres no Brasil” em 1983 publicado em *Escritos no Rio*).

PARTE III

4. Como me tornei Clarice *um ensaio autobiográfico*

Como me tornei Clarice

ou

Uma sensação de perda

ou

Carícia torta

ou

Com amor o preço é outro

ou

Como faz para ser possível?

ou

Não salvo pelo doce

ou

Como se degustasse seu próprio pesar

ou

Prefiro não fazer

ou

Viver não concede imunidade

ou

Fatores de erosão aos 30

ou

Nunca trabalhei em matadouro

ou

Repercussão dos fatos no indivíduo

ou

A vulnerabilidade como procedimento

Eu não concordo com a vida

Estamira

*I don't want to be buried in a Pet Sematery
I don't want to live my life again*

Ramones

4.1 Como me tornei Clarice

Clarice diz que precisa comer um frango.

Quando soube desta história tomando café com um amigo em seu apartamento em Laranjeiras, senti que aquilo não me bastava. Era bom saber; dava prazer compartilhar; mas ainda assim meu corpo de alguma forma não estava satisfeito em possuir, via ondas cerebrais, o conteúdo daquele acontecimento mitificado talvez pelo tempo, talvez pela incerteza de sua veracidade, talvez por se tratar de Clarice Lispector.

Convidada para comparecer a uma espécie de conferência sobre sua obra, a autora aceitou participar da mesa junto ao coordenador do evento e de uma professora da casa especialista em sua escrita. Já na PUC-Rio e diante do auditório lotado de estudantes ávidos por ouvir de sua boca alguma voz carregada de sotaque ou língua presa, Clarice vira-se para o anfitrião, momentos antes de a conferência ser iniciada, e diz *Preciso comer um frango*. Levanta-se e sai.

À mesa e com café, só consegui imaginar Clarice deixando a PUC pela saída lateral, atravessando a Marquês de S. Vicente, entrando na padaria/lanchonete ao lado do Seu Pires, apoiando-se no balcão e pedindo uma coxa de frango para comer ali, em pé, mordendo a carne suculenta daquele animal. Cravando os dentes com a truculência dos bons desesperos, deixando escorrer pelo canto da boca alguma gordura, pouco se importando em usar as mãos direto no osso, sem guardanapo ou hesitação por ter ido ao salão na véspera fazer as unhas.

Por melhor que fosse ter conhecimento dessa história curiosa a respeito de uma vida dolorosa e mitificada como a dela, de alguma forma eu senti que precisava me apossar do acontecimento, ser dono dele. Côncio de que o real já era dono disso, visto que se trata de um fato; busquei em mim mecanismos de linguagem para ficcionalizar algo vindo da verdade para poder chamá-lo de meu, não no sentido da autoria, mas na possibilidade de aquilo ser eu, ser do corpo por ter saído de mim.

Clarice diz que *cada um de nós, em segredo quase de sonho, já viveu um pouco do próprio apocalipse*. Era isso o que eu pretendia: viver um pouco o

apocalipse do outro. No caso, o dela; imaginar aquela gordura descendo pela quina das gengivas enquanto alunos bebiam cerveja em copos de plástico, sentados no meio fio; sentir a mão tremer ao assinar e lembrar do cheiro de carne queimada fruto de um incêndio provocado por sua dificuldade de dormir; doer a angústia de achar que é, mas que ser ainda é pouco. Porque doer insiste e a um homem em constante fricção com seu próprio apocalipse, roçar (ainda que ficcionalmente) o incêndio do outro é sempre um descanso de si mesmo.

É morrer um pouco o outro, entende? Porque morrer a si todos os dias e não chegar ao ato extremo de abrir mão da existência é por demais cansativo. Às vezes dá vontade, você acha que pode, aí Jurandir diz que não, que a vida ainda tem mel, você acredita, sorri um pouco, vê o Flamengo ganhar, deixa o gozo no outro e pronto, parece até que o mundo é possível, que está aí para te acolher. Só que depois volta tudo e volta com uma fome tão cavalgar que ou você escreve ou dá a vida por pisável.

Tenho a marca de certos saltos, algumas Havaianas, dois ou três All Star. Uma rasteirinha verde-musgo que lembrava um réptil e cuja fitinha de prender rasgou, promovendo sua aposentadoria. Veja que decorar os frisos da sola que nos pisam é para poucos; não à toa na condição de sermos pisados, nascemos duros.

(Minha irmã me deu uma espada-de-são-jorge, dizem que é bom para botar no quarto, ajuda a dormir mais fundo — logo eu que há muito não sonho com dragões². Como se vê, a espada-de-são-jorge não anda melhorando muito meus

² Como tenho extrema dificuldade para dormir (nunca me ensinaram a relaxar), tomo uma dose de xarope calmante para ver se o corpo desiste e a alma aceita. Geralmente funciona, mas isso me desabilita para os sonhos. Esta semana, em meio à turbulenta madrugada de uma gripe clariciana (*Ter gripe é ficar sabendo de muitas coisas que, se não fossem sabidas, nunca precisariam ter sido sabidas. É a experiência da catástrofe inútil, de uma catástrofe sem tragédia. É um lamento covarde que só outro gripado compreende.*) – aliás, tudo indica que ando precisando de um lissorante –, em meio a esse debater-se de sonhos entrecortados, sonhei. Não me lembro exatamente, mas estava no Hortifruti aqui da Mena Barreto e por algum motivo assassinei uma mulher estrangeira. Devia ser síria, estava em tons escuros e penso isso pelo formato de seu nariz; me recorde dele de perfil enquanto pressionava sua garganta, seu pescoço contra o azulejo embranquecido por algum cloro (não de todo eficiente ao ponto de ainda permitir revelar lapsos de encardido) aos poucos perdendo a vida, a cor ficando cada vez mais branca (e a mulher era quase albina, mas talvez fosse só o contraste com a roupa) cada vez que aumento a pressão com que aperto a carne macia de seu pescoço. Passei o resto do sonho me remoendo em culpa, evidente. É essa a condição do culposo. As crianças chorando pela mãe, o marido regresso do desmaio me xingando, aquela cena toda. Mas o formato da minha mão direita, agregado à textura do contato com sua pele, é o que não sai de mim. Era boa a pele dela (e o mais difícil em mim, nas relações sociosexuais, sempre foi agregar – em repouso ou pulsão – a que habito na pele do outro). Além da culpa, de alguma forma queria possuir o corpo da que matei. Isso sem falar que a origem de

afundamentos. E essa metáfora que o Caio faz com os dragões que não conhecem o paraíso — tolice isso de sentir em um mundo em que é ridículo sentir, certo? — em mim se faz mais forte com jacarés. Veja, jacaré é o dragão sem glamour, ele não voa, tem bracinhos, não aparece no imaginário salvando princesas, tampouco exalando fogo. O jacaré tem de lidar com a queima dentro da própria armadura — tão raro ela deixa entrar, mais raro ainda é ela te deixar sair. Se dragões não conhecem o paraíso, o jacaré nem sabe do que é feito, se é de comer, se está concorrendo ao Oscar. Isso de não ser feito para a felicidade, uma vez que tudo em você só afasta, só agride, só explode — mesmo quando você nem surge com tentativas de assassinar —, parece simplório para quem vê de fora, para quem chega e diz “Oi, meu nome é Esse. Quente hoje, não?”. Na cabeça do jacaré, abrir a boca é para morder; e todos ao redor sabem e também pensam assim. Não à toa ele se esquiva da possibilidade do “Oi”. Ele só não sabe como fazer. Então fica ali sendo pedra, se fazendo mineral em um mundo em que, quando batem, nunca é pedindo para entrar).

Se couro de jacaré não custasse R\$500 (um tamanho de 30cmx15cm), usaria para encapar estas folhas. Gosto da ideia de que logo na capa qualquer um saiba que foi preciso alguém morrer para isto existir. Alguns de nós andam com a lâmina muito perto da garganta. Então, em vez de fazer o movimento súbito, usamos o mesmo polegar e o indicador para deixar a vida aqui em vez de fazê-la jorrar sobre o estofamento do sofá ou, pior, sobre o colchão; à espera de que alguém encontre o sangue manchando o taco do quarto enquanto ostentamos

tudo foi alguma briga com o marido, alguma discussão de que não me lembro; depois de nocauteá-lo, tirei da vida a que o enviava amor. Foi uma sessão inteira com Jurandir para, de alguma forma, tentar entender que a tensão política brasileira me fazia ver na ideologia oposta (que vocifera neste momento batendo panelas enquanto tento desenvolver uma linha de raciocínio. Vizinhos, que coisa bela, não? Quem será que os inventou? *Que bom que a gente ainda pode lembrar de versos. Até querer trocá-los por uma metralhadora* – já diria Caio em crônica n’ *O Estado de S. Paulo*, 18/2/1987) esse sentimento de não pertencimento, por isso estrangeiros que ameaçam um mundo, em minha visão, cada vez menos desigual, mundo que ajudei a construir dando aula de graça e fazendo outros projetos voluntários. Detesto barulho. Tem sábados em que só descubro que não falei por volta das 17h, quando vou ao Hortifruti e digo “Débito” à caixa não muito simpática. Geralmente vou quando posso, no fim do dia depois do trabalho, para comprar brócolis e um suco verde. Às vezes com gengibre. E isso, segundo Jurandir, faz de alguma forma o Hortifruti sendo símbolo do que me é familiar (visto que lar e família, como já devem ter visto, não são muito a minha). Portanto, estrangeiros no Hortifruti (isso daria um ótimo título), o desconhecido tentando entrar em casa, outra ideologia ameaçando a lógica deste mundo que tão inconsolavelmente e infelizmente habito. Ela morre, eu vivo; mas fica em mim a textura de sua traqueia entre o dedão e o indicador, fica em mim seu engolir (sinto como é entrar algo nela) muito mais do que privá-la do respirar.

nossa cara de paz logo acima. Enquanto isso não acontece, fazemos dor virar sintaxe, meio que gotejando um pouco. Assim como Bandeira, penso que *o metal precioso eu teria que sacá-lo a duras penas do pobre minério das minhas pequenas dores e ainda menores alegrias* (*Itinerário de Pasárgada*, 1954), porque no contraste da alegria que poderia ter sido (ha ha e que não foi) surge este calcário que nos envolve; minério que nos arma, não em punho, mas em tudo frente ao medo de ser quem somos. E pelo mesmo motivo somos abandonados. Veja, Manuel Bandeira nasceu exatamente cem anos antes de mim (19 de abril de 1886) e, no texto dos dragões, Caio F diz *abril — esse é o mês dos dragões*, tamanho potencial bélico que nós, dragões e jacarés arianos, exercemos sobre o mundo e sobre nós mesmos. Batemos não para resistir, mas para sangrar. Só não espero, como ele, Bandeira, passar a vida achando que vai morrer e ela, Dona M., nunca me chamar para jogar um xadrez. Só vem, querida. Assim eu queria meu último poema:

o sangue que precede o corte
a paixão dos que morrem sem explicação.

*

César Aira, em seu *Pequeno manual de procedimentos*, diz que uma hora olhamos para nossa vida e pensamos: É isso? A vida que vínhamos acreditando até então parece algo já vivido e não um objeto de exaltação em festas de família ou finais de semana. Que família? *Porque nossa vida passou... Teve de passar para que aprendêssemos*. E é nesse sentimento de déjà visto que as atividades cotidianas não sustentam mais, não dão conta dessa sensação de *Já vi, já tive, já vivi* que nos assombra aos domingos depois do jogo das 16h. Sozinho em um apê em Botafogo, alguém só espera resgate e; com força de rasgar papel e de deixar prensado nas páginas abaixo, tamanho peso na ponta dos dedos; escreve NAUFRÁGIL na vida, na página vazia. Como fez Ana C em um de seus cadernos. Foi nele que esse alguém viu a expressão pela primeira vez. Como ela, vira os 30 pensando em como se virou até aqui. Pensando que o terceiro andar é altura pouca. Pensando que precisa ficar para segurar a avó. Pensando que com

um tiro seria mais estético. Uma Glock custa R\$4.500 no mercado negro. Pensando que certos corpos vêm com peso desmedido de alma, alma que absorve mais da perda que do sim — como a gêmea de Valter Hugo Mãe, que vê a irmã morrer, novinha, e ouve de sua mãe que agora carrega a irmã morta em seu corpo, feito bonsai. Pensando em quantas mortes carrega em seu corpo, entre o conjuntivo e a epiderme. Pensando por que não se converte logo em câncer, já que tudo é massa escura? Pensando que só se entende com os mais novos e com os velhos porque com seus iguais seria como se entender consigo mesmo (sendo que não consegue nem se aceitar). Pensando o quanto pesa uma morte em um corpo atlético, que puxa ferro na academia, que lê Beckett para treinar a alma. Pensando que força a queda, mas ainda é naufrago de uma ilha sem água — Drummond já sabe: *quer morrer no mar, mas o mar secou. Então, do fundo do naufrágio voltamos em busca de consolo nos poetas que amamos* — diz Aira. Não sei se chego a voltar, mas ao menos ser o outro dá uma lufada de ar, dá um empurrão de baixo para cima nesse líquido gelatinoso e movediço que sobre mim puseram no lugar de um rio, um mar, uma morte de pedras como a de Virginia Woolf.

Não penso que o César Aira naufragava similar ao meu procedimento de naufrágil, mas de todo modo é a partir dele que o argentino diz iniciar seu processo de renúncia. Renunciando — *talvez saíamos ganhando ao perder tudo* —, é possível ficar mais próximo dos poetas amados na juventude (segundo ele) e, assim, de alguma forma se renovar podendo reavaliar as aspirações seja como escritor seja como indivíduo farto das precisões biográficas presentificadas em jantares de família, pagamento de boletos, sexo sem gozar. O poeta de juventude de Aira era Rimbaud, um jovem feito de implosões no melhor estilo “Tiro, porrada e bomba”. Assim, César Aira diz que deixar de naufragar passa pela escrita, mas não em uma busca de renová-la, mas de como poder ser Rimbaud. Para, então, esta busca ser *um procedimento para fazer do mundo, mundo*.

Quando jovem, nunca fui próximo da literatura, por isso esse retorno que César Aira promove como escapismo não diz tanto. Contudo, a passagem só de ida que me foi dada pelos meus poetas-tiro-porrada-e-bomba se tornou um procedimento de escrita poderosíssimo ao ponto de me possibilitar certo conforto mediante a renúncia da vida. Porque ao escrever Caio F, deixo de ser este homem

por trás do bigode e da barba mal feita; escrevo Caio sendo Caio. Ao menos naquelas horas em que o leio, o tomo, o crio; posso deixar de ser quem sou, de doer o que doo, e posso doer a dor do outro — o que até agride, mas ao menos é mais esteticamente edificante.

Quando descobri que isso me aliviava de ser eu mesmo, decidi escrever cada um dos meus intercessores como uma maneira de aprimorar minha principal técnica: o procedimento do próprio abandono. Porque abandonar é o que o abandonado faz, ele repete a própria condição. Sendo assim, vou abandonando tudo e todos até poder finalmente me abandonar.

O próprio Aira diz que *Abandonar é permitir que o mesmo se torne outro, que o novo comece. E assim nunca abandonaremos o bastante, tão grande é nossa sede de desconhecido*. Porque é bom não precisar ser a si mesmo, poder não viver esta vontade de morrer todos os dias, experimentar (um pouco que seja) a vida/morte de um outro, um que tenha mais vontade de ficar. Penso que isso renova a nossa morte, nos deixa um pouco mais criativos.

Quem lê essa lucidez toda pode até pensar que é artificial; mas não se engane, eu já fui feliz. Mas faltava a necessidade de solidão que alguém vivente de palavras necessita. Então, abandona-se o *estar bem* em busca de um motor para a escrita – ainda que movido a líquidos escuros, escusos e menos nobres.

Em uma carta a Fernando Sabino (em 27 de julho de 1946), Clarice Lispector diz que a solidão de que sempre precisou (*Sim, minha força está na solidão* — diz a autora de Macabéa) é, ao mesmo tempo, insuportável. Isso que escrevo de alguma forma é somente um homem de 30 anos suportando o insuportável.

Foi assim que me tornei Clarice.

4.2 No tempo em que festejavam o dia de meus anos ou Fica boazinha, dor

Neste dia me desejam saúde, felicidade e que eu continue insistindo nas pessoas. Logo eu, que já não insisto nem em mim mesmo. No ano em que festejavam o dia dos meus anos, eu era feliz e ninguém estava morto; e ainda me desejam que seja *extremamente* feliz. Acho um exagero, acho irreal e o próprio adjetivo em si já não diz muito. Quase nada.

Leio “Aniversário” (de Caeiro) nesta terça, 19, sentado em frente ao Jurandir e digo que me sinto essa umidade no corredor do fim da casa, deste apartamento em Botafogo que acolhe infiltrações, apto que é para absorver líquido das coisas. A primeira vez que entrei em contato com esse poema foi na escola, pequeno, o dever (opcional) era levar um poema para a aula seguinte. Em casa, a doutora minha mãe catou um livro do Pessoa e me convenceu de anotar este “Aniversário”. Lembro que deu mais de uma página do caderno e; quando fui ler na aula, em voz alta; achei interminável, já não entendia nada (só ouvia o eco de versos latejando na cabeça), era levado pelo ritmo que, espero, conseguira sustentar. Queria acabar logo (para mim era constrangedor ficar falando tanto tempo), mas não apressei. Naquela época, eu não pensava, pessoas se reuniam ao redor de um bolo para festejar o dia de meus anos. Eu, que sempre muito mais testemunhei alegrias do que de fato as vivi.

Eu, que tenho vergonha de fazer aniversário.

Eu, que não entendo esses votos, esses desejos,

esse celebrar de uma vida

que nem sabe se viver.

Pensei que Jurandir fosse se apegar mais à ideia de a mãe ter me apresentado o poema, porém ele fica mais na possibilidade de celebrar-se a si mesmo, de ver como o impacto nos outros – alunos principalmente – torna este corpo uma vida com sentido, de aceitar que gostem de si e de saber que festejar a vida é belo, é bom e me dá um abraço antes de eu sair.

Eu, que já não faço anos
 nem sinto que duro
 Somam-se-me perdas
 vontades de partir.

De alguma forma ainda sobrevivo a mim mesmo, talvez usando essa luz (que queima e também revela) nos outros, iluminando um pouco, como um Torquato (anjo que diz que é preciso não morrer por enquanto), uma Ana (anjo que perde o voo quando a sombra se dilui), uma Clarice (que parece anjo quando bebe — segundo a esposa do poeta Augusto Frederico Schmidt), como um eu-anjo torto desses que vive nas sombras e diz, a quem ilumina, para ir ser *gauche* na vida. Eu-anjo torto porque tremo, porque dói, porque não se trata de um homem que abre portas e puxa válvulas (saca? do tipo que vira presidente de empresa?); trata-se de alguém que vive jogando com a própria queda e que talvez, por carregar o peso das próprias sombras, ilumine — ao absorver a escuridão ao redor para si — os poucos, os raros que porventura venham-no cercar.

O problema desses anjos tortos é que só sabemos ser assim; ilhas de solidão. Somos essa bombinha mesmo e é raro ter ao lado quem suporte a possibilidade de implosão (que sempre explode um pouco quem estiver por perto).

Em uma entrevista, Lobo Antunes diz que em sua casa se falava muito pouco, não havia confidências nem manifestações exteriores de ternura; então nem ele, nem o pai, nem a mãe falavam muito. Não havia expansão física de afeto; por isso diz por vezes pensar que teve sorte de não ter sido amado. O entrevistador pergunta por que chama isso de sorte, ao passo que ele responde *Porque se fosse ao contrário, se calhar não escrevia, não é? A gente escreve para gostarem de nós. Quando o Mozart, aos 5 anos, tocou para a corte francesa, ele foi a correr sentar-se ao colo da Maria Antonieta e pediu-lhe “aimez moi!”*.

Isso lembra Clarice em carta a Elisa Lispector e Tania Kaufmann dizendo *Por favor escrevam, gostem de mim* que; aliado à bronca que Clarice tinha quando

demoravam a responder suas cartas (vendo no atraso uma manifestação de decréscimo de afeto), culpava então a si mesma e a seu ar fechado, melancólico, sombrio. Inclusive, em carta de mesmo ano a Tania diz que seus problemas *são de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças e Deus, sãs*. Porque esse deslocamento que sentimos, e que de certa forma nos impele à busca por sermos gostados pelo que temos de melhor — a escrita —, ratifica em nós a ideia de diferente, torto, desajustado, alma doente. Não à toa, mais à frente na mesma carta, a autora, que estava a distantes 32 anos de criar Macabéa, pede à irmã: *Me perdoa, não sei como você desejaria que eu fosse*.

Neste Réquiem do dia a dia (só espero que não precisem terminá-lo por mim), nos vemos de certa forma reféns do que nos tornamos. Ana C se coloca como anjo que registra, que anota lá de cima suas impressões sobre os acontecimentos mundanos a que todos somos submetidos. Em outro momento, ela evoca um anjo que extermina dor — e um desses é sempre bom ter no bolso para o caso de certos esbarrões pela rua, cheiros perdidos, lembranças que matam fingindo acarinhar. É o anjo que vem dizer *Fica boazinha, dor*. Porque já não estamos próximos dos afetos, ao contrário, aproveitamos os braços, os beijos bissextos com a voracidade dos famintos. Respirando Ana C, Ana Chiara precisamente pergunta *Economizamos na vida para gastar no texto?* Porque no texto sentimos que somos mais nós mesmos, logo a vida se torna essa fome toda. Não à toa jejum dá úlcera. Não à toa foi ela, sinalizada por gastrite prévia, que me despertou hoje às três da manhã, talvez em lembrança de que fazer anos é envelhecer o corpo, gastar mais os órgãos, o estômago já farto de nos digerir.

Quando era feliz na Fonte da Saudade e este dia era leve e doce (e até embalado por Baby Consuelo); a companhia bastava e o estômago digeriria devagar. No dia em que me tornei feliz e uma pessoa linda passou a comemorar a minha vida como fundamental para a existência da sua. No dia em que fui argumento vital para o existir de alguém, não soube mais escrever. Não conseguia. De onde tirar?

(Lobo Antunes, nessa mesma entrevista, revela às vezes pensar que nascemos com certo número de livros dentro de nós e, caso não os escrevamos, a vida parece não ter sentido. Por isso talvez ele também seja de difícil trato, solitário, carente, doído. Cheio de armadura. A despeito de muitas mulheres o julgarem atraente e interessante, ele sabe que paixão é carne, ele também nunca facilitou com a palavra amor.)

Essa felicidade toda, vinda da transfusão direta de afeto que recebia antes mesmo de o sentir escassear, fez-me ver sem sentido. Aquilo era outro eu, reto, abrindo portas, puxando válvulas, feliz. Pensei: Ok, sou feliz. E agora? Faz-se o que com isso?

Sei que ninguém se questiona assim, mas talvez eu seja melhor como escritor. Enquanto pessoa, penso que deixo bastante a desejar.

(Em outra carta às *queridas* citadas anteriormente, Clarice diz *Isso que eu estou sentindo pode-se chamar felicidade. Só que a natureza se faz tão estranha que o próprio momento de felicidade é de temor, susto, apreensão*. Porque em nós certos sentimentos destituem-se do que são originalmente e assumem um valor agregado. E esse estado de felicidade rouba o ímpeto da escrita, nos faz sentir que somos menos nós e; por mais que externamente haja o êxtase, o clímax do querer-nos vindo de outrem; por dentro parece falso, dado que nos querem não pelo que temos de melhor. Isso nos faz perder o sentido. Desculpe, só pessoas de alma doente conseguiriam entender. Essas geralmente não formam bancas.)

Ok, sou feliz. E agora? Faz-se o que com isso? Foi o fim. Hoje sou este arranjo torto, sombrio, triste, meio morto, falando de fim como quem pede pizza (Faz de conta que minha digestão é fácil — diria Ana C). Um arranjo melancólico, solitário; porém cheio, abarrotado de sentido.

4.3 Do distúrbio que sofre a letra

Desde o incêndio, Clarice tem grafia torta. Não segue direito as linhas, rompe margens, por vezes erra também na força e rasga o papel. Sente vergonha da letra, não faz mais dedicatórias. Sente vergonha da mão, agora fuma com a outra e esconde essa enquanto diz ao entrevistador que não está triste, é que hoje se sente cansada. Reduzida somente ao essencial, só o coração bate. Fernando Sabino diz que ela é uma coisa riscadinha sozinha em um canto, esperando, esperando. Se é riscada, é porque alguém riscou. E Clarice adora pipocas. Ficava toda felizinha quando, passeando pelo Leme (ou passando pela orla de carro), esbarravam em um desses pipoqueiros de porta de colégio — *Fernando, pipocas!*³ —, parecia até que ia mesmo ser feliz. Parecia até que a mão ia parar de tremer só porque caminhava ao encontro de um instante de prazer. Porque um prazerzinho na sexta segura o sábado e o domingo, entende? Na falta de peixe, carne, leite, pessoa neutra; acabamos mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que conseguirmos encontrar.

Às vezes acordo e me sinto escrito por Clarice. De alegria falhada tenho todas e desde pequeno. A maçã compro orgânica, mas fica podre com um dia de geladeira. Água gelada do chuveiro elétrico quebrado às 5h30 antes de ir para o trabalho. Uma sensação de perda, que rasga e vem desde os 16. Uma aprendizagem que não sei fazer no social, por isso me enfurno no apê de Botafogo

³ “Como me tornei Clarice” originalmente não passaria pelo trajeto alimentício, porém a pesquisa em torno da autora, intercessora vital deste ensaio biográfico, me apresentou a melhor descoberta (e quiçá a menos útil academicamente falando): o fato de Clarice amar pipocas. Gostar ao ponto de se empolgar e dar pulinhos no banco do carona do carro de Fernando Sabino. Como pipoca desde muito pequeno, feita em panela por minha avó Cely e servida em uma tigela marrom. Hoje, adulto, pipoca é o que me preenche a solidão aos sábados à noite e é a lembrança que muitos têm de mim, muito mais que o afeto, a companhia, a boa escrita. Mas não adianta. A sensação de “para quê?” não nos deixa, mesmo quando um alimento de sabor afeto-gustativo invade onde estamos um apê climatizado pela morte de escritores nas estantes

ouvindo Billie Holiday
ventilador ligado
só lembro Caio F
vocês me amam pelo que me mata
porque afinal: o caos é forma
vamos, "é agora, nesta contramão" — dizia Ana C

dar detalhe cansa

em busca de uma quase desumanização. Só falta a rádio relógio e o cachorro-quente. No meu caso, é MEC fm, pipoca e Netflix.

Certa vez, Clarice ficou muito sentida por nunca ter sido convidada por Marina Colasanti e Affonso Romano para jantar em sua casa. Quando providenciado o jantar uns dias depois (às 18h30 — horário em que Clarice queria — e com os amigos com quem ela deseja estar), Clarice vestia uma roupa zebraada, preta e branca, visivelmente alegre em estar ali. As pessoas tomavam drinks e socializavam e o jantar estava quase pronto quando Clarice se aproxima de Marina e ao pé do ouvido diz que precisa ir embora, que está com uma tremenda dor de cabeça. Affonso insiste que ela fique, sugere aspirinas. Marina percebe imediatamente que aquilo não era coisa a se negociar, *uma aspirina não resolveria, poderia afastar a dor de cabeça, mas não devolveria a alegria com que Clarice havia chegado e que já não se via em seu rosto*. Depois que Affonso a levou para o Leme, o jantar finalmente ocorreu, ausente da convidada que o motivou.

Tem gente que cose para fora, eu coso para dentro, diz Clarice.

Quem também cose para dentro é uma certa moça nordestina, datilógrafa, de 19 anos, virgem, inócua, que era café frio, que mal tinha corpo para vender, que nunca vomitou, que só comia cachorro-quente (às vezes sanduíche de mortadela). Em *A hora da estrela*, aguardando ser atendida por madama Carlota, Macabéa observa a sala; pensa: *Lá tudo era de luxo. Matéria plástica amarela nas poltronas e sofás. E até flores de plástico. Plástico era o máximo. Estava boquiaberta*.

Recorrendo ao dicionário, observamos que, etimologicamente, plástico (vindo do grego *plastikós*) significa *aquilo que serve para modelar*, o que nos remete imediatamente à dificuldade de encaixe presente em Macabéa (*faltava-lhe o jeito de se ajeitar*). Plástico é aquilo que assume qualquer forma, que pode vir a ser tudo; não à toa ele seduz a nós, de linhagem clariciana, por sermos do plástico o contraponto. Só o torto sabe o que é o direito. Só o que não se encaixa sabe o custo para conseguir se encaixar.

Porque, no fim das contas, a cidade parece que é toda feita contra a gente.

Jurandir insiste que é para eu sair mais. Eu digo para ele que quem lê Beckett não faz amigos na academia. Que em nós é tudo sempre se batendo por dentro, como duas forças contrárias que se zeram no final das contas, quando você se aceita no sofá. Porque a solidão que buscamos — e que é terrivelmente necessária para sermos quem somos, escritores —, essa solidão é essencial e ao mesmo tempo inteiramente insuportável. Porque de repente ela é dona de você, fica cobrando pedágio para deixar passar. Solidão é coisa que seca. A gente fica tão seco que corta o movimento das pessoas.

Em um prefácio cortado (d' *A Maçã no escuro*), Clarice diz que *cada um de nós oferece sua vida a uma impossibilidade*. Essa é a impossibilidade: ser um homem normal que abre portas, aperta válvulas, vai para o bloco de carnaval, reproduz e morre. Porque tem vezes em que a gente até tenta (chega-se a pensar: *estou quase sendo*), mas na hora de sair, ir para o bar, para um show do Arnaldo Antunes, surge lá de dentro uma vozinha — vinda de um Bartebly particular, interior — dizendo *Prefiro não fazer*. Na primeira vez, você chora. *Prefiro não fazer*. Na segunda, pipoca e Netflix. *Prefiro não fazer*. Da terceira em diante, isso não ocupa nem meia hora da sessão. Jurandir não gosta, insiste. *Tem que aprender a costurar para fora*. Ele não entende

não é qualquer um que tem Melville no lugar do coração.

4.4 Uma carta para Ana

Ana, que nem você, eu também nunca fui de digestão fácil. Hoje é seu aniversário e você não existe mais. Você aos 16 diria que a morte era muito mais gostosa recheada com marchemélou — e bem que seu voo podia ter sido rumo a uma piscina de bolinhas; ou de marchemélous. Se estivesse viva, quem sabe não me orientasse na PUC?, não dissesse o que pensa de minha visão sobre Clarice?, não brigasse falando que meu texto expõe demais os beijos, que o mundo não é tão blue? Ana, que nem você, eu também não faço concessão. Para a gente, o azul é lindo, mas nunca foi a cor mais quente. É frio estar só. Alguns não passamos de anjos que registram, desses tortos que vivem nas sombras. Jurandir diz que precisamos aprender a morder o mundo com mais força. Mas alguém assim chega a perder o paladar de tanto pensar que come. Essa vida não passa de fracassos disfarçados de alimento.

Isso nos vai dilacerando. Você até diria que o coração só constrói decapitado. Talvez textos. Talvez lindos.

Mas então nem mesmo os urubus comparecem.

2 de junho de 2016

4.5 A legitimidade do desejo ou Uma pausa para o café seguida de D.R.

Inspiração é como um impulso, te move para a coisa, te coloca em ponto de escrita. Às vezes, você nem quer, mas começa a escrever nesse *free style* e aquilo se estende para uns terrenos estranhos dentro da gente. Acústicos demais.

O narrador de *A hora da estrela*, antes de começar a história da moça nordestina, diz que sua *palavra tem que se parecer com a palavra, instrumento meu. Ou não sou um escritor? Na verdade sou mais ator porque, com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto.*

Clarice tem consciência do movimento de sístole e diástole que faz com as emoções do leitor – via vírgulas e outros instrumentos de cadência emocional. Um jogo intencional de contração e relaxamento (instante de força seguido de momento de pausa). Gosto desse jogo de respiração, espécie de acordo; por isso, antes de iniciar uma leitura, o músculo nos leva a perguntar se ela vale realmente a pena.

Veja, este ensaio há muito não está cumprindo o prometido. Eu poderia virar para ele e dizer: *Nós estamos em plena decadência; eu e você estamos em plena decadência; a nossa relação está em plena decadência.* Ele acabou, sem o menor planejamento, se tornando a fricção de dois discursos, o ensaístico e o narrativo-autobiográfico. Me parece que o primeiro anda sendo abandonado.

Acontece que o processo de lubrificação do texto muitas vezes me tira da preparação do ensaio e me joga em uma escrita que busca prazer na linguagem, que busca expor meus *momentos de verdade*.

Contudo me parece que tudo bem, porque n'*A preparação do romance*, Barthes começa prometendo aulas de algum método processual para confecção da narrativa longa, mas no percurso começa a falar de haikai, do tempo, da caderneta, de anotações, da vida. Então, a discussão sobre o problema (como, afinal, escrever/ fazer/ preparar um romance?) se retrai em prol de operações de tessituras textuais várias e, principalmente, da relação entre o que se vive e o que se escreve.

Ora, se o subtítulo do livro em questão diz *Da vida à obra*, penso este ensaio autobiográfico como a explanação do meu método, o meu *como se*. Barthes diz *Será que farei realmente um Romance? Respondo apenas isto: agirei como se eu fosse fazer um → vou me instalar nesse como se*.

Tento, barthesianamente, fazer da autobiografia um ensaio em que as senhas, as conexões, não se apresentem horrivelmente expostas, mas permaneçam sorratamente tangenciadas nas entrelinhas.

Leminski diz que algumas obras são mães, outras filhas, e algumas raras são obras-primas. “Como me tornei Clarice”, espero, é uma *obra clima* que revela o caos de composição principalmente de “Latejos” e “Enxame” (ou a ele acrescenta camadas de desvio, quem sabe?).

Ana C lendo Barthes diz que *dos bastidores perde-se a ilusão do transe*. Desculpe se este ensaio não cumpre o que dissimuladamente prometeu. No final das contas, parece que a ideia é, de alguma forma, tentar alargar o transe.

4.6 A vulnerabilidade como procedimento

Caio Fernando diz que *os escritores são mestres em criar seus próprios infernos, só para descobrir formas de se ver livres deles*. Não sei até que ponto é possível se ver livre do aspecto infernal de nossos dias, o máximo que consigo é esticar para depois. Mas concordo que provavelmente damos nós para ver até que ponto o corpo aprende a desatar. E dar nó com a própria pele, com os próprios músculos, quebrando os ossos a ver se dobram — afinal, o jogo é visceral, então o corpo paga as más escolhas — gera a dor que, de alguma forma, vira matéria de poesia.

O escuro é mais límpido sob o sol do meio-dia e Jurandir provavelmente me diria que isso que chamamos *inferno* provavelmente é o mesmo local a que outros chamam *paraíso* — a diferença é que uns olham pela calma e outros pela queima.

Acabo de acordar em um domingo de dia das mães com o estômago ardente (porque o prazer, a pizza do dia anterior, para uns, se reverte em dor em uma quantidade mais que razoável de vezes). Pizza sozinho no supermercado Zona Sul, aqui de Botafogo, naquelas mesinhas mal limpas, esperando ter o número gritado (2548), enquanto reparo nos casais de velhos jantando às 19h30 de sábado (são vários, pelo menos quatro) considerando aquele programa possivelmente uma boa estratégia para passar o fim de semana. Felizmente me abstenho de julgar, eu, sozinho, jantando pizza no supermercado, em busca da única realidade possível de prazer oral neste sábado à noite.

*

Meu amigo e escritor Edson Valente dedica seu livro *Raiz forte*
aos que não conseguiram

e sinto que um tanto daquilo é dedicado a mim, sinto que isso que vivo é não conseguir (mas como saber? Como comparar? Vai que, como diz o Caio, isso que chamamos migalha não é o pão inteiro?). Há os que têm e há os que não têm. É muito simples: alguns de nós não temos, não conseguimos, somos subproduto e nos sentimos de corpo cariado, de viver ralo. Nos falta o jeito de ajeitar, de nos

encaixar nisso que aos outros é familiar. De fora, vendo essas pessoas que abrem portas e puxam válvulas, pensamos com Macabéa: Como é que faz para ser possível?

Tudo que dói é possível, diz Paulo⁴. Então o jeito é abrir o corpo e jogar a dor para fora. Isso é o *ativo da dor*, essa reinvenção do sentimento doloroso que Barthes alia à ideia de corte/ quebra/ ruptura como forma de marcar uma dobra, um antes x depois diante daquilo que nos agride. Assim, a dor não se coloca como paralisia, mas como força motriz, energia que põe em marcha (o corpo, a vida, por meio da escrita), em um embate contra a impotência de reinvestir (nos tornando novamente seres desejanter). A *Vita Nova* surge como uma lufada de ar após a escrita se utilizar da dor para combater a acídia (estado de depressão, vazio interior, cansaço, tristeza, tédio, desânimo; *na acídia, sou objeto e sujeito de abandono, de armadilha, de impasse*).⁵

*

Caio F diz ficar preocupado depois de um amigo avisar que ele expõe demais as fragilidades, mas considera que *talvez expor as fragilidades seja o único jeito que tenho, então não sei se isso tem solução*.

Porque nos acostumamos a sentir tanto que colocar quem somos no papel, despidoradamente autobiográficos, acaba por transformar isso que nos acostumamos a entender como sendo o desencaixe, o negativo, o ruim, pegamos isso e transformamos em força motriz de escrita. Da pressão que sentimos à fricção com que escrevemos é uma dor só. Aprendemos a canalizar e isso relaxa um pouco. Não muito.

Amy Winehouse era bastante assim, letra & voz arranhando os ouvidos com a mesma dor com que sente a vida arranhar a si mesma. Essa espécie de negação onipresente que para alguns soa triste, de certa forma pessimista, até sombria, essa

⁴ diz Paulo Henriques Britto em seu poema “memento mori”: Nenhum sinal da solidão se vê/ lá onde o amor corrói a carne a fundo./ Dentro da pele, no entanto, você/ é só você contra o mundo. // Esta felicidade que abastece/ seu organismo, feito um combustível,/ é volátil. Tudo que sobe desce./ Tudo que dói é possível.

⁵ Barthes diz: *Sob o efeito de certas circunstâncias, de certas devastações, o Querer-Escrever [atitude, pulsão, desejo] pode impor-se como o Recurso (...) em direção a uma Vita Nova.*

negação, essa escrita, essa inevitabilidade cheia de sombras para mim sempre pareceu cheia de vida. *Também não sei se tudo que é assim, cheio de vida, não será também um pouco triste*, diz Caio. Penso igual, sou isso também. E por ver beleza na tristeza (muito mais do que em felicidades *fakes*, fabricadas a baixo custo de vida e com linguagem retilínea, perfumadinha, tudo bonitinho no lugar — bem ao estilo *best-seller*), escrevo a tristeza que sou. Porque alguns vêm tristes e outros vêm felizes. E tudo bem, sabe? Tem uma hora que você já não briga mais com isso, já não vive a vida em termos de tristeza x alegria; apenas faz uso do que é para se tornar melhor. Porque a escrita é sempre melhor do que a pessoa.

Respondendo se considerava possível identificar traços do suicídio de Ana C em sua poesia, em entrevista do Jornal Plástico Bolha, Ana Chiara diz que *o negócio é o seguinte: se a gente banca o leitor detetive pode identificar traços de suicídio em todo escritor porque escrever é se suicidar um pouco e em muitos sentidos - bons e ruins. (...) O que talvez seja mais enigmático é saber se os que se suicidam efetivamente escreveram para ensaiar o suicídio ou para adiar um pouco.*

Escrevo dissolvendo coágulos (traumas, dores endurecidas, caroços⁶, ínguas). Uso doses fortes de água, jorro, fluxo de seiva, muitas vezes lágrima. Disso gera-se palavra, texto, discurso, estética, beleza; lembranças que anoto e que também marcam, por oposição, uma escrita do esquecimento. Dissolver na verdade é só fingimento para passar por eles, pois na verdade transito pelas memórias a partir de retenções. Esbarro e fico ali agredindo, agredindo, agredindo até ceder e me deixar passar. Por isso muitas vezes penso que determinado

⁶ Meu segundo livro, de contos, se intitula *Caroço* e conversando com Nonato ele sempre me disse que essa ideia transmitida pelo título não se esgotava ali, naquele volume. O livro trata de muitos temas que voltam em “Latejos” e “Enxame”, porém de modo menos vulnerável — no sentido de exposição em primeira pessoa, polimento das visceralidades e resgate mnemônico das dores. Penso que neste livro consigo rachar o caroço e deixar escorrer o líquido dele, espécie de seiva. *Sou demais o sangue para esquecer do sangue*, diz Clarice. Sinto que o caroço volta no sentido claro da armadura — presente repetidamente no casco de jacarés —, mas também nesse sangue que não para de escorrer. Até me desculpei pela repetição, porque o sangue não volta, sempre continua e às vezes a ideia do fluxo é repetir, jorrar para colocar o leitor no estado de ritmo que desejo. Isso dá trabalho e eu não sabia fazer no *Caroço*. Mas as questões sobre infância, abandono, vazio, dificuldade de se manter feliz, morte, tudo de alguma forma transitou ali. Talvez *Latejos* + *Enxame* de alguma forma espelhem, na linguagem, os temas já aparecidos. Até mesmo o título penso que dialoga sem romper, visto que imagino este latejar como uma deformação de vida sobre a pele, subindo e descendo, alargando e reduzindo, de modo que seu fim representa a morte. Enquanto o caroço é duro, imóvel e, quando quebrado, surpreende que, diante de seu líquido, houvesse ali alguma possibilidade de vida.

coágulo é minha última retenção, que preciso parar por aqui. Uso versos fortes e acabo forçando passagem; o que não impede que ele volte a se formar. Geralmente é o que acontece, mas com outra roupagem, outra qualidade de ferro e dor, fazendo outro uso de meu mesmo sangue.

Clarice (que também não sabia se era um monstro ou se isso é ser uma pessoa) em determinado momento afirmou que já não lia ficção. Isso porque não mais se interessava pelos fatos. A ela só interessava a repercussão dos fatos no indivíduo.

Barthes fala que, para ele, *o grande critério para reconhecimento de uma obra é que ela dê um sentimento de necessidade*, o tal sentimento de urgência e calamidade pública com que Clarice escreveu *A hora da estrela*, podemos presumir.

Sei que “Latejos” e “Enxame” foram escritos com um tal grau de desespero que, por vezes, se tornou difícil controlar a colocação do indivíduo no jogo biográfico do material escrito. Porque esse estilo de escrita de pulsões (linhagem clariciana de *O sopro de vida* talvez?), ao mesmo tempo em que mantém um uso do agora, implica em um distanciamento a fim de que repercuta. Ou seja, mantém-se o nariz colado à página como forma de trazer o leitor para o arrebatamento do texto vivido, dos episódios de lembrança em meio a anotações do real.

Sei que “Latejos” e “Enxame” foram, durante seus processos de elaboração, a criação de uma *Vita Nova*, uma forma de continuar, de não desistir. Jurandir não deixa. Este ensaio também está sendo. Algo está sempre consumido aqui. Não sente? É preciso criar um propósito, uma meta. O corpo vai se perdendo no texto, vai diminuindo. Morrer emagrece, sabia? Com fome, os textos, digo, os cachorros comem os próprios donos. Com lágrimas nos olhos, mas comem. Sabia?

4.7 O professor de melancolia

Durante um escrito sobre gatos e lebres, Clarice menciona um professor de melancolia. Cita apenas. Não se aprofunda nele. Sempre fui desses que não têm medo de sangrar na frente dos alunos. De expor o quase, as janelas, a beira. De usar a vulnerabilidade como procedimento; como também o faziam Caio, Torquato, Ana. De ensinar a usar a tristeza como sentimento disparador, em vez do potencial paralisante que ela possui. Mas para isso é preciso falar dela. Para isso, preciso ser um professor de melancolia. Porque talvez pela melancolia eu ensine a passar mais firme pela dor, pela vida, pelo excesso de noites em claro.

A melancolia, assim como a saudade, é sempre um exercício de silêncio. Silêncio e acúmulo. Se dirigida por Lars von Trier, pode resultar no fim do mundo. Mas a verdade é que o fim de tudo há muito não assusta mais.

Outro dia, quando mostrei um teste (que preparei para os alunos) à minha amiga Maria Silvia: *Coitados!* — ela disse —, *you are showing these depressive texts for them!* Eu ri. *They like it!* — falei —, *they pass time by looking at the sadness.*

Acho que eles veem mais honestidade nos sentimentos tristes. Talvez soem mais reais. Até porque a alegria a gente não para para sentir e analisar, a alegria a gente vive. Sentimentos não-expansivos nós agredimos ou por eles somos violentados. Não à toa ministro aulas de pugilismo emocional.

E cada um se sente agredido (por si mesmo) de uma forma única, toda luta interna é um jogo de ineditismo. E ingressar na luta nos faz sentir que já perdemos, que só de estar ali é sinal de fracasso. Então lemos Barthes; ele mostra a importância da *nuance* para o artista, exatamente por ser o modo como diferimos um dos outros aquilo que vai diferenciar nossa arte da dos demais. Veja, trata-se da diferença de sentir o mundo, da sutileza da percepção das mesmas coisas disponíveis para todos os demais perceberem.

Elaborando o conceito de *nuance*, Barthes cita Blanchot: *Todo artista está ligado a um erro, com o qual ele tem uma relação particular de intimidade. Toda arte tira sua origem de um defeito excepcional, toda obra é a realização desse defeito de origem (...)*

Daí a importância da escrita como possibilidade de pacificação daquilo que nós passamos a infância (e boa parte da vida jovem e adulta) insistindo em recusar. Ao contrário, ensina Barthes, a *nuance*, a diferença, é a Vida; a não-adaptação ao mundo destruidor de nuances (nossa cultura atual, nosso jornalismo grosseiro) é fundamental para o nascimento do artista dentro do corpo que sofre por não conseguir se encaixar.

Até que ele, artista, nasça e se aceite, vive-se em angústia e alguma melancolia.

Angústia é fala entupida, diz Ana C. Desentupir é na pressão e, em canos de cobre, o entalo só desce com Diabo Verde. É preciso ingerir mais corrosão para aliviar certos tipos de engasgos, dores mal descidas. Aí o líquido desce queimando tudo e já não se sabe o que é gerado pelo próprio estômago (pela ferrugem do corpo em desistência) ou desse produto externo — que mata, mas jura que veio para curar.

Buscar dentro de si esse material da escrita é voltar à víscera e ver do que ela se lembra. Regressar ao estômago, ao intestino, ao reto e suas hemorroidas, vá lá, regressar ao coração (para o qual se deve atentar ainda mais, tanto periga se tornar óbvio e brega e completamente descartável). Somos dessa linhagem que pouco inventa, que não olha para fora durante o processo criativo (como tanto fazem os criadores de *best-sellers* e bons enredos). Já não nos interessam histórias. Sempre olhamos para dentro, tudo acaba sendo sobre nós. Trata-se da mesma lógica sensitiva de Oswald de Andrade, talvez um pouco mais radical do que a força acústica do significante — *a gente escreve o que ouve, nunca o que houve*.

E quando já se falou toda a matéria que estava à superfície, adentrar mais fundo é agressivo, mexe onde não se deve e, por vezes, reabre lacunas, espaços, esboços de tristeza que rapidamente preenchemos com doses cavalares de insônia, álcool e paranoia. Sobre isso Caio Fernando diz: *É que nem sempre consigo escrever sem sofrer um pouco. Mesmo quando até me divirto, sempre é necessário remexer um pouco mais fundo, e remexer mais fundo cansa. Ando cansado*.

Sobre a perigosa aventura de escrever, Clarice diz ser *perigoso porque nunca se sabe o que virá — se se for sincero. Pode vir o aviso de uma destruição*,

de uma autodestruição por meio de palavras. Podem vir lembranças que jamais se queria vê-las à tona. O clima pode se tornar apocalíptico. (...) Não se brinca com a intuição, não se brinca com o escrever: a caça pode ferir mortalmente o caçador.

*

A verdade é que sou cobrado por notas e planejamentos, enquanto só me preocupo que eles consigam sentir o mundo. Não sou cumpridor, não gosto de receber ordens, não respeito hierarquia. Quero que meus alunos aprendam a ler Clarice e Ana C, e os superiores preocupados com reescritura de redação dissertativa. Hilda Hilst, em *Tu não te moves de ti*, acertadamente repete um discurso que ouço há tempos vindo de quem me quer bem: *um homem de empresa não deve ter qualidades excepcionais*. Sim, deve anotar direitinho quem fez o dever de casa, passar para a escola, comunicar os pais; sim, recolher o celular dos que usam durante a aula e acordar os que dormem; sim, tirá-los de sala; aham, não ser tolerante com palavras de baixo calão; isso, jamais utilizar informalidades enquanto veste a *persona* do professor que é; bravo!, ser respeitado e elevar o tom de voz quando tiver sua autoridade questionada.

Sempre perdi a voz em 10 minutos de torcida para o Flamengo, não vai ser em sala de aula lotada que minhas cordas vocais criarão a resistência que nunca tiveram. Falo baixo. Subo o tom durante a aula, nos momentos certos de elevar a progressão do que digo — da leitura de um poema, da contação da biografia de um autor — para acelerar a narrativa e também para não ficar monocórdio. Exige-se preparo para que uma biografia seja ensinada como um conto; uma aula que produz personagens antes de produzir conteúdo.

Poetas... bóóóóhhhh, um sol no coração e um sentir bóóóóóhhhh, tão delicado...

Sempre fui eficiente nos maus momentos. Nas aulas em que chego destruído de vida — após dias de escuridão, paranoia, choro e Jack Daniel's —, desse limbo

tiro força para ver se salva-se a tarde, uma vez que as aulas são pela manhã.
 Porque minhas aulas são como minha escrita⁷
 fica por tempos soterrada
 em imagens, passados, traumas
 sobe para a superfície da página
 através de incêndios, combustões internas
 o estômago que paga a quebra
 a úlcera (filha criada no desvio
 no estresse na dor de certos traumas)
 e nela, na escrita,
 tudo será
 capaz de ferir. tudo será
 agressivamente real.

Por isso ela dialoga com Walt Whitman traduzido por Ana C:

Isso que lê não é um livro/ Sou eu quem você tem nas mãos

Isso que está na sala não é um professor, é o homem que vos fala, o poeta que se entrega, que morre um bocado para que a narrativa flua. Como morre um tanto para que a escrita se torne assim: nua.

Ah, mas um homem de empresa não deve se entregar desta maneira! Deve primeiro pensar na Instituição! Imagine que absurdo, faltar um dia inteiro de aula porque a cabeça está pirando. E a Instituição? Um homem de empresa não pode pirar!

Acontece que sou um professor de melancolia e me culpam quando uma aluna pensa em se matar. Os chefes perguntam para a mãe da menina se minhas aulas empurram mais nesta direção. A mãe ri. Assim como os que vivem à beira, ela sabe que ninguém salva ninguém dos próprios abismos (isso é Caio falando de Ana C). Tampouco empurra. A própria menina certa vez disse que minhas aulas “salvam” (ela é nova demais para saber o que é não ser salva e, portanto, entender

⁷ Minha escrita (mix de Waly e Orides na playlist)

que neste mundo ninguém como nós se salva). Não salvam, mas ajudam a segurar até sexta-feira.

Eles querem que eu seja funcionário-padrão, sendo que eu não sei nem como continuar funcionando.

Eles querem obediência
demais

Não tenho nenhum talento
para a SOBREVivência

Como me mantenho vivo é
em grande medida
trabalhando por metas

(e um puta medo de Kardec)

*

Segunda-feira fui a um evento com Mia Couto e Maria Bethânia, ocasião de lançamento do livro do moçambicano e comemoração de 30 anos da Companhia das Letras. Sobre o aspecto de fim, Mia Couto comentou que geralmente pensamos a relação morte-sangue como a perda deste, como sendo aquilo que escapa, que nos falta. Ele acrescenta que, ao contrário, muitas vezes morremos pelo excesso de sangue, nos afogando dentro do que somos.

Se meus alunos escrevem sobre cortes, feridas e hematomas, é porque eles foram ensinados. É porque somos demais o sangue para nos esquecer do sangue (isso é Clarice). Eles aprenderam, primeiro, a não desperdiçar nenhuma parte de si. Segundo, que vazar pela escrita é sempre uma forma possível de controlar o fluxo (isso é mentira, mas sempre ensino como se fosse verdade).

*

Às vezes grito com escova de dente — entreouvi de uma aluna em meio à balbúrdia antes do início da aula. Sim, porque às vezes os objetos nos olham histericamente e gritamos, porque nos é dado o direito ao grito. Porque fazer matéria de poesia as situações mais banais do cotidiano é aplicar o *olhar estetizante* de Ana C, a *nuance* de Barthes, naquilo que em nós ressoa a partir dos acontecimentos mundanos, a despeito de qualquer compromisso de aceitação ou entendimento por parte dos que nos rodeiam.

Até porque entender é sempre muito limitado, diz Clarice.

Nunca entendi bem o conceito de charme. Achava muito etéreo, vago, abstrato. Não compreendia o que colava de qualidade à pessoa que o detinha. Expliquei isso a eles quando, finalizando a série de aulas sobre Leminski, lemos o poema “apagar-me”. Conteí para eles sobre a morte do escritor curitibano, após anos de autodestruição alcoólica seguida de versinhos. A imagem de Leminski chegando à redação do programa televisivo que produzia em SP, deitando sobre alguma mesa e resenhando a prévia do programa deitado (tamanha a dor abdominal, fruto de sangramentos internos nos quais ele imergia na época) revela bem o aspecto de gênio-largado que dá o tom de sua marginália. Depois de nos apagarmos, nos diluirmos, nos desmancharmos; até que depois de nós, de tudo, reste apenas o charme. Interessante o poema, trazendo a ideia etérea de uma pessoa como aquilo que, dissolvido no ar, permanece depois de findo.

Contudo, analisando esse mesmo poema de Leminski, Antonio Candido observa que a palavra *charme* vem do latim *carmen*, que significa *versos líricos*; portanto, *poesia*. É bom pensar que, depois de mim, de nós, de tudo, a poesia permanece segurando alguma dissolução do que fomos (nesse ideal um tanto parvo de eternização de si mesmo).

Agora, pensar que, quando olhamos uma pessoa e a julgamos charmosa, estamos na verdade observando o que nela existe de poesia, isso sim é êxtase puro. Pensar que possuímos no corpo linguagem poética traz a exata dimensão do encanto subjetivo que uma pessoa, inexplicavelmente, de repente possui por nós.

Porque um poema, assim como um alguém, não tem seu gosto, sua apreciação, medidos com balança ou fita métrica. A importância de uma coisa há de ser medida pelo encanto que a coisa produz em nós.

Chegar a este tipo de arrebatamento é o que fazemos em sala de aula. Saber que há poesia em nós, em algum espaço, líquido ou músculo nosso deixa a turma calada. Todos quietos, indo meio estranhos para os 30 minutos de recreio.

Isso é muito bonito, principalmente quando se é visto. Aos que não nos sentimos olhados, ser um reduto de poesia — mesmo que bela — não basta para sustentar o fim de semana. Veja Rodrigo de Souza Leão: *O que é a solidão? É viver sem obsessões. Mas na vida às vezes a gente tem que escolher entre esmurrar a ponta de uma faca ou se deixar queimar no fogo.*

O excesso do que somos muitas vezes racha de dentro para fora. Quebramos feio. Quebramos porque somos feitos de cacos e quando os cacos nos convidam, desordenamos tudo. É dançar entre os estilhaços que fazemos de nós mesmos. Somos dessa linhagem de Ana, Leminski, Caio, Torquato. Dessa linhagem que dança com a vida.

O dançarino japonês Kazuo Ohno, em um de seus workshops, explica:

Se algo não está dentro de você, então não reverbera — mesmo que você tenha técnica, mesmo que seja grande o seu esforço. Não há dúvida. O que existe de verdade dentro do coração é o que atinge quem o assiste, quem vai entender. O que é a alma? E o desejo da alma? O que o espírito quer transmitir? É um problema candente. Na vida cotidiana, na dança, o que queremos transmitir amadurece aos poucos. Quando quisermos transmitir algo, só conseguiremos se o extrairmos assim, de nossas raízes, e o mostrarmos dilacerado.

Mamãe, mamãe, não chore...

Se entrego esta melancolia em pedaços, é porque vida é assim mesmo a gente só dá aquilo do que somos feitos.

4.8 É preciso não morrer por enquanto

Clarice diz que amar é conceder um pouco mais.

Nunca fui pessoa de conceder nada a ninguém, a despeito de obrigações sanguíneas, sociais ou financeiras. Considerando que a maior parte que em mim bate bate belicamente (ou seja, agride independente da proximidade), conceder um pouco mais é sinal desta palavra que disse raríssimas vezes no percurso de trinta anos.

E para dizer preciso infelizmente de um estado-limite, do contrário ela permanece emaranhada nas entrelinhas.

Sempre fui um solitário, e um solitário exige ser lido por suas concessões. Pessoas assim, por natureza ou psicose, sentem uma espécie de agonia, angústia claustrofóbica quando imersas em multidões, festas superficiais, blocos de carnaval. Coloca-se sobre nós aquela inexorável exigência afetiva; e, como diz Bukowski em carta a Darell Kerr, esse *VOCÊ PRECISA AMAR é em grande medida o lance agora, e acho que quando o amor vira uma ordem o ódio vira um prazer*. Assim vamos retendo, ficando cada vez mais sós; e gostaríamos que lessem as aberturas que damos como manifestação expressa de nossa maior honestidade afetiva — que é raro ser dada, mas quando é, é.

Durante uns quatro ou cinco anos, passei praticamente todos os domingos levando minha avó para almoçar e para assistir a algum filme no Cinema Leblon. Muitas vezes íamos até a Travessa do shopping, tomávamos café no Armazém. Durante esses quatro ou cinco anos, não disse nada; por ser desses que têm o beijo preso na garganta, por achar que não precisa ser dito, por ver na repetição o procedimento de demonstração da linguagem. Mesmo uma que não domino — a do afeto.

Só fui dizer quando o tumor cresceu e a incapacitou de andar (visto que a perna esquerda, muito inchada, não conseguia autonomia nem força para sustentar o movimento do corpo), deixando-a presa em sua poltrona, cuidada por acompanhantes. Agora falo todos os dias em que a vejo – sinto que isso gasta a palavra, às vezes me incomoda, mas passo por cima, afinal este é um estado-

limite. Falo agora que a vejo praticamente todos os dias, em um leito de CTI do Procardíaco, digo que amo e leio um poema do Fernando Pessoa.

Isso porque, há uns meses, me deparei com uma série de matérias sobre a tentativa de assassinato da capivara que mora nas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Aparentemente, queriam matar um de seus filhotes para comer, isso porque capturar um desses animais enquanto filhote é mais fácil do que depois de adulto – maior e mais feroz. Tentando defender suas crias, a mãe capivara foi encontrada com várias facadas em seu corpo, mas nenhuma aparentemente fatal. Para capturá-la e levá-la para ser tratada na clínica veterinária, foi preciso que o responsável declamasse trechos do *Livro do Desassossego*, do Pessoa. Assim, ela foi acolhida, tratada com medicação e poesia — as leituras continuaram enquanto ela permanecia internada em recuperação — até estar boa para voltar às margens da Lagoa.

Tenho plena consciência de que minha avó não é capivara. Tampouco creio que poesia remove a morte de corpos destinados a parar. Ainda assim, leio a cada dia uma ode de Ricardo Reis para ela, às vezes duas dependendo da lucidez do instante, porque se o fim é isso, que ao menos seja com Fernando Pessoa. “Bonito, né?” — é o que sempre digo quando termino a leitura, e ela assente com a cabeça e repete “Bonito”, às vezes só diz “É”. Não sei muito bem o que dizer quando acabo cada leitura, que vai melhorar?, que a dor no trato respiratório uma hora passa?, que os tubos enfiando comida industrializada pelo nariz vão parar de incomodar?, que isso não é o fim? Prefiro dizer isso segurando a implosão por dentro e por fora — e para ela —, sustentando a cara de paisagem, de quem só vive aquele momento sem pensar (glória de Caeiro que tanto amaríamos se conseguíssemos), de quem

Deixa passar o vento
Sem lhe perguntar nada.
Seu sentido é apenas
Ser o vento que passa...

Sempre fui um vento que empurra
porque não sabe abraçar.

Leio um conto em que Nuno Ramos diz *Túmulos pavimentam o esquecimento, permitindo à vida que faça o que tem que fazer, seguir sem os mortos (o que nos incluirá a todos)*, leio e me pergunto o que farei com minha vó que será cremada? Nunca fui muito permissivo com a vida, e não serei agora. Escrevo minha vó, e isso me parece pouco. Escrevo sobre seu fim, mas ela ainda vive, e sinto medo de que isso já seja um pouco a sua morte. O poeta não pavimenta coisas, não esquece — o que é bom e mau —, ele não permite à vida que siga sem seus mortos; coagula-se com eles em uma instância temporal dentro de si que força pausa e prende o fluxo que, aos demais, permite que o corpo siga. Este poeta tem memória fotográfica das sensações. Isso o faz ver e sentir o sabor exato das lembranças que viveu. Escreve para ver se disso sai um pouco de si, para ver se jogando para o outro dissolve um pouco do peso. Mas a verdade é que ter o sabor de muito do que sentira na ponta da língua é agressivo demais, mesmo para bocas de palato calejado. Jurandir sabe que o que segura por enquanto é o livro por vir (a possibilidade de realização que ele pode dar) e a vó. A vó com tumor no cérebro há um ano e agora internada, quase sem fala e movimentos das pernas. A vó que dançava tango e pintava barcos. A vó que achava triste demais tudo o que escrevo. Por enquanto é isso, por isso que é preciso não morrer por enquanto, Jurandir não gosta mas sabe. Minha vó já vai e isso é uma âncora que sobe, que flutua no navio ancorado por Ana no espaço-céu dos escritores. Dependem de nós obriga-nos a ficar por até quando? Thiago não segurou Torquato – suas vestes já nasceram dinamite. Mas prometi que antes de minha vó não, porque isso seria levá-la junto, porque assim já diz Brecht:

Aquele que amo
disse-me
que precisa de mim.
Por isso
cuido de mim
olho meu caminho
e receio ser morto
por uma só gota de chuva.

Que solteirona estou me tornando, perdendo a coragem de amar a morte!
— diria Rimbaud. Não, não chego a cuidar tanto de mim, apenas ao menos hoje

não forço certas feridas. Muito da resistência não é combater, mas deixar tudo ficar como está. Essa forma de trégua não precisa ser cerzida.

Nenhuma costura emenda certos rasgos feitos por imagens, pelos cheiros, pela agressividade do excesso de realidade que se imprime em nossa pele a ferro quente, como se marca um boi, para nos fazer propriedade do presente. Porque entro no leito em que minha vó deita há dias e sinto um cheiro ao tocá-la. Beijo suas mãos ressecadas, acaricio sua testa longa, poucos são os cabelos ainda restantes depois da radioterapia. O cheiro que sinto é ruim, é mais constante do que forte (como o de carne moída sem tempero, cheiro de comida de hospital), e ele vem da pele de minha avó. Olho muito tempo o cheiro de uma avó até perder de vista o que não é cheiro. Talvez venha, o cheiro, dessa profusão de acontecimentos mal ou não pacificados pelo corpo, ranços de alma, ínguas epidérmicas que foram incapazes de evaporar; permanecem à superfície a despeito de serem tratadas, limpas e banhadas pelas enfermeiras. Mas se incrustam na pele, esses acontecimentos, como um pombo morto no asfalto quente, ultrapassando seu vigor de doença livre ao corpo que não sangra, mas sofre, e por isso exala.

O cheiro é a expansão da carne.

O cheiro é a expansão do grito.

Em casa, sinto que prossigo com o cheiro da minha vó em minha pele. Cheiro esse que é infiel à vaidade, é tão inteiro, tão verdadeiro que ultrapassa as formas convencionais de ocultamento. Trata-se de um cheiro que pulsa, um cheiro que grita o que não pode ser dito, grita o que é ferida, grita o há por vir; uma espécie de agressão contida, dormindo, aguardando que o corpo a reivindique.

Tomo banho e os cabelos caem mais ultimamente. Rose já me alertara. E cabelos caindo são sempre a antecipação de quedas maiores. Outro dia, quando fui cortá-los, Thiago me avisou que os cabelos estavam ficando brancos — mais que o normal (sempre os tive, desde os 23). É preciso não morrer por enquanto. Doer cansa. É a vida perdendo a pigmentação.

Não bastassem as quedas e os embranquecimentos, o estômago volta a arder aquela corrosão que de alguma forma é o corpo digerindo a si mesmo. Não bastasse o estômago ulceroso, uma veia tenta se expulsar de mim, transformando

este corpo (que busca se equilibrar no meio-fio do próprio cheiro) em um amontoado de carne angustiada por conforto. Mas a verdade é que não consigo ao menos sentar direito. Tudo fica torto em um corpo com hemorroidas. Um corpo cansado de tentar.

quando se tem hemorroida
o corpo é sempre em dor
é sempre em estado de atenção
para aquilo
envia força constante para a área
que não cessa o latejar

se assemelha a uma força
de ereção
só que anal
deixando o orifício rijo
e se acaso o membro de fato cresça
aumente suba se excite
é estranho
é um confronto de forças
que se anulam
tamanha intensidade abaixo do quadril

e você, rijo e teso
com tudo em vias
de se
expulsar ferozmente
de si
anseia deitar
anseia deixar
o corpo dormente
e só

não é isso a vida?

*

Cansaço é uma espécie de sofrimento domado. Um corpo resignado até pode iludir seu leitor aparentando tédio, monotonia, repetição. Mas tudo que vive

se cansa, melhor, é cansado pelos dias, pelo amor paralisante, pelo aumento de pH da dor; aspectos do que chamam *vida*, mas que, no final das contas, vão injetando em nós esse *querer morrer* insuspeitado, esse amargo nos lábios, na boca, no sentir-gosto-nas-coisas; em tudo, alimento, mel ou pessoa, que se apresente para nos curar.

Porque tem horas que a fome é tanta — sofre-se já a experiência de uma fome inesgotável — que não se sente mais nada, nada além de uma grande anestesia, como se o vazio do estômago se sobrepujasse ao próprio estômago; que agora não verte ácidos, não se autoflagela, tampouco chora o próprio jejum. Um estômago aceita. E, como os de sofrimento domado, caso seja agraciado com quantidades razoáveis de afeto ou pão doce, devora sem nem sentir o gosto; devore apenas para lembrar de que um dia já foi voraz. Como já não tem ferocidade, possui uma alma calejada. Devora, sabendo que em breve irá vomitar.

*

Enquanto não nos tornamos roxos por inteiro, nos contentamos com certos hematomas. Quem tem sol em Áries não gera roxos em si por acaso (alguma batida na mesa, um movimento errado), todo golpe é sabido no impulso das rédeas de cada sensação. Olho minha avó deitada em um leito e, à sua estética de boca molhada de lágrimas, alguma remela e outras secreções, somam-se hematomas enormes em volta do pescoço. São por causa dos acessos — diz a enfermeira. Acessos são o romper da pele para que, por meio de um tubo, entrem no organismo de minha avó antibióticos, soro e morfina. De tanto deixar entrar, a carne agora vive machucada, roxo-avermelhada, uma pele que não se lembra de toques macios, de ser acariciada com amor. São vias e veias de circulação, forçosamente ocupadas por penetrações indevidas. Chegam a ameaçar romper o acordo de oxigenação, a solidão quebradiça que sustenta os que vivem em voluntário isolamento. Porque para alguns de nós (que têm jacaré no corpo e sol em Áries), a pele é mais espessa. Para entrar em nós, depois de tudo que nos fizeram, só mesmo nos dopando e forçando abertura. Só assim para terem acesso a nós. Por isso quando tentam entrar, sangramos. E vocês saem correndo,

assustadinhos. A gente teve a ilusão, mas vocês chegaram depois que mataram a ilusão na gente. Entendem, novinhos? Já viram quantas pessoas perderem a cor, aumentarem o cheiro, irem desenvolvendo oquidão diante de vocês? Todo acesso em nós é rompimento. Sim, nos acessar pressupõe o sangue.

Mas sangrar é o de menos. Esse vermelho que vocês veem em nós é um pedido, um soco, um urro para que paremos de lembrar

para que

por favor

a vida nos deixe em paz.

*

volto ao luto
como quem
volta às putas

mais cedo usei
toalha alheia
para secar este pau
made in brazil
era rosa e os azulejos
gelados não gemem mais

disfarço
ninguém diz

tudo o que frui em mim
é vontade de chorar

*

Com 20 e poucos anos e morando em Berna, Clarice se pergunta *Será que a gente não tem mais força de suportar a paz?* Burro mesmo aos 30, demorei muitas dores para entender esta relação, à primeira vista evidente, entre força e paz. Achei a vida toda que paz fosse a suspensão da força que sempre fiz para passar os dias. Paz era o relaxar dos músculos sempre tensionados, como que à

espera de um golpe. Nunca soube relaxar, por isso nunca soube como sustentar por muito tempo isso que chamamos de paz. (É preciso lutar para sustentar a paz, para segurar o que em nós é luz. Lutar geralmente contra nossa vontade de destruir tudo só para ver se alguém consegue sair vivo.) A dor, ao contrário da paz, geralmente me mantinha em um terreno conhecido, de uma tensão suportavelmente familiar. Na dor, eu sempre soube o que fazer. Na felicidade, não.

O dia do meu aniversário era terça e minha vó tinha consulta; marquei com ela de irmos. Chegando ao seu apê, ela não saía de debaixo do cobertor — dizia que o corpo estava cansado, que não aguentava fazer mais nada naquele dia (a acompanhante dera voltas no quarteirão com ela depois do almoço). Ela me deu os parabéns e disse para domingo eu voltar, para comemorarmos almoçando no Gula Gula. A partir daquele dia, ela começou a usar cadeira de rodas.

Sabendo que minha vó não estava em condições de almoçar fora, passei no restaurante a quilo ao qual costumávamos ir aos domingos, montei duas quentinhas e levei para almoçarmos. A enfermeira (Rose) posicionou a avó à mesa de vidro, eu ao lado, serviu a comida no prato e um pouco de suco de laranja; aproveitou que eu estava lá e avisou que ia ao Hortifruti enquanto isso. Me servi puxando assunto com a vó, perguntando se estava gostosa a refeição (batatas fritas, arroz à piamontese, peixe grelhado, creme de camarão — tudo que ela estava acostumada a pôr no seu prato aos domingos; há muito eu o sabia). Também sabia de sua dificuldade de engolir — também a possuo —, em que a garganta trava e a comida fica presa ali, enquanto avermelhamos e tossimos, enquanto o tempo dissolve aquele tensionamento muscular.

Ali, comemorando meu aniversário sobre sua mesa de vidro, a garganta da minha vó para e ela começa a engasgar, bebe suco e não desce, não para de botar batatas fritas na boca (eu digo que pare), ela me olha lacrimosa (o engasgo faz isso) e a mistura do bolo mastigado + suco + secreção vai saindo de sua boca, em um devagar que não é vômito, apenas vai caindo sobre o prato; ela coloca mais batata na boca (eu ameaço brigar, mas já não consigo; ela me olha), digo que está tudo bem, ela vai pondo para fora e me olha ao fim de cada regurgitação (todo mundo sabe que não está tudo bem, que ninguém mais vai ficar tudo bem);

tentamos mais suco a ver se desce, mas só produz mais daquela mistura prestes a sair de sua boca; sai; Rose que não chega!, pego um rolo de papel toalha e vou secando a mesa, o prato, o corpo de minha avó, da pessoa que amo e que agora se traduz na dificuldade de tudo o que é vida (comer, dormir, excretar), ela pega mais batata e já não sei como meus olhos resistem, imploro que não, que chega, que é para esperar um pouco, pelo menos até botar tudo para fora. Rose chega, fala “Ô, meu deus”, e leva minha avó para o banheiro. Elas nem saíram da sala e já estou chorando um choro entalado, sem couraça, quase copioso sobre o prato cheio.

*

Se preciso estender os braços para algo que sai de mim, primeiro abro inquérito para descobrir como foi que entrou. Se preciso fechar as mãos para segurar alguém (alguém que se abre inteiro para mim), deixo que a textura exponha uma leitura que nunca soube bem como fazer. Se insisto em fechar as mãos, mesmo que para segurar a caneta, isso insinua rochosidade e afastamento aos que nos amariam mais se iluminássemos ambas as portas — de entrada e de saída de dentro de nós. Esta mão fechada é para segurar a porta de saída, não a de entrada (como geralmente somos lidos). Tudo está dentro de nós. Tudo dentro de nós reverbera. Acordar, levantar, estar de pé, tudo é lidar com o corpo tremendo, vibrando com as cordas, com vozes que guardamos dentro. Esta mão fechada é para segurar a caneta e, com um empurrão de porta, escoar o volume grosso do que retemos. Porque quando queremos expor algo só conseguimos se extrairmos assim, à força. Para depois o mostrarmos dilacerado.

A ela sempre ofertei a mão ao atravessar.

Lembrar sempre assim: com todo o corpo, como se as articulações estalasse, o estômago voltasse a doer, as sinapses dessem uma travada no hd — e então se têm aqueles espasmos no pescoço, como se o livre-arbítrio desaparecesse por inteiro e estivéssemos entregues a certas lembranças que nos tomam à força os movimentos com o intuito, parece, de progressivamente nos paralisar. Lembrar até o limite: com todo o corpo tendo convulsões de madrugada, chorando em sonho para acordar com os olhos molhados, sangrando por rasgos

inéditos e esquecidos dos movimentos que iniciaram a própria abertura. Lembrar como se dança: *free style*. Uma sequência de improviso — aliada a uma falsa sensação de leveza — cuja técnica provém exatamente do esvaziamento do pensar que permite e sustenta a intensidade do fluxo. Até cairmos em algum fosso ou passarmos por alguma porta (interna e vertical) de amplitude tão íngreme que impede qualquer possibilidade de retorno sem escoriações.

Lembrar é verde-musgo, é verde-morte, cor dos hematomas, final de dança, um corpo em pé, em partes, em pranto estendido no chão.

Sinto não estar usando tanto o vento quanto deveria.

Coloco o corpo no varal a ver se seca. Quebro o teto, cai roldana, a área já é toda cordas e isso é quase um convite. Às vezes as pétalas de uma flor caem para dentro, depois que desabrocha, quando então este sopro para dentro anuncia finalmente que a flor irá fenecer.

Durante anos Olga Borelli ia visitar Clarice aos domingos às sete e meia em ponto. Tomavam café, iam à Praia Vermelha, almoçavam fora (sempre no mesmo restaurante) e iam ao cinema (se as poltronas não oferecessem conforto, saíam no meio mesmo o filme sendo bom). Lanchavam, voltavam para casa e viam alguma coisa na televisão antes de Olga se despedir. Todos os domingos, durante os últimos anos, ia visitar minha avó às 12h30 em ponto. Eu tocava o interfone e ela descia (às vezes me ligava antes, perguntando onde é que eu estava, que ela já estava morrendo de fome). Íamos sempre ao restaurante a quilo da Ataulfo esquina com a General Urquiza. Depois passamos a almoçar no português do Rio Design. Íamos andando e a cada esquina eu ofertava a ela a mão ao atravessar. Ela gostava dessa gentileza e sabia que aquilo — as mãos, o almoço, o dia — era eu cuidando dela. Depois do almoço, pegávamos a primeira sessão no Cinema Leblon (víamos qualquer filme, bom ou ruim, contanto que fosse o da primeira sessão), íamos à Travessa do shopping, então voltávamos de táxi até sua esquina onde tomávamos café. A deixava na sua portaria e me despedia sem subir. Às vezes ela dizia que me amava. Eu sempre a amei em silêncio.

Lobo Antunes diz que mais importante do que saber o que fizemos da nossa vida é saber o que fizemos da vida dos outros. Como vivo em constante guerra comigo mesmo, já não busquei nos outros perspectivas de paz. Não devo ter trazido a minha vó o que um filho traz: segurança e felicidade. Não é fácil ser vó de um homem coxo por dentro, que não ri de assuntinhos, tampouco se alegra com banalidades cotidianas. Não é fácil conviver, mesmo que aos domingos, com um homem que não traz paz. Para uma vó, pessoa velha e solitária, talvez tenha visto em mim um igual: alguém ranzinza e insatisfeito com os dias. O que fiz da vida dela, o que dei a ela foi só um corpo físico, uma presença. Ela via nisso o mundo, tão pouco que detinha.

*

Quem vive para dentro acaba, mais cedo ou mais tarde, perdendo a habilidade da pronúncia. A voz sai cada vez menos. A solidão nos seca a fala.

tem um pássaro preto no meu peito
 ele se alimenta da minha tristeza
 ganhou três quilos no último mês
 (extraí de mim seu *whey protein*?)
 mas isso não é nada
 ele é calmo e me degusta devagar
 raramente pesa
 às vezes nem percebo que está doendo
 só quando queima o esôfago ou o estômago acusa
 ou quando da glândula escorre um visgo estranho
 ou hemorroidas saltam
 tudo são marcas de seu aumento
 são vazamentos de seu chorume
 o atrito de suas penas em minha caixa torácica
 são a sua forma de dizer

*ei, eu ainda estou aqui
estas janelas abertas já não me dizem nada*

*

As alegrias agora são poucas, são ralas, são como aquelas masturbações dia
sim dia não que fazemos em dois ou três minutos, sem esforço nem vertigem,
auxiliada por óleo ou sabonete líquido qualquer, uma coisa sem sabor nenhum,
que fazemos apenas para aquietar o corpo, para mantê-lo calado, sem pedir; um
orgasmo tipo sopa, aguado, desolador e mais melancólico do que triste
um corpo já sem festa pelas frestas
festa pelas frestas – riu sozinho
ria sozinho o tempo inteiro
um homem tatuado
de 30 anos e com vários pulsos
disponíveis para cortar
30 anos e só agora magro
com barba falha
as mãos pequenas e
um olhar triste de Jon Snow

discretamente infeliz

Sento em um café para ouvir Beethoven e ler Clarice, para que esta
segunda-feira vazia seja como todas as dezenas de segundas-feiras vazias que
preenchi com expresso e literatura nos últimos anos que vivi me convencendo ser
possível isso me bastar. Leio Clarice e o diário de uma advogada portuguesa
quando entra uma senhora de blusa listrada larga, calças adidas e tênis preto/rosa
de academia. Como os velhos, ela tem as veias da mão ressaltadas. Como minha
vó, tem a pele mais escurecida, queimada de praia, enquanto pede um chá com

torrada. Minha vó pintava os cabelos, esta senhora os tem grisalhos e derruba o chá na mesa. Minha vó, todos os domingos comigo, tomava capuccino descafeinado no Armazém do Café, na Rita Ludolf, esquina de sua casa. Sinto que fiz pouco carinho nela, mas muito afeto me deixa desconfortável, nunca sei quando é hora de acabar um abraço, um dar de mãos. Só soube não cessar com a última por quem sangrei, a quem dispus meu corpo, meu amor, minha vulnerabilidade sem controlar a fundura com que ela, a seu tempo, me revelava. A senhorinha pede a conta e a máquina. Tem aqueles movimentos lentos, típicos dos idosos. Minha vó dançava, fazia academia, tinha medo de ficar na rua depois das 17h e pintava barcos e árvores no alvorecer. Passou a pagar no débito depois que a ensinei a usar o cartão na maquininha. Lia *best-sellers* vagabundos e hoje não existe mais. A última vez que chorei neste café foi lendo Caio F, “Os dragões não conhecem o paraíso”, que me revelou ser aquele dragão de abril que, independente do amor bruto que possuí, veio ao mundo fadado à solidão. Sem a última e minha vó, eu — que somente a raros me permito abertura — eu agora não possuo a quem me entregar. A questão nunca foi receber, entende? A questão é que eu já não tenho mais a quem direcionar o meu afeto, entende?

Jurandir abaixa a cabeça. Assente.

Ele já não fala mais nada.

5. Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. **A vida gritando nos cantos: crônicas inéditas em livro (1986 – 1996)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ABREU, Caio Fernando. **O ovo apunhalado**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ABREU, Caio Fernando. **Pedras de Calcutá**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Agir: Sinergia: Ediouro, 2009.

ABREU, Caio Fernando. **Triângulo das águas**. São Paulo: Siciliano, 1991.

AIRA, Cesar. **Pequeno manual de procedimentos**. Pesquisas dos originais e tradução de Eduard Marquardt; organização de Marco Maschio Chaga. Curitiba: Arte & Letra, 2007.

ANDRADE, Paulo. **Torquato Neto: uma poética de estilhaços**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

ANTUNES, António Lobo. **As coisas da vida: 60 crônicas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

ANTUNES, António Lobo. Entrevista ao periódico virtual **Visão** em 23.12.2013 consultado em 07.05.2016, disponível em <http://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/entrevista-a-antonio-lobo-antunes=f762828>.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

- BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913 - 1954**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- BRITTO, Paulo Henriques. **Trovar Claro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BUKOWSKI, Charles. **Escrever para não enlouquecer**. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CAMARGO, João. **Manual de Apicultura**. Ouro Fino: Editora Agronômica Ceres, 1972.
- CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CESAR, Ana Cristina. **Escritos no Rio**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CHIARA, Ana Cristina. **Ensaio de possessão: (irrespiráveis)**. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.
- DELLEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.
- DINIZ, Cristiano (org.). **Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2013.
- DIP, Paula. **Em uma hora assim escura: a paixão literária de Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F – cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- FERRAZ, Eucanaã. **Sentimental**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FONTELA, Orides. **Poesia completa**. Organização de Luis Dolhnikoff. São Paulo: Hedra, 2015.
- GURGEL, Nonato. **Luvas na marginalia: escritos sobre a poética de Ana Cristina Cesar**. Rio de Janeiro: Móbile, 2016.
- HILST, Hilda. **A obscena senhora D**. São Paulo: Globo, 2001.
- HILST, Hilda. **Cascos & carícias & outras crônicas (1992 – 1995)**. São Paulo: Globo, 2006.
- HILST, Hilda. **Com meus olhos de cão**. São Paulo: Globo, 2006.

HILST, Hilda. **Da morte. Odes mínimas.** São Paulo: Globo, 2004.

HILST, Hilda. **Do desejo.** São Paulo: Globo, 2004.

HILST, Hilda. **Fluxo-floema.** São Paulo: Globo, 2003.

HILST, Hilda. **Kadosh.** São Paulo: Globo, 2002.

HILST, Hilda. **O caderno rosa de Lori Lamby.** São Paulo: Globo, 2005.

HILST, Hilda. **Rútilos.** São Paulo: Globo, 2003.

HILST, Hilda. **Tu não te moves de ti.** São Paulo: Globo, 2004.

Jornal Plástico Bolha. Ano 1 - Número 8 - Outubro/2006. Também disponível em <http://www.jornalplasticobolha.com.br/pb8/entrevista.htm>

LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEMINSKI, Paulo. **Vida: Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trótski – 4 biografias.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEONE, Luciana Marí adi. **Ana C.: as tramas da consagração.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro, Rocco: 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro, Rocco: 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H..** Rio de Janeiro, Rocco: 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Correspondências.** Org. Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Entrevistas.** Org. Claire Williams. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina.** Rio de Janeiro, Rocco: 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família.** Rio de Janeiro, Rocco: 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro, Rocco: 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.** Rio de Janeiro, Rocco: 1998.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

MORICONI, Italo. **Ana C: o sangue de uma poeta**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1996.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MUXFELDT, Hugo. **Apicultura para todos**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1970.

NETO, Torquato. **Torquatália: obra reunida de Torquato Neto**. Organização de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Panorama com Clarice Lispector. 1/2/1977. Disponível no canal TV Cultura Digital no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Ricardo Reis/Fernando Pessoa**. Org. Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RAMOS, Nuno. **Ó**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

RAMOS, Ramon. **Caroço**. São Paulo: Editora Patuá, 2013.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristovão Rilke**. Traduções de Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2013.

RIMBAUD, Arthur. **Uma temporada no inferno & Iluminações**. Trad. Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.

SABINO, Fernando. **Cartas perto do coração / Fernando Sabino, Clarice Lispector**. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. COLASANTI, Marina. **Com Clarice**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SÜSSEKIND, Flora. **Até segunda ordem não me risque nada: os cadernos, rascunhos e a poesia-em-vozes de Ana Cristina Cesar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VALENTE, Edson. **Raiz forte**. São Paulo: Editora Patuá, 2015.

VAZ, Toninho. **A biografia de Torquato Neto**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

VAZ, Toninho. **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim**. Rio de Janeiro: Record, 2001.